



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS

LENNICE MATIAS DA SILVA NOBRE

**IMPLICAÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO POR MEIO DO CORDEL: AS
MULHERES HEROÍNAS DA ZONA RURAL**

ARAGUAÍNA-TO

2020

LENNICE MATIAS DA SILVA NOBRE

**IMPLICAÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO POR MEIO DO CORDEL: AS
MULHERES HEROÍNAS DA ZONA RURAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Cristina Testa.

Araguaína - TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N754i Nobre, Lennice Matias da Silva.

Implicações do trabalho pedagógico por meio do cordel: as mulheres heroínas da zona rural. / Lennice Matias da Silva Nobre. – Araguaína, TO, 2020.

133 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.

Orientadora : Eliane Cristina Testa

1. Ensino de Literatura. 2. Cordel. 3. Letramento Literário. 4. Poesia. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



LENNICE MATIAS DA SILVA NOBRE

**IMPLICAÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO POR MEIO DO CORDEL:
AS MULHERES HEROÍNAS DA ZONA RURAL**

Dissertação defendida no Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 09, 07, 2020 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA DE QUALIFICAÇÃO

Eliane Testa

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa
Orientadora e Presidente da banca UFT/ PPGL

Dr. Eliane Testa

Profa. Dra. Janete da Silva Santos UFT/ PPGL
Examinadora interna

Dr. Eliane Testa

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior - UNB
Examinador externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a meu pai, Celso, (*in memoriam*) que sempre me incentivou a estudar e nunca mediu esforços para que eu pudesse ter uma formação, dele aprendi que com esforço e humildade podemos conquistar muito do que sonhamos, espero que “lá de cima” ele possa estar orgulhoso por mais este passo que estou dando em minha busca por conhecimento. Igualmente especiais, não poderia esquecer da minha mãe, Celeste, que desde cedo me apresentou ao mundo encantado do cordel, pois esta era a leitura preferida dela e este contato sem dúvida acrescentou muito à minha pessoa; do meu esposo, Igor, e dos meus filhos, Kauana Eduarda e Káirus, que me deram a força necessária para que eu me mantivesse firme diante do meu objetivo traçado, mesmo diante de tantos obstáculos como a distância, o cansaço, o pouco tempo livre para me dedicar aos estudos, eles foram o bálsamo para que eu pudesse traçar esse caminho de forma mais leve.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois a Ele atribuo tudo o que sou, e tudo em minha vida se fundamenta a partir da sua presença em minha vida e sem Ele não sou nada. Em seguida agradeço à minha família, pais, marido e filhos que sempre estiveram ao meu lado me incentivando a perseverar e manter-me firme diante da busca dos meus objetivos.

Agradeço também à família do meu esposo, que me acolheu nessas semanas fora de casa para as aulas do Profletras, sempre se disponibilizando de forma solícita para que eu alcançasse meu propósito.

Agradeço também aos meus colegas de escola, Igor, Meire, Carmem, Fernanda, Alex, Moésio e Simone que tanto contribuíram para que eu pudesse alcançar o meu objetivo estando sempre disponíveis a me ajudar durante as semanas em que estive ausente da escola, sem a gentileza deles, com certeza, tudo teria sido muito mais difícil de se concretizar.

Não poderia deixar de agradecer, também, aos alunos do 9º ano, turma onde realizei a pesquisa, pois estes, em sua grande maioria, contribuíram de forma espontânea e dedicada às atividades que lhes foram propostas.

À minha orientadora Eliane Cristina Testa, que com todo seu conhecimento, paciência e delicadeza estiveram junto comigo me auxiliando e contribuindo para concretização deste trabalho e por ter me apresentado à obra “Heróínas negras: em 15 cordéis” de Jarid Arraes.

Um agradecimento especial a esta poeta e escritora “Jarid Arraes”, inspiradora do meu trabalho, incluindo a interlocução que fiz com o título do seu livro “Heróínas negras: em 15 cordéis” na dissertação.

Agradeço, também, a oportunidade de participar, como minicurso, das aulas da professora Ana Crélia Dias, que numa troca de experiências e sob à luz de grandes escritoras só veio a somar às minhas práticas pedagógicas no ensino de Literatura.

Por todo o conhecimento, as teorias estudadas, as reflexões no que concerne às minhas práticas escolares, tenho muito a agradecer aos professores com os quais tive a oportunidade de aprender: Selma Abdala, Miliane Moreira, Ana Cláudia Castiglione, Márcio Araújo, Francisco Edviges, João de Deus Leite, Luiza Helena Oliveira, Luiz Roberto Peel e Eliane Testa.

“Uma mulher¹ muito sofrida
Que não teve mocidade
Não pôde nem estudar
E com outras dificuldades
Teve seus sete filhinhos
Mas não teve oportunidades

Mas na vida tudo venceu
Ela sempre teve capacidade
Mesmo com toda sua lida
Nunca quis ir pra cidade
E a ela dou todo valor
E desejo muitas felicidades”.

(Ana Caroliny Ribeiro e Aline Ribeiro –
alunas do 9º ano)

¹ Esta mulher apresentada no poema é a avó materna das alunas, que são irmãs.

RESUMO

O presente estudo trata das implicações do trabalho com o cordel realizado com uma turma de 9º ano em uma escola pública da rede estadual de ensino no local de nossa pesquisa. Objetivo central deste estudo foi o de efetivar o letramento literário a partir das práticas de leitura e de escrita de textos literários. Metodologicamente, essa pesquisa privilegia a sequência básica e expandida de Rildo Cosson (2018), com uma análise de viés qualitativo interpretativista. Como fundamentação teórica nos apoiamos nos seguintes autores: Antonio Candido (2006), Regina Zilberman (2008), Miguel P. Barros (2015) Ana M. O. Galvão (2002), Ana C. Marinho e Hélder Pinheiro (2012), Jarid Arraes (2017), Paul Zumthor (2018) e Pierre Barbéris (2006). Como resultados apontamos que, mesmo diante de tantas problemáticas no tocante ao ensino de literatura, é possível no âmbito escolar, a partir das práticas de letramento literário, expandir a leitura de textos literários e as produções textuais de modo que haja mais identificação e sentido para os alunos em sua vida social integrando-os a vários saberes e a modos de enfrentamentos.

Palavras-Chave: Cordel. Letramento literário. Ensino de literatura. Poesia. Formação de Professores.

ABSTRACT

The present study deals with the implications of working with the cordel conducted with a group of 9th graders at a public state school. The central objective of this study was to accomplish the literacy literacy from the practices of reading and writing of literacy texts. Methodologically, this research focuses on the basic and expanded sequence proposed by Rildo Cosson (2018), with an interpretative qualitative analysis. As a theoretical framework we support the following authors: Antonio Candido (2006), Regina Zilberman (2008), Miguel P. Barros (2015), Ana Maria O. Galvão (2002), Ana C. Marinho e Hélder Pinheiro (2012), Jarid Arraes (2017), Paul Zumthor (2018) and Pierre Barbéris (2006). As a result, we point out that, even facing so many problems in relation to the teaching of literature it is possible in schools, from the literacy literacy practices, to expand the reading of literacy texts and the textual productions so that there will be more identification and meaning for students in their social life by integrating the various knowledges and the copings ways.

Keywords: Cordel. Literacy literacy. Teaching of literature. Poetry. Teacher training.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANMTR Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais
BNCC Base Nacional Curricular Comum
DCT Documento Curricular do Tocantins
FUNASA Fundação Nacional de Saúde
INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDP Livro Didático de Língua Portuguesa
MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMC Movimento de Mulheres Camponesas
MST Movimento dos Sem Terra
MIQCB Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu
NEAD Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
PPP Projeto Político Pedagógico
PRONAF Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SPM Secretaria de Políticas para as Mulheres

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Atual prédio escolar (2019).....	22
Figura 2. Barracão escolar coberto de palha e lona (1995).....	23
Figura 3. Barracão escolar de madeira (2004).....	23
Figura 4. Produção de cordel por alunas do 9º ano.....	87,88
Figura 5. Carta de aluna da turma pesquisada 9º ano.....	89
Figura 6. Produção de cordel pelas alunas Ana Caroliny Ribeiro - 9º ano.....	92,93,94
Figura 7. Produção de cordel pelas alunas Émyle Carvalho e Lara Pires 9º ano.....	95
Figura 8. Produção de cordel pelas alunas Luciele Alves e Beatriz Rocha - 9º ano.....	96, 97
Figura 9. Produção de cordel pelas alunas Évyllle Lourrany Alves e Janaína do Reis Moraes - 9º ano.....	99,100
Figura 10. Produção de cordel pelo aluno Edicley Ribeiro dos Santos - 9º ano.....	101
Figura 11. Produção de cordel pelas alunas José Renato Mendes da Silva e Ricardo Rocha -. 9º ano.....	102
Figura 12. Produção de cordel pelas alunas Ana Karolyne Gonçalves e Carla Franciele Nunes - 9º ano.....	104,105

TABELA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Resultados de diagnóstico realizado com a turma (9º ano) em pesquisa.....	26
Gráfico 2. Resultados de diagnóstico realizado com a turma (9º ano) em pesquisa.....	27
Gráfico 3. Resultados de diagnóstico realizado com a turma (9º ano) em pesquisa.....	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. LEVANTAMENTO SOBRE A ESCOLA.....	22
2.1 Conhecendo a turma	25
2.2 Contexto sócio-histórico do assentamento.....	29
2.3 Caminhos e perspectivas metodológicos.....	32
3. CAMINHOS TEÓRICOS: O CORDEL	40
3.1 Breve apresentação sobre o cordel.....	40
3.2 O cordel no ensino fundamental	48
3.3 Letramento literário	55
3.4 Práticas de oralidade do cordel: vozes que se cruzam	60
4. RELAÇÕES DE GÊNERO NO CORDEL NA PERSPECTIVA DA MULHER	67
4.1 Mulheres e suas relações com o campo.....	73
5. ANÁLISE DOS DADOS GERADOS	80
5.1 Análise das atividades orais em sala de aula.....	81
5.2 Do uso do letramento literário.....	85
6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	90
6.1 Análise dos cordéis da turma do 9º ano.....	91
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DIRECIONADO AOS ALUNOS	113
APÊNDICE 2- FOTOS DA MANHÃ LITERÁRIA	115
APÊNDICE 3- PLANOS DE AULA.....	117

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “Implicações do trabalho pedagógico por meio do cordel: as mulheres heroínas da zona rural” discute o uso do cordel em sala de aula, já que esse gênero é considerado uma manifestação literária importante no Brasil, comumente, oriundo do meio popular, o que acaba refletindo, também, diferentes processos culturais do nosso país. Desta maneira, trouxemos o cordel para a realidade da zona rural, pois consideramos o mesmo uma expressão ampla sócio-literária, em que o contexto histórico, cultural e literário podem interagir e (re)criar linguagens e realidades. Sobre esta relação entre obra e condições sociais, Antonio Candido (2006, p. 61) destaca que “A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos”. Assim, será por meio do cordel que tentaremos explorar a vida das heroínas do meio rural.

Logicamente que, como nos afirma Candido (2006), a influência dos fatores sociais na produção de uma obra literária não está acima do impulso do próprio autor, contudo, nesta relação entre o autor, obra e o público, é através deste último que se dá realidade e sentido à obra, pois, segundo o mesmo autor: “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”. (CANDIDO, 2006, p. 47). Assim, vemos o quanto os receptores das obras são fundamentais para a “realização/existência” da obra, pois são eles que irão dar sentido à obra/leitura.

Desta maneira, a literatura de cordel, que tem “origens” centradas na oralidade, acaba por ter uma potente expansão em ambientes populares, sendo absorvida, desde os seus primórdios, por grupos de pessoas iletradas. Hélder Pinheiro, numa obra intitulada “Poesia na sala de aula” (2018) comenta que o cordel marcou seu primeiro contato com a poesia e explica que sua paixão pela poesia surgiu pela literatura oral, principalmente, no meio popular com “violeiros, emboladores e, sobretudo, com familiares que recitavam poemas ou pequenas quadras” (PINHEIRO, 2018, p. 101). O autor além de tratar da sua paixão pelo cordel, toca em questões importantíssimas para o texto-cordel: a da leitura (individual ou coletiva) e de ritmo, pois os cordéis contêm muita musicalidade e isso pode afetar os alunos (ou ouvintes) de modos surpreendentes.

Por isso, o cordel consegue estabelecer importantes laços entre os ouvintes, já que ele preserva e fortalece mitos, crenças, reforçando assim, tradições e valores culturais. Ademais,

esse fortalecimento cultural volta-se, em especial, à coletividade, sendo assim, as histórias vivificam os poemas e os cordelistas se tornam porta-vozes do povo, com isso se cria arte e diferentes emoções coletivas. Como afirma Candido (2006) a seguir:

A beleza ou a expressividade dependem do tipo de plenitude que a poesia proporciona, estilizando e de certo modo recapitulando a experiência coletiva. E o ato criador aparece como uma espécie de operação, de ação adequada sobre a realidade, possibilitada pela *ilusão*. (CANDIDO, 2006, p. 72).

Nesse sentido, o texto alimenta a cultura, assim como a cultura o alimenta, especialmente, por “representar” realidades vividas e “verdades” ficcionais, possibilitando diferentes experiências estéticas e culturais, com grande beleza, expressividade e/ou plenitude.

A literatura é inerente à sociedade, seja a erudita ou seja a popular, ela traz manifestada em si as expressões de uma coletividade ou de um povo, tornando-se, pois, indispensável/imprescindível aos seres humanos. Por isso, é um direito de todos usufruírem deste conhecimento gerado pela força da palavra e do texto. Recorremos novamente a Candido (2006), que defende que a literatura humaniza, porém, não necessariamente nos fazendo pessoas sem “defeitos ou melhores”, mas ela pode ampliar nossa consciência quando nos identificamos (ou entramos em contato) com um texto. Além disso, a literatura é capaz de promover em nós uma capacidade maior de compreendermos a nós mesmos e aos outros, uma vez que, ela nos ajuda a lidarmos com nossos próprios conflitos e até mesmo nos munir com recursos para enfrentarmos melhor os conflitos da existência.

E por que escolhemos trabalhar com a literatura no ambiente escolar? Em primeiro lugar, pelo que foi exposto acima; em segundo, porque ainda, hoje, a literatura sofre com a falta de uma escolarização adequada, mas, também, porque a literatura acaba sendo invisibilizada (ou afastada do letramento literário) em muitos manuais didáticos de língua portuguesa presentes nas escolas brasileiras, comprometendo a interação efetiva texto-leitor. Além do mais, como atuamos numa escola rural, selecionamos o gênero popular cordel para desenvolver nosso estudo, principalmente, por trazer em seus modos de transmissão ricas características de oralidade, às quais podem proporcionar momentos de leituras, posicionamentos e debates, dando voz e vez ao aluno, tornando-o um falante ativo e competente, além de outras possíveis contribuições no ambiente escolar, já que acreditamos que esta literatura popular busca expressar um diálogo entre autor, texto e leitor. Ademais, nosso estudo é uma pesquisa-ação, sobretudo, uma pesquisa de intervenção com caráter qualitativo, o que irá, pois, contribuir concretamente em nosso trabalho em sala de aula e

quanto à análise dos dados gerados, este se deu pelo viés da sociocrítica e da interpretação hermenêutica.

Ao refletirmos sobre este déficit no ensino de literatura ou, ao vermos/sentirmos a falta de interesse dos alunos em relação à leitura literária, acreditamos que o cordel possa despertar nos alunos um interesse maior e mais vivo, já que os “folhetos” /textos mantêm uma proximidade com as formas de representação que se imbricam na cultura popular, além de eles abrirem espaços para discussões de temas polêmicos de modo mais amplo e, até mesmo, de modo mais estético e ético. Por isso, cremos que o cordel possa significar uma oportunidade de “transformar” a visão do aluno sobre a leitura literária e/ou sobre a literatura, sobretudo, quando este texto insere as classes menos favorecidas, como os negros, a mulher, sertanejos, índios e nordestinos. A escola tem que ser um lugar de valorização das diferentes classes sociais, é a partir dela que os direitos humanos podem ser respeitados de forma mais igualitária, como orienta a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) a seguir:

tendo por base o compromisso da escola de propiciar uma formação integral, balizada pelos direitos e princípios democráticos, é preciso considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas, incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola. (BNCC, 2018, p. 59).

Deste modo, temos que ter consciência do papel social da escola e buscarmos, como professores de escolas públicas, pôr em ação trabalhos pedagógicos que impliquem concretizar diferentes princípios democráticos do processo de ensino e aprendizagem, especialmente, aqueles voltados a uma desnaturalização das violências simbólicas, já que elas integram as sociedades contemporâneas constituídas principalmente por um sistema capitalista excludente e bastante perverso com os grupos ditos “minoritários”. Assim, é preciso repensarmos constantemente nossas práticas docentes e buscarmos, cada vez mais, “mediar” ou transmitir uma formação mais integral e humanística.

Mas, voltando à questão do cordel, como já falamos anteriormente, nesse trabalho, a questão da oralidade presente no cordel é de grande importância para nós (e para os alunos também), pois esta pode favorecer não só o desempenho da leitura em voz alta em sala de aula, ou seja, a oralização, mas como também e, principalmente, pode levar o nosso aluno a se posicionar diante das leituras feitas, usando estratégias argumentativas para defesa da sua compreensão diante dos diferentes discursos em torno do texto lido, como práticas efetivas de oralidade. No nosso dia-a-dia, constatamos que trabalhar em nosso aluno questões inerentes à oralidade é uma habilidade complexa para ser desenvolvida, que demanda muito trabalho e

preparo do professor, pois nem sempre o aluno está disposto a expressar-se e se posicionar sociodiscursivamente, às vezes, até a prática de oralização de textos não é aceita agradavelmente por todos, por isso encorajar o nosso aluno a expressar-se oralmente passa a ser um desafio para nós também.

O que observamos em nossas práticas pedagógicas é que, geralmente, os alunos não gostam de ler em voz alta (ou não foram preparados de modo adequado), mesmo que seja apenas como uma simples decodificação, então, parece que só o praticar a leitura não está sendo suficiente, destarte, não teriam os alunos que ser “verdadeiramente” afetos pelas leituras, sendo atingidos pelas mesmas, a ponto de se tornarem capazes de posicionar-se criticamente e reflexivamente diante destas leituras como produção de sentido?

Acreditamos que o aluno só consiga se expressar oralmente quando há neste uma confiança em si mesmo. Por isso, se faz necessário dar ao aluno a oportunidade de ele usar a sua voz e expressar as suas subjetividades, mostrando na coletividade que a sua opinião é respeitada e a sua voz é ouvida. Contudo, isso é um processo em que o aluno necessita ser um sujeito ativo e autoconfiante, para que se desenvolva e amadureça cada vez mais como um falante capaz de expor seus posicionamentos, cabendo ao professor disponibilizar estes momentos para tal prática.

Embora o aluno chegue a escola sendo capaz de praticar a oralidade em momentos triviais de sua vida, na escola ele tem dificuldade de o fazer, pois, muitas vezes, em atividades sugeridas como leitura, ou quando é proposto ao estudante falar em sala, expondo suas opiniões, o aluno pode encontrar diferentes barreiras, às quais ele precisa superar, e com a mediação do professor isto pode ocorrer. Segundo Márcia Porto (2009):

No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade. (PORTO, 2009, p. 22).

Não é somente por causa da habilidade com a língua que o professor deve explorar a oralidade em sala de aula, mas, porque ela se torna uma valiosa oportunidade para que o aluno experimente a literatura de forma mais ampla. Olhando nossas práticas docentes, acreditamos na questão da oralidade como um fator fundamental para a exploração da literatura ou da leitura literária. Como exemplo próprio desta experiência, destacamos a sua importância não por termos praticado a oralidade do cordel na escola, mas, por tê-la praticado em casa; pois

tínhamos muitos folhetos de cordel aos quais liamos vorazmente, várias e várias vezes, para depois discutirmos as temáticas e as histórias dos livretos. Este hábito de leitura e o contato com os cordéis despertaram um gosto, desde cedo pela produção de poemas na adolescência e na juventude e, talvez, também graças a estas leituras e discussões, a oratória nunca foi um problema, pelo contrário falar em público sempre souo como algo agradável, por isso acreditamos que o cordel foi fundamental em nossas experiências literárias, assim como em nossa experiência de vida.

É claro que sabemos que há uma diferença entre a leitura feita fora da escola e aquela que nos é imposta pelo professor/escola, mas, também, sabemos que os tempos são outros e na nossa época televisão era privilégio para poucos, então a leitura literária acabava sendo a forma de conhecimento mais presente em nossa realidade. Hoje, nem todos os alunos possuem o hábito de leitura literária em suas casas, parece que o texto impresso perdeu lugar para as tantas tecnologias e mídias a que o jovem tem acesso, mas eles andam longe de um “letramento digital”, pois, grande parte fica horas a fio em redes sociais ou se detém em leituras rasas. Sendo assim, a escola mais do que nunca deve ser o local onde se privilegie o contato com o texto literário (que pode até ser por meio do celular), mas cabe à escola atual o grande desafio de contribuir significativamente para aumentar o gosto pela leitura literária, sendo ela explorada na mídia papel ou em outras mídias, o importante é propiciá-la de forma significativa ao aluno.

Principalmente, porque na escola o que tem se privilegiado é o trabalho com os gêneros textuais, em especial, seguindo orientações que preconizam que a escola precisa trabalhar diversos textos que circulam na sociedade, porém, acaba que o foco central é voltado à escrita e não à leitura significativa do texto, tornando esse contato com o texto, um ato descompromissado e sem sentido, em que o mesmo passa a ser um objeto usado apenas para se destacar as características presentes na estrutura do gênero a que pertence. Então, é necessário que o professor busque métodos que resgatem uma leitura produtiva, seja em textos literários ou não, contemplando toda a amplitude texto-leitor; e destacamos aqui como fundamental as experiências com textos literários a fim de possibilitar ao aluno vivências expressivas e significativas a partir destas leituras.

Nas palavras de Ezequiel Theodoro da Silva (2008), a literatura depende de uma escolarização adequada, pode ser forte (sem meios termos) ou fraca a depender do tratamento (ou das práticas pedagógicas) concedido a ela. Por isso, afirma que:

A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo, se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas. (SILVA, 2008, p. 46).

Dessa maneira, como alerta o autor, na citação acima, precisamos sair do comodismo, das práticas desencontradas ou sem sentido, dos caminhos da facilidade, acreditando que a literatura não é exigente e sabemos que ela o é. Assim, precisamos encarar o texto literário como um meio transformador e o contato do leitor com a obra deve levar ao prazer literário e não, apenas, à fruição.

Para Paul Zumthor (2018):

Que um texto seja reconhecido por poético(literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza. (ZUMTHOR, 2018, p. 34)

Para o autor, um texto literário traz consigo a capacidade de nos despertar prazer em sua leitura, e acreditamos ser esse um dos diferenciais sentido por nosso corpo, entre uma leitura literária e outro texto não literário; e a partir daí o texto vai nos adornando de outras peculiaridades transformadoras, pois, a leitura literária não funciona como um adorno ou um passatempo, mas como uma boa experiência para nossa própria construção, suscitando, assim, nosso posicionamento intelectual e nos levando a incorporar novas experiências.

Para Regina Zilberman (2008):

O exercício da leitura é o ponto de partida para o acercamento à literatura. A escola dificilmente o estimulou, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática. Hoje, quando o ensino está em crise, apresenta-se como necessidade prioritária, pois faculta a reaproximação a um objeto tornado estranho no meio escolar. Porém, talvez se constitua também no ponto de chegada, na medida em que oferece alternativas daquelas recorrentes na história da educação. (ZILBERMAN, 2008, p. 24)

O que a autora defende é que devemos refazer um caminho para (re) aproximação do aluno com a leitura literária, não apenas, por uma via de uma prática pragmática, mas, por uma que faça sentido na vida do aluno e permaneça muito além da escola. Por isso, o texto literário deve ser prioridade nas salas de aula e nas aulas de língua portuguesa.

Talvez, sob o olhar de alguns educadores mais conservadores/tradicionais, trabalhar com a literatura popular não seria tão válido, pois alguns destes defendem somente o uso da literatura erudita em sala de aula. Contudo, como não valorizar a literatura popular, uma vez que, ela também traz uma riqueza literária muito ampla.

De acordo com Silva JR (2013, p. 8), “Ao trabalhar com performance, oralidade, vocalidade e cultura popular, o pesquisador defronta-se com preconceitos forjados, importados e mal-traduzidos”, reflexo de uma sociedade que valoriza o escrito e a chamada “literatura difícil”. Diante disso, percebemos a necessidade em se trabalhar em nossas escolas a literatura popular como forma de afirmação da sua vasta contribuição literária.

Segundo Candido o autor Mário de Andrade defendia que “a esfera erudita e a popular trocam influências de maneira incessante, fazendo da criação literária e artística um fenômeno de vasta intercomunicação”. (CANDIDO, 2017, p. 190). O que defende o autor, ajuda-nos a (re) pensar os processos intercomunicativos nas nossas práticas docentes e o quanto isso pode fazer com que o aluno se desenvolva mais culturalmente. E a escola pode representar muito bem um elo de ligação voltada à concretização da intercomunicação entre o popular e o erudito, principalmente, numa sociedade de ampla desigualdade social e econômica como a nossa.

Desta maneira, mesclar a literatura popular (que possui uma linguagem “digamos” mais acessível, mas, não menos rica culturalmente) com a literatura mais canônica (aquela com maior grau de exigência do leitor ou pela linguagem mais elaborada ou densa) é um modo de aproximar os alunos e uma forma de tentar formar leitores literários. Então, cabe ao professor explorar a contribuição que ambas literaturas podem trazer para o desenvolvimento do estudante tanto intelectual como sensivelmente.

Segundo a BNCC (2018):

A demanda cognitiva das atividades de leitura deve aumentar progressivamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Esta complexidade se expressa pela articulação:

[...]

- da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente. (BNCC, 2018, p. 73).

Assim, conforme orientação da BNCC (2018), o professor deve sempre buscar convergências entre os vários textos visando à formação ampla dos alunos. Contudo, neste trabalho o nosso foco é a cultura popular. Por isso, vamos oferecer repertórios para os alunos vivenciarem os textos da literatura popular.

Quanto à nossa pesquisa-ação, essa se dará com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de um assentamento localizado na zona rural, no município de Aragominas

(TO), que faz parte da rede Estadual de ensino. Metodologicamente seguiremos os passos da sequência didática proposta por Rildo Cosson, na obra intitulada de “Letramento Literário” (2018). Nossa proposta é seguir algumas etapas da sequência e trabalhar gradativamente o texto em sua totalidade, de forma intensa e detalhada. Para Cosson (2018):

A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. (COSSON, 2018, p. 29)

Por isso, com os nossos objetivos traçados e mediante o trabalho de intervenção nos fundamentamos nas ideias de letramento literário proposto por Cosson (2018) e outros autores, por acreditar em suas contribuições para o processo de leitura literária. Com a metodologia do letramento literário buscamos desenvolver estratégias de leitura e de escrita, sempre privilegiando o texto literário. Para Ezequiel Theodoro da Silva (2008):

O problema não está com a literatura nem com a educação; o problema está com o *ensino de literatura* ou, mais especificamente, com as pedagogias que, conforme são acionadas pelos professores, tentam (mas não conseguem) sustentar a formação de leitores no contexto das escolas. (SILVA, 2008, p. 55)

Ao analisarmos o que diz o autor, parece que ele reflete uma realidade recorrente de muitas práticas docentes, e na busca de se valorizar o texto literário em sua amplitude, buscamos por meio do cordel explorar esta ligação entre literatura e sociedade resgatando a história da própria comunidade dos alunos considerando alguns relatos de mulheres da zona rural, suas vivências e suas perspectivas de vida. A partir dos relatos adentramos na vida destas mulheres, mães, avós, amigas, vizinhas, despertando nos alunos uma relação viva com a sua própria realidade/comunidade, por meio da literatura de cordel. Pois,

[...] faz-se necessário trabalhar a literatura relacionando-a à vida do aluno, pois é exatamente isto que vai dar significados as suas leituras, em contextos de multidimensões, que estão sempre em diálogos com a vida. (FRANCO; TESTA. p. 207, 2018).

Trazer a literatura para perto da realidade do aluno, como nos afirma as autoras citadas, é proporcionar um maior significado tanto para suas leituras quanto para suas produções, possibilitando assim, um maior envolvimento do aluno com a literatura.

2. LEVANTAMENTO SOBRE A ESCOLA

Numa escola muito simples
 Onde reina paz e respeito
 Estudam adolescentes
 Que dos obstáculos têm feito
 Exemplos para aprender
 A ter dignidade no peito.
 Lennicé Matias (2019)

A escola onde encontra-se a turma que fará parte da presente pesquisa é pertencente à rede pública de ensino do estado Tocantins (Colégio Estadual Getúlio Vargas), localizado no assentamento Baviera situado na zona rural do município de Aragominas - TO, funcionando assim, como uma extensão, que fica a 80 quilômetros de distância da sede situada na cidade.

O prédio escolar é composto por quatro salas de aula, uma sala dos professores – onde também ficam armazenados alguns livros, pois a escola não possui nenhuma biblioteca – uma cantina e dois banheiros. Conforme a **figura 1**. Não há muros nos entornos do prédio escolar, o piso é de cimento queimado, as salas não são forradas e possuem dois ventiladores em cada uma delas.

Figura 1 - Atual prédio escolar (2019).



Fonte: arquivos da autora

A escola não possui computadores disponíveis para os alunos, há somente um computador para uso dos professores, acompanhado de uma impressora. Há também um aparelho de Datashow, uma televisão e um DVD. No local lecionam sete professores, sendo dois de cargos efetivos e cinco por contratos temporários, toda a parte de secretaria e direção ficam na sede na cidade de Aragominas. A escola possui ainda dois vigilantes noturnos, duas merendeiras e dois auxiliares de serviços gerais.

Entretanto, esta realidade e estrutura são recentes, porque as aulas passaram a funcionar neste prédio a partir do ano de 2008, anterior a esta data os alunos da região estudavam em barracões abertos, cobertos de lona ou de palha, em bancos de madeira feitos pelos próprios moradores em salas multisseriadas. Como ilustrado na **figura 2**:

Figura 2 - Barracão escolar coberto de palha e lona (1995).



Fonte: arquivos da autora

Posteriormente à situação descrita no parágrafo anterior, a associação de moradores construiu um barracão de madeira, com três salas e sem ventiladores. Nesse local os professores e as mães revezavam no preparo da merenda escolar, pois não havia merendeiras. Na **figura 3** abaixo, segue registro da instalação de madeira (a escola):

Figura 3- Barracão escolar de madeira (2004).



Fonte: arquivos da autora

Atualmente (Figura 1), a escola possui cerca de cento e cinco (105) alunos matriculados e funcionam uma sala de 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental no período matutino; e 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio, no período vespertino. Não há casos de superlotação. As séries de Ensino Fundamental possuem cerca de 15 a 20 alunos, enquanto no Ensino Médio esse número cai e geralmente as turmas de 3ª série costumam ter de 8 a 10 alunos. Fato este que decorre devido à necessidade dos alunos irem para a cidade fazer cursos profissionalizantes ou mesmo para trabalharem, é a luta pela sobrevivência. Verificamos que o maior índice de evasão escolar é do sexo masculino.

A escola também atende a alunos de fazendas e assentamentos vizinhos, os quais precisam utilizar o transporte escolar, e precisam acordar, em alguns casos, às 4h da manhã, pois a distância da casa até a escola chega a mais de 10 quilômetros. Esses alunos dependentes do transporte escolar acabam sendo prejudicados pelo fato de ser frequente os ônibus estarem quebrados e não realizarem sua rota escolar.

As famílias dos alunos, pertencentes à classe social de baixa renda, geralmente vivem da lavoura e da pecuária (são pequenos produtores rurais), o que comumente ocasiona faltas por parte dos estudantes, em especial, nas épocas de colheitas e de vacinação de animais. Todavia, a escola procura adequar-se às muitas realidades sociais (e de famílias de camponeses), principalmente, considerando que existem outros modos de viver numa comunidade rural, são os próprios alunos que revelam a necessidade de ajudarem seus pais em determinadas situações.

No que concerne à organização didático-pedagógica a escola trabalha com base no Documento Referência para Elaboração dos Planos de Ensino que encontra-se adequado à Nova Base Comum Curricular (BNCC, 2018), documento que determina as competências, as habilidades e as aprendizagens essenciais que o aluno deve desenvolver durante as etapas da Educação Básica.

Cada professor possui um dia específico para planejamento individual na escola que são completadas pelo seu planejamento feito em livre docência fora da escola. Há também um dia de planejamento coletivo, geralmente realizado à noite, por não ter aulas durante este período, onde na ocasião todos os docentes discutem sobre problemas, dão sugestões para o melhor funcionamento da escola, planejam ações, enfim é este um momento de troca de ideias e experiências.

A extensão escolar realiza alguns projetos anuais já previstos no Projeto Pedagógico Político (PPP, 2018), sendo eles: competição de xadrez, soletrando, competição de jogos

pedagógicos, jogos de interclasse com as modalidades futebol masculino e feminino, voleibol masculino e feminino, queimada e corrida. Há ainda momentos de interação com a comunidade através dos projetos da escola, tais como: festas juninas, manhã literária, dia da família na escola: comemoração ao dia das mães e dia dos pais, e uma noite cultural que encerra o ano letivo com múltiplas apresentações artísticas, realizadas pelos alunos, envolvendo peças teatrais de clássicos da literatura, produções textuais, danças, músicas, premiações de alunos destaques no ano letivo.

2.1 Conhecendo a turma

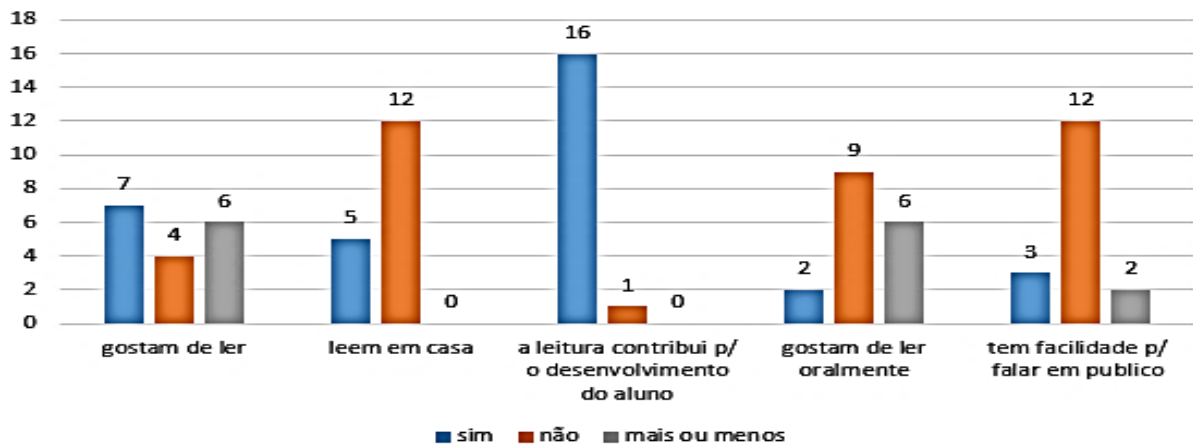
Uma turma de nono ano
 Como uma outra qualquer
 Mas sendo aluno do campo
 Tem que saber o que quer
 Pois a luta é constante
 Quem vive sabe como é
 Lennicé Matias (2019)

A turma do 9º ano em que a pesquisa foi realizada é composta por dezessete alunos, dentre os quais seis são do sexo masculino e onze pertencem ao sexo feminino. Com idade entre 13 e 17 anos. Quatro destes estudantes estão repetindo o ano escolar. Há, também, uma aluna com necessidades especiais, mas que não possui acompanhante em sala de aula, e o professor tem que estar apto a lidar com a aluna.

Segundo um questionário realizado por nós, na turma, grande parte dos alunos moram no assentamento há mais de onze anos, ou seja, cresceram no local. A estrutura familiar varia, alguns moram com os pais (8), outros só com o pai ou com a mãe (5) e têm os que vivem com os avós (4). A maioria dos responsáveis não possui emprego fixo e também não possuem habilidades de escrita (dentro daquilo que a sociedade grafocêntrica espera de domínio) e de leitura (com proficiência).

Transformamos os dados da nossa enquete (geração de dados) em termos de gráfico para melhor compreendermos a situação da leitura literária nesta turma a fim de planejarmos os passos a serem dados de acordo com a necessidade da turma e conseguimos elaborar os seguintes diagnósticos, contidos no **gráfico 1**:

Gráfico 1- diagnóstico realizado com a turma em pesquisa:



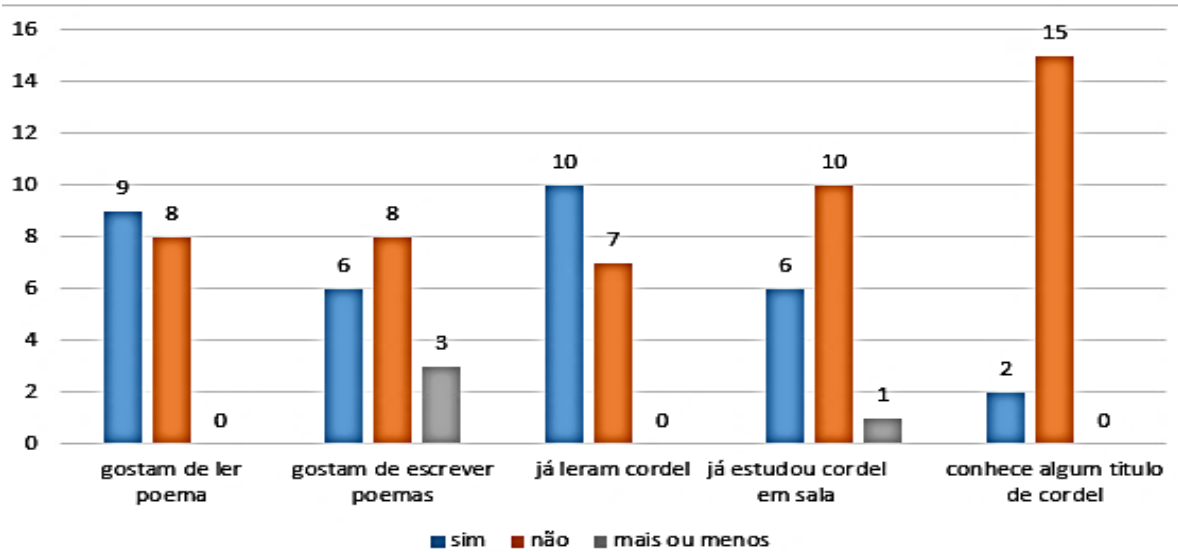
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

A turma ficou dividida ao responder se gostavam de ler literatura, contudo a maioria deles disseram gostar, mas ao que nos parece leem mais, quando solicitados no ambiente escolar, pois parte deles disseram não possuir o hábito de leitura em casa.

Ao investigarmos sobre a importância da leitura literária, grande parte dos alunos declarou que considera que a leitura influencia o seu desenvolvimento, melhorando seu aprendizado, sua leitura e escrita, o que demonstra que o nível de consciência que eles têm do papel que a leitura literária pode exercer na vida deles (mesmo que com intuítos de aquisição de conhecimentos); embora verificando este fato alguns estudantes declararam que não costuma ler em ambientes extraclasse.

Os alunos, ao serem investigados acerca da oralização de textos literários (leitura em voz alta), em sua maioria disseram não gostar de ler oralmente, pois conforme explicitam, dizem não possuírem habilidades para ler em público (os alunos dizem não terem facilidade para ler em voz alta) e revelaram alguns motivos como: timidez, vergonha e nervosismo. E quanto às práticas de oralidade, que envolvem expor suas opiniões, posicionamentos em público, a maior parte dos alunos disse não ter facilidade para o fazê-lo, seguindo os mesmos motivos apresentados sobre a oralização.

Quanto à referência ao gosto pela leitura de poemas, especificamente a de cordel, os alunos destacaram, conforme o **gráfico 2**, que:

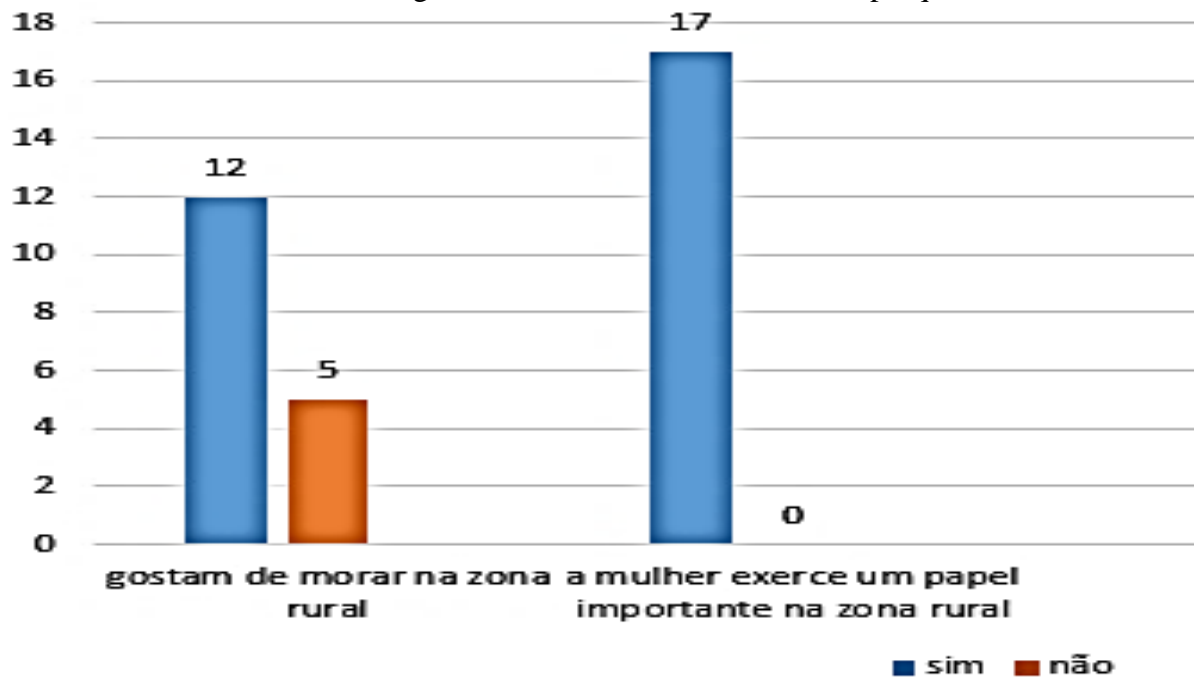
Gráfico 2 - diagnóstico realizado com a turma em pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Ao olharmos/lermos o Gráfico 2, vemos que uma pequena parcela gosta de ler poemas, pois acha este gênero interessante. Contudo, quase todos os alunos afirmam não gostar de escrever poemas. Sobre o gênero cordel, constatamos que os alunos já haviam lido um cordel, porém uma boa parte afirma não ter estudado ainda este gênero textual. Além disso, os estudantes declararam que sabiam que o cordel se tratava de um texto com rimas e que era um texto muito engraçado. Ademais, dois alunos citaram exemplos de folhetos *Lampião e Maria Bonita* e *O cavalo que defecava dinheiro*, mas, de modo geral, os alunos não recordavam títulos de cordéis.

Destacamos outro ponto da nossa consulta, que foi a temática a ser trabalhada com a turma: a mulher da zona rural (visando a produção de cordéis). Vejamos o **gráfico 3** abaixo:

Gráfico 3- Diagnóstico realizado com a turma em pesquisa:



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quanto à questão de morar na zona rural, vemos que os alunos expressam afirmativamente que gostam, e as justificativas variam muito, dentre algumas delas destacamos as seguintes: gostam de andar a cavalo, sentem-se mais livres, a tranquilidade do local que vivem (dizem ser menos perigoso que na cidade) e o acesso a bens materiais (os alunos dizem que não precisam comprar tudo se referindo ao cultivo de lavouras, as pequenas plantações, as aves, aos animais de corte etc.). Entretanto, alguns estudantes afirmaram não gostar de viver na zona rural e alegaram falta de locais de diversão (em comparação com a cidade) e também citaram como negativo não haver internet em suas casas nas chácaras.

Quando inqueridos sobre o papel da mulher na zona rural, todos responderam que a mulher tem um papel importante e apontaram o motivo para tal opinião, que foi o fato de a mulher do campo fazer os serviços domésticos, ajudar na roça, ajudar a apartar o gado, ajudar o marido, cuidar dos animais domésticos, cuidar dos filhos e cozinhar.

Depois de toda uma conversa acerca do motivo da pesquisa e do porquê dos nossos questionamentos, houve um interesse geral dos alunos em participar do projeto proposto por nós. Assim, foi dito que o principal intuito é o do trabalho com o cordel. E, mediante o panorama diagnosticado tornou-se um desafio, para nós, atuarmos pedagogicamente para conseguirmos perceber até que ponto o cordel pode ser um facilitador (ou não?) no campo da leitura e da escrita destes alunos (sem esquecer-se dos seus contributos socioculturais das

práticas de letramento literário). Por isso, nossa pesquisa incide em possíveis contribuições de letramento literário por meio da leitura e produção de cordéis.

2.2 Contexto sócio-histórico do assentamento

A vida de um assentado
 Nem sempre são só flores
 Mas viver a paz da roça
 Compensa outros desamores
 Uma vida regada a sossego
 Tem lá os seus sabores
 Lennicé Matias (2019)

A reforma Agrária no Brasil representou um importante passo para o acesso a terras por parte da população mais pobre do país. Esta conquista se deu graças à insistência e resistência de movimentos sociais de luta pela terra, em que os envolvidos vivendo em situações precárias, sem emprego, ou trabalhando em terras alheias se uniram em busca de um pedaço de chão, onde pudessem viver com mais dignidade.

O Assentamento Baviera, local onde se situa a escola em que se desenvolveu a pesquisa, fica localizado no município de Aragominas –TO e fez parte do processo de Reforma Agrária, em que o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), - segundo pesquisa realizada a partir de conversas com moradores locais - após várias negociações comprou a fazenda para a instalação das famílias. A partir daí a Câmara Municipal de Aragominas realizou uma reunião com toda a população local para assim apresentar todos os esclarecimentos sobre o processo de aquisição dos loteamentos. Então, a partir dos pré-requisitos para a aquisição do terreno, o INCRA começou a fazer o cadastro dos interessados, e depois passou-se à fase de visita aos cadastrados para uma avaliação mais detalhada da família candidata à parcela, e somente então, selecionou 120 famílias do município de Aragominas e outras 25 famílias pertencentes a outros municípios. Para a escolha das terras foi feito um sorteio para que não houvesse questionamentos sobre a quem pertenceriam as parcelas de terras melhores situadas ou mais bem estruturadas, pois o assentamento possui partes em que não há água corrente o que tornaria a moradia mais difícil.

Ao serem assentados, todos os parceleiros receberam uma ajuda de custo, chamada de fomento, do INCRA, no valor de R\$ 1.080,00 sendo que desta quantia R\$ 340,00 foram entregues aos moradores para compras de mantimentos e R\$ 740,00 foram destinados à compra de ferramentas para manuseio da terra.

Devido a existência de alguns loteamentos sem água corrente, alguns moradores acabaram por se instalarem à beira de um córrego da região, córrego Landi, formando uma pequena vila que ficou conhecida como “Vila da palha”, por serem casas provisórias feitas de palha, até que o INCRA iniciasse a construção das casas destinadas aos assentados.

Após, aproximadamente, dois meses que os moradores estavam instalados no assentamento eles conseguiram que a empresa de ônibus Trans Oliveira fizesse linha de Araguaína até uma fazenda próxima, pois não haviam estradas que levassem até o assentamento. Devido às dificuldades de locomoção até o ponto do ônibus, os moradores conseguiram que o INCRA construísse 18 km de estrada que levava até a sede da antiga fazenda arrendada para instalação do assentamento, mesmo assim ainda era muito distante para alguns moradores.

No ano de 1996, os moradores após algumas reivindicações, puderam contar com uma extensão da escola municipal para atender aos seus filhos no assentamento. A princípio a escola passou a funcionar num barracão de palha e contava com duas professoras, uma apenas com a conclusão do Magistério e a outra que tinha completado somente até a segunda fase do Ensino Fundamental. As séries funcionavam de forma multisseriada de 1º ao 5º ano.

Aproximadamente dois anos após a criação do assentamento foi construída uma agrovila, mas de início os moradores não tinham água e tinham que buscar água no córrego Landi que ficava a meio quilômetro da vila. Somente após três anos, foi construído um poço artesiano para atender à comunidade. Nesta época também, após construção de via que levava até o assentamento, a linha de ônibus passou a vir até a agrovila, facilitando a locomoção dos moradores.

Alguns anos depois, passou a funcionar uma extensão da escola estadual em um barracão de tábuas, contendo três salas de aula, com turmas de segunda fase do Ensino Fundamental. Nesta época, as turmas de Ensino Fundamental primeira fase passaram para uma escola de construção bem estruturada, destinada ao ensino municipal. A partir do ano de 2004 a escola estadual pôde contar com turmas de Ensino Médio.

O assentamento passou, então, a se organizar, criou uma Associação de Moradores a fim de buscar melhorias para o local. No ano de 2004 a vila conseguiu ter acesso a energia elétrica e no ano de 2005, por um projeto da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), o assentamento passou a ter água encanada nas casas. Contudo nas parcelas de loteamento, a energia chegou somente no ano de 2007, a partir do projeto Luz para Todos do Governo Federal.

No ano de 2008, a escola estadual saiu do barracão de madeira e começou a funcionar em uma construção, agora, mais adequada, contendo quatro salas de aula, uma sala dos professores, uma cantina e dois banheiros, porém apesar desta ser uma conquista em vista de anos anteriores, a estrutura ainda não era a adequada para um bom padrão de ensino, pois a escola não era murada, o que facilitava o acesso de terceiros ao ambiente escolar e o piso era de cimento queimado e não era forrada, não possuía biblioteca, entre outras necessidades. Atualmente, a construção escolar ainda é a mesma, e funciona nas mesmas condições, sem melhorias estruturais.

O assentamento possui algumas famílias cadastradas na associação quilombola, vinculada à cidade de Aragominas, considerada como uma comunidade quilombola, por manter algumas tradições típicas dos quilombos. O assentamento organiza-se neste sentido em torno de duas associações uma de nome: Associação Mucunã de Mulheres Quilombolas do P.A. Baviera registrada no dia 26/05/2011 tendo como objetivo geral “defender os direitos e interesses das associações e comunidades remanescentes de quilombos do Estado do Tocantins” e como objetivos específicos:

[...] estimular o manejo sustentado dos territórios quilombolas para garantir sua sustentabilidade econômica, social, ecológica, política e cultural; promover convênios com Universidades, Institutos de pesquisa, Organizações não governamentais para elaboração de estudos de interesse das associações e comunidades quilombolas; propor ações judiciais, quando for necessário, em defesa de suas afiliadas, inclusive na questão do meio ambiente e contra todas as formas de degradação que atinjam às comunidades quilombolas; valorizar, promover, estimular, divulgar as tradições, cultura e a religiosidade afro-brasileira das comunidades quilombolas, reconstruindo a história das populações negras; estimular e promover ações voltadas para eliminar as desigualdades de direito e tratamento entre homens e mulheres. (CERTIDÃO DE REGISTRO, 2011, p.1-2).

A outra associação por nome “associação Rural de Agricultores do Projeto de Assentamento Baviera” foi fundada no ano 2000, sendo de direitos privados e sem fins lucrativos. Segundo o artigo 4, do estatuto da associação, a mesma tem como finalidade:

- I- Promover o desenvolvimento da comunidade através de realização de obras com recursos próprios ou com os obtidos por doações ou empréstimos;
 - II- Representar a comunidade juntos aos órgãos públicos e privados para atendimento de suas reivindicações;
 - III- Melhorar o convívio entre os habitantes do assentamento Baviera;
 - IV- Proporcionar aos associados e dependentes atividades econômicas e culturais.
- (ASSOCIAÇÃO, Estatuto. 2017, p. 01).

O assentamento mantém sua subsistência na agricultura e na pecuária. A produção de farinha é um dos pontos fortes das rendas familiares locais, depois vêm as plantações de cupuaçu e abacaxi e as transações de venda de gado de corte. Embora, para muitas famílias

locais a única renda fixa seja o auxílio do Programa do Governo Bolsa Família e assim vão complementando sua renda com pequenos bicos realizados dentro do próprio assentamento. Alguns possuem renda fixa a partir de vínculos empregatícios nas escolas e posto de saúde situados no local.

Atualmente o assentamento conta com um posto de saúde, com atendimento médico de um clínico geral, uma enfermeira e uma odontologista em três dias da semana e uma técnica de enfermagem residente no local. Contudo, a assistência a medicamentos é precária e na comunidade não há farmácia. No quesito segurança pública não há posto policial na localidade e a comunidade é atendida pelo policiamento que fica destacado na cidade de Aragominas.

Desde o ano de 2004 a comunidade conta em seu calendário com uma cavalgada que ocorre anualmente, reunindo pessoas da comunidade, assentamentos, fazendas e cidades vizinhas. No local não há espaços para lazer, então o futebol torna-se uma das oportunidades de diversão da comunidade que organiza torneios masculinos e femininos envolvendo os assentamentos vizinhos.

A religiosidade também é muito presente no local, há quatro igrejas, sendo elas: católica, adventista, vida e assembleia de Deus. Estão presentes através da religiosidade alguns eventos de tradição entre os moradores, como os festejos em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, as rezas em casas de famílias da localidade, vigílias etc.

Hoje, a agrovila e chácaras mais próximas a ela possuem acesso a internet, o que facilita a comunicação, já que na comunidade não há sinal de rede telefônica. Aos poucos o assentamento Baviera está evoluindo e conseguindo suas conquistas.

2.3 Caminhos e perspectivas metodológicos

Um professor necessita
Ter sua aula planejada
Ter também dinamismo
E uma aula entusiasmada
Capaz de levar o aluno
A ter atenção redobrada
Lennicé Matias (2019)

A presente pesquisa desenvolveu-se sob perspectivas da pesquisa-ação e de intervenção. Também há um caráter etnográfico, uma vez que observamos dados relacionados tanto à comunidade escolar, quanto à localidade da qual a escola está inserida. Contudo, para isso foi necessário se desvincular de conceitos prévios para uma melhor análise dos dados do local observado. Para Amurabi Oliveira (2013, p. 278) “[...] necessitamos de um primeiro

exercício de estranhamento da realidade sobre a qual estamos debruçando, desnaturalizando sua dinâmica, interpretando-a como construída social e culturalmente.” Sendo preciso, pois, é necessário nos desvincularmos de nossas crenças construídas ao longo destes anos como educadoras e nos posicionarmos como pesquisadoras em torno de uma problemática.

Já o caráter da pesquisa interventiva torna-se de suma importância, já que ao pesquisar sobre nossas próprias práticas escolares teremos a possibilidade de intervir em nosso ambiente de trabalho e potencializar positivamente nossa atuação em sala de aula. Por isso, a partir da pesquisa e da análise esperamos poder sanar algumas dificuldades que envolvam o ensino-aprendizagem de literatura no ambiente escolar. Zeichner & Diniz-Pereira (2005, p. 72) defendem que “a pesquisa ação tem o potencial de contribuir fundamentalmente para o refazer da escola como instituição, melhorando suas relações com a comunidade e promovendo uma educação de alta qualidade [...]”. Então, além de melhorar o conhecimento acerca do objeto de pesquisa, poderemos através dos resultados obtidos melhorar e transformar nossas concepções de ensino.

A metodologia da pesquisa teve como base a sequência didática proposta pelo letramento literário de Rildo Cosson (2018), uma vez que a mesma busca de forma intensa e detalhada trabalhar o texto literário em todas as suas significâncias, desde a mensagem transmitida através da interação texto e leitor, em que estão implícitas vivências e ideologias que o leitor traz consigo em sua bagagem cultural até as possíveis transformações a partir desta leitura. Para Rildo Cosson (2018):

A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. (COSSON, 2018, p. 29).

Vemos que o autor defende o letramento literário como fundamental no processo educativo (claro que pensamos do ponto de vista, da educação literária). Por ser um texto literário que traz uma amplitude de contribuições para o fluir de uma leitura significativa, escolhemos a literatura de cordel, visto que estes textos possibilitam, entre outras coisas, o trabalho com a leitura e com a escrita, em que procuramos através de algumas etapas compreender este universo poético de forma a atender desde a mensagem transmitida em suas narrativas, levando os alunos a interagirem com o texto de forma crítica e reflexiva, em práticas de oralidade, até perceber a riqueza de sua estrutura composta por musicalidade, entonação e rimas.

Delimitou-se como primeira aula (o início do projeto) a primeira conversa com a turma alertando-os que a nossa pesquisa iria envolver momentos de leituras, de oralidade e as produções escritas deles (os cordéis). Depois, a fim de compreendermos melhor o perfil dos alunos traçamos um diagnóstico dos alunos por meio de questionários. Acreditamos que as relações que os estudantes têm (ou não) com a leitura literária possam perspectivar a importância deste trabalho. Além disso, destacamos que esta pesquisa se desenvolveu intercalada a outros conteúdos destinados a esta turma.

Já na segunda aula, observando-se a necessidade de uma *motivação* prévia, preparamos os alunos para conhecerem ou (re)visitarem a literatura de cordel (consideramos este momento extremamente importante para que estes se sentissem interessados a participar da proposta da aula). Com este intuito, exibimos dois vídeos com animações gráficas de dois folhetos de cordéis, sendo eles: “A árvore do dinheiro” e “O cavalo que defecava dinheiro”². Ao término dos vídeos deixamos os alunos falarem de forma oral as suas impressões e sensações a respeito da narrativa, bem como analisando a postura das personagens, reflexão, até à musicalidade presente na declamação do poema.

Na aula seguinte, como *introdução* propiciamos à turma o contato com o folheto de cordel “A história da donzela Teodora” de Leandro Gomes de Barros. Lemos oralmente de forma coletiva e após a leitura fizemos comentários acerca da narrativa e do tratamento dispensado à personagem feminina do folheto. A introdução fez-se de forma breve, contudo, foi um momento importante, pois oportunizou o primeiro contato dos alunos com um folheto, e foi também uma oportunidade para a prática da oralidade, pois pudemos expor nossa análise sobre a história lida, assim como propiciou aos alunos buscar uma entonação ou outra, para a leitura, mostrando a eles que este preparo era exigido pela própria leitura de um texto de cordel, uma vez que este abrange toda uma performance, exigente, contudo encantadora.

Procuramos focar ainda mais o contato dos alunos com o cordel, a partir da exposição de diversos folhetos de cordel num varal em sala de aula, para que houvesse também liberdade de escolha. Assim, as escolhas dar-se-iam por aquilo que lhes chamasse mais a atenção (podendo ser a ilustração da capa ou o título do poema). Ao escolherem seus cordéis fizemos um momento de dedução, no qual os alunos procuraram deduzir do que se tratava o enredo, a partir do título do folheto e da imagem da capa. Os folhetos foram disponibilizados para que os alunos fizessem a leitura individual em ambiente extraclasse. Acontecendo, assim, também o momento da *primeira interpretação*, em que ocorreu o encontro da obra com a

² Ambos os vídeos foram acessados a partir do site <https://www.youtube.com>.

história de leitor do aluno. Os folhetos escolhidos e lidos foram: “A duquesa de Sodoma”, de Delarme Monteiro Silva, “A vitória de Renato e o amor de Mariana”, de Mestre Azulão, “Os três conselhos da sorte”, de Manoel d’Almeida Filho, “Os martírios de Genoveva”, de José Galdino da Silva Duda, “A vaca misteriosa”, de Minelvino Francisco Silva, “História de Zezinho e Mariquinha”, de José Galdino da Silva Duda, “O homem da vaca e o poder da fortuna”, de Francisco Sales Arêda, “História de Bernardo e dona Genevra”, de José Galdino da Silva Duda, “A duquesa de Sodoma”, de Delarme Monteiro Silva, “Os sofrimentos de Alzira” de Leandro Gomes de Barros e “Vicente o rei dos ladrões” de Manoel d’Ameida Filho.

Após o tempo determinado para leitura os alunos contaram em sala de aula a narrativa dos cordéis, como *segunda interpretação*, traçando os perfis das personagens, procurando expor também pontos que lhes chamaram a atenção tanto no enredo como na posição assumida pelo narrador na história, constituindo assim inferências para construção dos seus entendimentos, configurado entre autor, texto e leitor. Este caminho da sequência didática propiciou momentos de compartilhamento das leituras entre os alunos, e segundo Cosson (2018):

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2018, p.66).

A defesa do autor nos indica que o compartilhamento é muito importante para expandir horizontes, mas também fortalecer laços sociais numa perspectiva de coletividade (ou comunidade de leitores). Assim, é necessário que os professores invistam nestas ações de compartilhamento. Para Cecília Bajour (2012, p. 23): “É enriquecedor pensar como leitura esse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós. [...] Falar dos textos é voltar a lê-los”.

Esse acaba sendo um momento em que os estudantes podem mostrar a suas vozes, construir suas leituras, compreender não somente o texto lido, mas também compreender em muitos momentos a si próprios e ir firmando seu lugar no mundo.

Outra atividade proposta (para mostrar aos alunos que também podemos produzir cordéis) foi a de levar um cordel, de nossa autoria, em que faltava uma última palavra do sexto verso que faria a rima com o segundo e quarto verso, para os alunos completarem. Neste momento, a sala foi dividida em dois grupos, para que cada um deles pudesse preencher a

estrofe, e de modo democrático foi eleita a melhor palavra sugerida pelos grupos, considerando o sentido do poema, bem como a composição da rima. O cordel tematizava o ambiente escolar.

Outra estratégia didática para aprofundarmos o uso do cordel deu-se a partir do livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2017), de Jarid Arraes (livro este, aliás, que nos inspira a criarmos o título do nosso trabalho e serve de entrada como interlocução para a nossa proposta também), em que pudemos ler as biografias de mulheres negras que são homenageadas pela autora. Estas mulheres (algumas invisibilizadas no processo histórico do Brasil) são retratadas em cordéis e os alunos tiveram a oportunidade de conhecê-las (saber mais das suas histórias) e também se inspirarem nas feitura dos seus cordéis. Além disso, essa aula serviu para *contextualização*, uma vez que, em suas produções textuais, os alunos tematizam também as mulheres. Assim, a turma foi dividida em duplas e a partir da leitura da biografia de algumas mulheres presentes no livro, os alunos criaram uma breve entrevista que foi realizada oralmente (por meio de uma encenação: um aluno atuava como entrevistador, outro como o entrevistado) sobre as seguintes mulheres: Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Laudelina de Campos Melo, Maria Firmina do Reis, Thereza de Benguela, Aqualtune e Mariana Crioula. Ao encerrarem as “entrevistas fictícias” o cordel criado pela autora Jarid Arraes (2017), sobre cada uma delas, foi lido pela dupla.

Seguindo a temática proposta, passamos então ao nosso foco de interesse: a mulher da zona rural. Por isso, propiciamos à turma um momento de discussão/debate acerca da mulher no ambiente rural. Desse modo, perguntas do tipo: vocês acham que a mulher da zona rural é valorizada? Seu trabalho é reconhecido? Ela possui as mesmas oportunidades que o homem? Quem possui mais autonomia nas decisões da casa: o homem ou a mulher? Todas elas com o intuito de instigar os alunos a participarem do debate e expor suas visões acerca do universo da mulher campestre. No final da aula foi proposta aos alunos uma pesquisa extraclasse (com recurso da internet) a partir da seguinte questão: como a mulher da zona rural é vista no cenário nacional? Os alunos fizeram anotações daquilo que lhes chamou a atenção e na aula seguinte eles trouxeram suas anotações e foram (um a um) tecendo seus comentários, houve muita interação entre a turma, todos acabaram se posicionando criticamente no momento do compartilhamento dos resultados das pesquisas.

Já em relação a proximidade com a estrutura do cordel, principalmente, no tocante às rimas, fizemos um momento de descontração, mas com objetivos bem traçados, que era levar a turma a perceber que são capazes de criarem rimas, e que essa habilidade poderia ser

desenvolvida. A dinâmica (do momento de descontração) lembrava um quadro de um programa de televisão em que eram dados temas e as pessoas tinham que falar coisas referentes a estes temas. Em sala de aula adaptamos da seguinte maneira, era falada uma palavra previamente escolhida (por nós) e os alunos tinham que encontrar duas rimas para a palavra. Com um tempo predeterminado, quem não encontrasse as rimas a turma cantava a seguinte frase: “A professora perguntou, você não acertou, pegue o seu banquinho e saia de mansinho”. A brincadeira seguiu até resultar em um vencedor.

O passo seguinte foi a produção de cordéis de forma escrita. Para tal intento, analisamos biografias de mulheres que se destacaram dentro do cenário rural no Brasil: Dorothy Mae Stang, Maria Margarida Alves e Raimunda Gomes da Silva; os alunos a partir de uma proposta de criação coletiva fizeram seis estrofes contando a biografia das mulheres de forma poética, e após a escrita foi corrigido e reescrito para então haver o compartilhamento das produções através de leituras orais em sala, após a declamação dos cordéis fomos construindo oralmente os pontos marcantes das narrações.

Depois de um longo percurso metodológico, procuramos inserir a realidade dos alunos, em busca de explorarmos aquilo que a literatura tem de aproximação com o real, dentro de um contexto do que nos diz a sociocrítica, uma vez que esta procura demonstrar o vínculo da literatura com o social, o religioso, o político, o cultural dentro do texto, sem que este perca sua literariedade. Trabalhar as produções dos alunos a partir de suas próprias vivências nos permitirá observar esta ligação entre literatura e sociedade, pois é no discurso presente no texto que consideramos os fatos sociais.

Após chegarmos a um consenso em sala de aula, escolhemos algumas mulheres pertencentes à própria comunidade dos alunos para que eles pudessem, em conversa extraclasse com as mesmas, resgatar as suas histórias de vida, entender como elas se reconhecem ou se veem como mulheres do campo, e que papel estariam (ou não) exercendo neste cenário. Para esta etapa, a turma foi dividida em duplas e cada dupla conversou com uma mulher.

O resgate das mulheres na cultura local levou os alunos a produção de cordéis, em que as histórias e as visões de mundo destas mulheres se fazem presentes. Esta metodologia de trabalho implica propor uma interligação: escola e comunidade, além de propiciar aos alunos outros modos de conhecerem as histórias destas camponesas e por meio do texto literário retratá-las de forma poética. Para Cosson (2018):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos (COSSON, 2018, p. 17).

Pela palavra literária podemos despertar sentimentos de pertencimento, segundo o autor. Por isso, os alunos podem se identificar a partir de si e do outro. Assim, os alunos podem expressar o mundo por meio de palavras.

Antes da conclusão do folheto, os alunos reescreveram seus cordéis após terem sido avaliados de forma conjunta. Ao término da reescrita, realizamos em sala ensaios em que os alunos praticaram a declamação dos cordéis, de forma a familiarizar-se com a entonação, a musicalidade necessária para a declamação do mesmo, uma vez que eles disseram ter dificuldade em falar em público, devido ao nervosismo, vergonha, então este foi um momento de preparação para que as duplas pudessem apresentar suas produções de forma oral para todo o colégio e a comunidade, inclusive as mulheres que tiveram suas histórias relatadas, em uma manhã literária, que já é uma ação anual da escola. Vejamos a seguinte defesa de Janete Silva Santos, Maria Deusa B.S. Apinajé e João de Deus Leite sobre a questão da oralidade:

[...] ensinar a “Oralidade” não se resume apenas em deixar o aluno falar de forma solta, livre, sem uma orientação, pois, sem ela, não se garante desenvolvimento eficaz da oralidade na sala de aula. É fundamental que as atividades sejam planejadas e sistematizadas para que o aluno aprenda a controlar sua fala e perceba que há uma necessidade de adequação desta prática; adequação esta que é definida pela situação do contexto. O aluno deve ser preparado para que possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado dentro e fora da sala de aula. (SANTOS; APINAJÉ; LEITE, 2018, p. 18). (mimeo).

Em concordância com a citação acima, fizemos deste momento uma oportunidade de, ao prepará-los para a prática da oralidade em público, levá-los a perceber que são capazes de se expressar oralmente e que esta prática precisa ser algo importante em suas vidas, não somente dentro do ambiente escolar, mas como também em sua vida social como um todo, principalmente, sendo eles da zona rural, a vida exigirá que tenham vozes capazes de ultrapassar as barreiras da exclusão, porque, muitas vezes, são vozes que ficam à margem das instâncias de poder. Assim, de acordo com Gomes e Conceição (2016):

Entendemos que, por meio da emoção, fruição, o educando possa ampliar sua capacidade de reflexão e percepção abrindo seu horizonte de conhecimentos para o outro da cultura popular. Acreditamos que o cordel, além de reverberar a sensibilidade, pode também formar o leitor crítico, pois o texto poético comporta elementos informativos. [...] Nesse caso, o ouvir e o ver não servem apenas de órgão de registro, são órgãos de conhecimento, e o sujeito é colocado no mundo para escutar, inferir, opinar, formar a sua criticidade. Essa ampliação de horizontes implica a formação do leitor. (GOMES; CONCEIÇÃO, 2016, p. 48-49).

Destarte, diante da importância em se oportunizar esses momentos de oralidade que vão além de uma simples escuta, ou decodificação, mas se tratando do cordel e sua performance de recepção o ouvir pode protagonizar momentos de emoção, reflexão e de transformação, desse modo este projeto chega ao seu ápice ao ser divulgado aos ouvintes/leitores em um momento de reconhecimento e valorização do ambiente e do contexto em que vivem. A declamação dos cordéis, não só divulgará concretamente as produções textuais dos alunos, mas vem também corroborar a importância em se resgatar as histórias destas mulheres camponesas e dar-lhes voz através da voz poética do cordel. Pois, como afirma Perrone Moisés (2006, p. 16) “a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de textos não alcançam.” E é, através do cordel, que os alunos puderam fazer esta experiência, mostrando a beleza que pode haver nestas histórias, muitas vezes sofridas, mas que trazem exemplos de resistência e enfrentamentos em busca de dias melhores.

3. CAMINHOS TEÓRICOS: O CORDEL

3.1 Breve apresentação sobre o cordel

Em tempos mais antigos
Sem ter comunicação
A notícia era passada
Para toda a população
Pelas vozes do cordel
Sendo jornal do sertão.
Lennicé Matias (2019)

O gênero cordel chegou até nós por intermédio dos portugueses, primeiro com temas europeus, que narravam epopeias de bravuras e de conquistas, e, aos poucos, foi ganhando espaço no país com temas voltados ao povo brasileiro. O nome cordel tem origem em Portugal, como afirma Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012, p.19), “eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados”. Aqui no Brasil, de início teve nomes como “folheto”, “livro de feira”, “romance” e também eram vendidos em feiras, mas não pendurados em barbantes, os folhetos eram expostos em malas, esteiras de palha e bancadas móveis. Com o passar dos anos, assumiu o nome “literatura de cordel”, talvez, com o intuito de se apropriar de um termo de origem mais erudita e fixar-se com uma nomenclatura já aceita pelos padrões da crítica literária. Pois, no Brasil, ainda segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 17) “cordel é sinônimo de poesia popular em verso”.

A literatura de cordel ganhou um espaço maior na região nordeste, onde foi amplamente divulgada e de onde saíram seus maiores poetas. As feiras, os mercados e as festividades eram palco para as declamações dos poemas feitas pelos cordelistas que tinham na divulgação e venda dos folhetos não só um momento de expressão cultural, como também um modo de subsistência.

Durante um grande período o cordel foi divulgado oralmente, e após alguns anos os folhetos começaram a serem impressos e vendidos em locais públicos, onde eram declamados somente até certo ponto para instigarem a curiosidade do ouvinte a querer saber o final da história e, conseqüentemente, vir a comprá-lo. Depois de comprados os folhetos eram lidos oralmente em casa entre familiares, amigos, vizinhos, como um verdadeiro “sarau” ou mais popularmente conceituando, um “serão” noturno, em volta de um candeeiro, num momento de descontração e também de informação, uma vez que alguns folhetos retratavam acontecimentos da época. De tanto serem lidos, o conteúdo dos folhetos era por muitas vezes memorizado por seus leitores e ouvintes, pois a métrica, as rimas e a sonoridade pertencente ao poema facilitavam essa habilidade.

Como bem explicita Edilene Matos (2007, p. 151): “O poeta de cordel, poeta a meio caminho entre a oralidade e a escritura, exerce efeito encantatório sobre seus leitores/ouvintes, um encanto transmitido pela palavra viva, grafada no papel e inscrita na voz”. O ato da leitura em voz alta dos folhetos transmite no olhar do leitor que se encontra com o olhar do ouvinte uma espécie de sedução, que faz ambos se prenderem à narrativa sem perder um só detalhe, artifício esse associado à oralidade do poema. Isto tem a ver, ainda, com a questão da voz humana, que se constitui também como um fenômeno da cultura, sendo um suporte para a palavra e a voz poética, ela é integrada a aspectos físico-psíquicos, com sua natureza singular e concreta. Ademais, a voz pode magnetizar o ouvinte porque está cheia de energias vocais latentes, de corporeidade, peso, calor, volume, assim, ela pode ser transmitida sedutoramente e inscrever-se no inconsciente da plateia, que estará sob o efeito dos elementos de performance, que é, por assim dizer, um jogo de percepções sensoriais, engajamento do corpo. Sobre a relação leitura e percepção literária Paul Zumthor (2018) afirma o seguinte:

É ele que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo [ou que entro em contato pela primeira vez], uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para aprendê-los do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena de uma difusa representação de si próprio. (ZUMTHOR, 2018, p. 25).

Por isso, essa prática de leitura “performance” de cordéis magnetiza, encanta como um “acontecimento” do corpo, seja daquele que “canta/conta” ou daquele que “ouve/percebe” o texto dito, lido e vivido em voz viva. Esta presença do corpo não passa incólume no ato de ler, ele é um ‘fato’ concreto e cria “realidades”, e poeticidades que emanam laços e prazeres, efeitos de sentidos. Já os temas dos cordéis podem permanecer evocados na memória e profundamente inscritos no corpo.

Sobre os temas que circulavam nos folhetos de cordéis, eram inúmeros, pois abrangiam desde cordéis cômicos ou satíricos que envolviam tramas relacionadas ao cotidiano das pessoas, até fortes traços da presença de elementos religiosos, amor e fidelidade entre outros; abordavam ainda temas sociais como o cangaço, a organização da sociedade

patriarcal, as recorrentes secas presentes em algumas regiões do nordeste, além de temáticas políticas.

Principalmente nas cidades pequenas ou na zona rural do nordeste, o cordel funcionava também como uma “espécie” de jornal, pois ele poderia conter informações sobre os acontecimentos não só de determinada região, mas também de todo o país, levando assim, diversos tipos de informações a uma população que comumente se mantinha a par de muitos fatos ocorridos em determinadas localidades do Brasil. Diversos assuntos eram apresentados nas narrativas dos folhetos, desde relatos de acontecimentos, alusões a pessoas marcantes no cenário nacional, temas sociais como a fome, a seca, saberes populares, crenças, mitos, entre outros. Sendo assim, sua leitura além de proporcionar um contato com a literatura (uma vivência de prazer, muitas vezes, partilhada em comunidade) era um modo, uma “oportunidade” de adquirir conhecimento, assim, passava também a ter uma função “informativa”.

O poema de cordel acabava sendo uma forma de o nordestino externar um pouco da sua realidade, dos seus clamores especialmente diante de uma sociedade patriarcal, de coronelismos, de flagelos climáticos os quais sempre foram associados uma vida sofrida e dura pela falta d’água. Por isso, por meio do cordel o poeta também pôde registrar no país a história do cangaço e as diferentes manifestações messiânicas. Tudo isso ecoa dentro dos cordéis com uma voz que expressa e traça o coletivo, é uma voz “coletiva” (mesmo que singular e/ou particular) que marca, ainda, uma sucessão de épocas. Ademais, essa literatura de cordel (ou popular) vai apresentar a cultura nordestina, que mesmo diante de algumas dificuldades parece não perder a alegria de viver e o gosto pelo riso, e sob o manto da dimensão estética, eles (poetas/cordelistas) conseguiram transformar suas histórias (nossa cultura) em poemas. Como aponta Marinho e Pinheiro (2012) a seguir:

Alguns nomes parecem ter vindo de outras terras, outros mares, mas as histórias se passam aqui mesmo, entre fazendeiros e moradores, nas caatingas e fazendas de gado. Aparecem reinos distantes, com seus reis e rainhas, príncipes e batalhas, mas também estão presentes Zezinho e Mariquinha, Iracema e João Grilo, em uma mistura bem própria da nossa cultura. Para entrar nesse mundo de aventuras, algumas vindas da Europa, na mala dos viajantes, outras gestadas aqui mesmo, no sertão do Brasil, basta ler os folhetos de Leandro Gomes de Barros (*História de Juvenal e o dragão, Princesa da Pedra Fina, A batalha de Oliveiros e Ferrabrás, A prisão de Oliveiros*), que também imortalizou a figura de Manoel Riachão famoso cantador de viola que desafiou até o diabo; de José Costa Leite (*Os aventureiros da sorte, Rogaciano e Doroteia, Narciso e Iracema, Jacinto e Esmeraldina, O príncipe Roldão e Lídia*), além de outros títulos, considerados clássicos da literatura de cordel no Brasil, como *Zezinho e Mariquinha*, de Silvino Pirauá; *José de Souza Leão*, de João Ferreira de Lima; *A triste sorte de Jovelina*, de Sátiro Xavier Brandão; *As proezas de João Grilo*, do já citado João Ferreira de Lima; *Romance de João de*

Calais, de José Bernardino da Silva; História do valente Zé Garcia, de João Melquíades Ferreira da Silva (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 21-22).

Estes exemplos imortalizados e reconhecidamente de mestres da literatura de cordel (assim como outros títulos e/ou autores consagrados que não foram citados acima) expressam a riqueza do Sertão e da cultura de nosso país. Sem falar que esse meio literário de “folhetos” impressos (às vezes, editados em tipografias dos próprios poetas) passou a ser também uma forma de os cordelistas sustentarem a si e as suas famílias, muitos a exemplo de Inácio da Catingueira, nem sabiam ler, mas, nem por isso deixaram de ser brilhantes e ter “olhos-outros” de sabedoria, e de dominar as regras da poesia popular com preciosidade e elevada cultura.

Ainda, na história do cordel vemos que ele teve maior aceitação, primeiro no campo, depois ocupa as cidades, expressando as letras de nosso país. Além disso, o cordel era declamado em feiras e em praças públicas, e acabou ganhando a simpatia do povo, especialmente, pela proximidade que mantinha com a cultura nordestina e brasileira, e pelas modalidades de cordel como as pelejas, os poemas de circunstâncias (ou folhetos de época), os romances (comumente escritos em sextilhas), os ABCs (poemas narrativos em que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto), folhetos de adaptações de peças de teatro e obras da literatura brasileira, etc., por revelarem histórias/fatos, inventividades e encantamentos pelas façanhas e proezas de heróis.

Essa ampliação dos espaços (que abarcam estratos sociais) para o cordel, de certa forma, acabou por “unir” membros da elite nordestina e das camadas mais populares, em especial, por meio das leituras, que circulavam em diferentes camadas sociais. O cordel, assim como as suas ilustrações, as xilogravuras³ (atualmente substituídas pelas linogravuras⁴), alcançaram projeção nacional e até mesmo mundial.

Contudo, esse alcance conquistado pelo cordel não foi tão simples de ser estabelecido, uma vez que, oriundo da literatura popular e de terras nordestinas, essa produção nem sempre foi aceita por todos, às vezes, era até rejeitada pelos defensores da literatura culta/erudita/elitizada. Porém, pela força de sua expressividade e pela riqueza literária o cordel é considerado uma literatura tão importante quanto a erudita.

³ São as gravuras talhadas em madeira (imburana, cedro ou pinho), é um tipo de arte muito relacionada às condições de produção do cordel, pois, em seu início, os poetas e/ou as editoras não tinham as condições financeiras adequadas para criarem com outros recursos gráficos e de ilustração.

⁴ Mesma técnica da madeira em xilogravura, mas usa a borracha.

Então, mesmo diante das muitas barreiras enfrentadas, os folhetos rapidamente espalharam-se e ganharam espaço na vida das famílias, nas rodas de amigos, nas feiras, etc., sendo estes os principais locais onde eram lidos em voz alta por alguém que soubesse declamar/vocalizar/perfomar. Ademais, por ser de baixo custo, as pessoas podiam comprá-los (era um meio literário mais acessível para as camadas mais pobres), mesmo os iletrados os compravam na esperança de ouvir/sentir as histórias contidas neles, claro que pela boca de outras pessoas letradas-leitoras, funcionando, assim, de incentivo à aquisição da leitura.

Assim, as leituras feitas nas rodas de amigos ou no seio familiar, no fim da tarde ou nos fins de semana, despertaram desejos de mudança naqueles que eram ouvintes. Segundo Ana Maria de Oliveira Galvão (2002, p. 124), “muitos estudos realizados sobre a literatura de cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas [...]”. Então, além de servir como contato com uma produção literária, o cordel também cumpria uma função educativa, pois mantinha laços tão estreitos com o mundo das letras, que acabava despertando em muitos dos que ouviam, a vontade de também poder fazer parte desse rol de leitores ou até mesmo como autores de cordel, adquirindo, desse modo, uma função transformadora na vida dos seus admiradores/amadores.

Os poetas em sua grande maioria vinham das camadas populares e dentre eles o nome mais conhecido e tido como o precursor do cordel, no Brasil, foi Leandro Gomes de Barros⁵ (1865-1918), poeta considerado por muitos estudiosos como um dos “pais do cordel” do nosso país. Ele foi o primeiro cordelista a viver exclusivamente da venda dos folhetos de cordel, pois além de escrever, também editava e vendia. Como todo cordelista que se preze, ele também costumava recitar seus poemas em lugares públicos como feiras, paradas de ônibus, mercados, etc., e publicou ao todo mais de duzentos títulos, com diferentes temáticas. De suas andanças restaram muitas situações que foram registradas em cordel, desde as dificuldades em que o povo nordestino vivia, como a seca, a miséria, a política e a guerra. Vejamos alguns exemplos:

Santo Deus! Quantas misérias
Contaminam a nossa terra!
No Brasil ataca a seca
Na Europa assola a guerra.

A Europa ainda diz
O governo do País
Trabalha para o nosso bem

⁵Leandro Gomes de Barros nasceu no sertão nordestino, no ano de 1865. Aos nove anos mudou-se para a Paraíba e nesse entremeio Leandro convive com cantadores e violeiros locais como: Ignácio da Catingueira, Romano da Mãe d'água, Bernardo Nogueira, Hugolino do Sabugi, Nicandro Nunes da Costa. (MENDES, 2009, p. 62).

O nosso em vez de nos dar
Manda logo nos tomar
O pouco que ainda se tem.

(BARROS, 1920, p. 41-42)

O cangaço também foi retratado e registrado em cordel. Este movimento esteve muito presente na vida dos nordestinos, como mostram folhetos que narram histórias de Antônio Silvino e de Lampião. Vejamos os versos iniciais do famoso folheto “A chegada de lampião no inferno”, de José Pacheco da Rocha:

Um cabra de Lampião
Por nome Pilão Deitado
Que morreu numa trincheira
Em certo tempo passado
Agora pelo sertão
Anda correndo visão
Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia
Que viu Lampião chegar
O inferno neste dia
Faltou pouco pra virar
Incendiou-se o mercado
Morreu tanto cão queimado
Que faz pena até contar

(MARINHO E PINHEIRO, 2012, p. 109)

Ainda há temas familiares, nas quais aparecem a figura da mulher, fala de casamento e da sogra. Um exemplo abaixo:

Porque é que a medicina
Estuda tanto e não logra
Por exemplo um preparado
Que dê mais valor a droga?
Porque razão não inventa
Vacina pra não ter sogra?

(BARROS, s/d, p. 9-10)

Inúmeros temas são retratados pelo autor, versatilidade essa que confirma sua importância para a história do cordel e para a cultura do país.

Outro nome pioneiro entre os cordelistas foi João Martins de Athayde, o qual também escrevia e vendia seus folhetos, montando inclusive sua própria editora e passando, assim, a imprimir não somente folhetos de sua autoria, mas, também comprou os direitos de publicação de outros autores, inclusive de Leandro Gomes. João Athayde criou uma grande

rede desses impressos o que possibilitou uma maior divulgação dos folhetos, chegando a diversas cidades.

E João Martins de Athayde
No cordel foi professor
Quando Leandro morreu,
Ele tornou-se editor,
Comprando a obra do mestre
Por irrisório valor.

E por quase trinta anos
Escreveu e editou.
Delarme, um jovem tipógrafo,
Que Athayde contratou,
Aprendeu tanto a lição
Que ao próprio mestre ensinou.
(HAURÉLIO E SÁ, 2011, p. 11)

O poeta também retratava diversas temáticas, entre elas destaca-se seu cordel sobre a mulher intitulado “O valor da mulher”, a seguir, vejamos um fragmento

Respeitada a mulher nunca é grosseira
Adorada a mulher nunca é perjura
E enfeitada a mulher é criatura
Que conserva a beleza a vida inteira
Por estima a mulher é companheira
Elegante, bonita e virtuosa
Se a mulher é irmã gêmea da rosa
Como a rosa, também tem seu espinho
Que colhida de soco e sem carinho
Fere a mão da pessoa desastrosa
(ATHAYDE, s/d, p. 7)

Em sua maioria, os poetas cordelistas incorporaram princípios poéticos tradicionais, como o uso da métrica e da rima, sendo os mais utilizados a sextilha com o esquema de rimas ABCBDB (2º, 4º e 6º versos rimados) ou décimas, no esquema ABBAACCDDC (1º, 4º e 5º versos rimados, além do 2º com o 3º; o 6º com o 7º e o 10º; e o 8º com o 9º).

Além da oralidade, marca representativa do cordel, em que a gestualidade, a entonação, o tom de voz, o olhar compunham esse ambiente de performance (ou declamação) dos poemas. Deve-se também destacar a presença da linguagem visual nos folhetos, presentes na capa, por meio das xilogravuras, já indicando o tema tratado e em alguns folhetos ainda há imagens referentes ao enredo entrecortando a narrativa o que auxiliava o entendimento, em tempos de poucos leitores, e ajudava na memorização das histórias. Assim, escrita e imagem interagem, até hoje, concretizando o diálogo da narrativa e conseqüentemente firmando ainda mais o diálogo texto/leitor.

Embora pareça ser uma técnica antiga, a xilogravura não é tão antiga assim. Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que a xilogravura foi introduzida aos poucos nos folhetos, mais especificamente teve início com João Martins de Athayde, em meados de 1920, e aparece com o intuito de ilustrar os cordéis. As gravuras eram talhadas em madeira, geralmente, imburana, cedro ou pinho e os desenhos se direcionavam às temáticas tratada nos folhetos.

Mesmo própria de muitos sentidos, uma imagem, às vezes, contribui para o entendimento do texto ou, então, reflete situações que possam não estar contidas no texto. As ilustrações presentes nas capas, também, de certa forma, antecipam a narrativa, apontam a temática ou sugerem momentos marcantes da leitura, além de convidarem o leitor a conhecer a obra em questão.

A grandeza da literatura de cordel é tamanha que tem ultrapassado gerações e matem-se viva até os dias de hoje. Atualmente o cenário do cordel é outro, a tipografia precária deu lugar às máquinas modernas, seus temas, comumente, retratam a época atual, e o cordel passou a se fazer presente em bancas de jornais, televisão, rádio, internet, etc., renovando e firmando sua produção em nosso meio. Destarte, o seu público leitor também se expandiu e os cordelistas tem-se afigurado em diversos tipos de pessoas, e o poema passou a ser objeto de estudos e pesquisas diante do papel que tem exercido na sociedade como um texto escrito que motiva o circuito da oralidade e da performance também.

Tamanha a sua importância que, a mídia também tem se apropriado deste gênero como inspiração no cinema como, por exemplo, o filme “O auto da compadecida”, baseado na obra de Ariano Suassuna; na televisão, com a novela “Cordel encantado”, só para citar alguns exemplos. Atualmente, a internet tem representado um importante espaço para o cordel, por meio de pelepas virtuais e *websites* que se utilizam de fotografias e de reportagens sobre cordel. Por isso, a cultura popular parece estar “ocupando” diferentes espaços (e mídias), com a dimensão dos comentários e das interações entre autor e leitor (BARROS, 2015). Diante de diferentes plataformas e mídias, percebe-se que o cordel consegue manter vivas suas tradições no meio da produção artística, conservando características próprias de sua estrutura, independentemente, da época e do veículo de circulação em que está inserido, o cordel continua resistindo e existindo se firmando cada vez mais nas raízes literárias deste país, como um importante instrumento de humanização e de reflexão através de suas temáticas condizentes com a época em que se faz presente.

Lembremos que no ano de 2018, o cordel passou a ser considerado, depois vários anos presente na história e na cultura do povo brasileiro, como Patrimônio Cultural Brasileiro⁶, pelo conselho Consultivo do IPHAN, o que vem a destacar a sua importância para a história deste país e reafirmar o seu valor como um gênero capaz de misturar escrita e oralidade, coletivo e individual, erudito e popular, realidade e fantasia de forma a enriquecer seus poemas, tornando-se capaz de insistir e resistir gerações afora.

3.2 O cordel no ensino fundamental

Não há como se pensar
Muito menos ousar dizer
Que o cordel não é cultura
Conhecimento e lazer
E por isso é importante
Na escola com ele aprender.
Lennicé Matias (2019)

A comunicação sempre esteve presente nas diversas manifestações humanas desde os primórdios com suas pinturas rupestres até as linguagens com suas tecnologias mais modernas e, cada vez mais, ela tem se aprimorado a fim desenvolver maiores habilidades de interação entre os seres humanos. Cotidianamente a vida social do homem requer dele uma ampliação nas formas de comunicação visuais-verbais, que passaram a ocupar lugar de destaque nas diversas mídias, redes sociais, etc., uma vez que, é através da comunicação que o homem pode interagir, manifestar emoções, opiniões, desejos, etc.

A linguagem pode ser, de acordo com Silva *et al* (2010):

[...] falada (articulação de sons), escrita (articulação de símbolos gráficos) mímica (gestos, expressões faciais e corporais), cromática (cores), plástica (formas ou arquitetônica), musical (sons ou ritmos), telepática (transmissão de pensamento), iconográfica (imagem, desenho e ilustrações) (SILVA *et al.*, 2010, p. 304).

Nesse contexto, a linguagem é universal, pois abrange todas as formas de comunicação e por meio da linguagem registramos historicidades, nos comunicamos e principalmente repertoriamos a nossa cultura, ampliando diante disso, o nosso conhecimento de mundo, que vai enriquecer-nos com os diferentes saberes do povo. Mesmo diante dos erros

⁶Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste do país, o cordel hoje é disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações. Hoje, circula com maior intensidade na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo. Em todos estes estados é possível encontrar esta expressão cultural, que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados. (BRASIL, s/p).

ou dos acertos da humanidade, são as vastas experiências que a vida traz que nos fornece a capacidade de nos fazer evoluir e de ampliarmos nossa consciência acerca da existência. Por isso, sempre está em jogo uma necessidade de nos comunicarmos, de fazermos ecoar nossos sentimentos, pensamentos, questionamentos, etc., marcando, assim, nossas vivências, permeadas, ainda, pela história e pela literatura.

Desta maneira, também a literatura tornou-se uma expressão universal e de acordo com Antonio Candido (2017) esta seria:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2017, p. 176).

Desse modo, o autor mostra-nos que a literatura está presente em todas as realidades desde as mais simples às mais complexas, e com sua existência nas sociedades de todos os tempos ela passa a ser considerada uma necessidade a que todos têm direito de ter acesso.

Destarte, a literatura é um excelente instrumento para o desenvolvimento intelectual (mas também sensível) do nosso aluno, pois ela é capaz de transformá-lo de algum modo, ela abre espaço para que o leitor desenvolva criticidade, ampliando capacidades de reflexão. Assim, cabe a nós, professores, levarmos as diferentes manifestações da literatura para o ambiente escolar, pois todas elas têm sua importância e sua significância dentro deste mundo de infinitos caminhos e direções engendrados a partir da arte da palavra. Paul Zumthor (2018) enfatiza que: “Comunicar (não importa o quê: com mais forte razão um texto literário) não consiste somente em fazer passar uma informação; é tentar mudar aquele a quem se dirige; receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação”. (ZUMTHOR, 2018, p. 49).

É nesta perspectiva que o cordel se encontra. Esta literatura popular, que é muito rica como expressão literária pode apresentar um leque de oportunidades aos alunos, que podem explorar diferentes camadas de leituras a partir do contato com este gênero textual, agindo diretamente ou indiretamente sobre os leitores. Nos contextos dos cordéis aparecem inúmeras temáticas, especialmente, as ligadas à cultura do nosso país. Contudo, devemos lembrar que a partir dos cordéis também trabalhamos com os conteúdos formais: a métrica, as rimas, a melopeia (sonoridades, os sons), etc., lembrando sempre que, forma e conteúdo não se separaram.

Além do mais:

A literariedade pode ser encontrada em vários cordéis, que exploram figuras de linguagem, ritmos e jogo de rimas que lhe dão um tom humorístico, que seduzem os leitores. A forma e o tema devem também incentivar o aluno a ler esses textos híbridos e populares. De sorte que a leitura do cordel em sala de aula pode desencadear outras curiosidades pelo texto lírico e a vontade de conhecer outros cordéis. (GOMES; CONCEIÇÃO, 2016, p.49).

Portanto, o cordel pode ser um texto que contempla um campo artístico-literário satisfatório no que concerne ao uso do texto literário em sala de aula, por sua vasta gama de oportunidades de exploração formal, estética, cultural e crítica diante de sua estrutura e temáticas apresentadas.

A BNCC (2018) destaca a importância em se valorizar, no campo artístico-literário, as diversas manifestações literárias. Vejamos, a seguir, trechos que nos orientam no trato das expressões artístico-literárias:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura (...) possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e portanto, garantir a formação de – leitor fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pacotes de leitura. (BRASIL, 2018, p. 136).

Embora alguns defendam apenas a presença (o uso) de uma literatura erudita em sala de aula, não há como não perceber as contribuições e a importância que a literatura popular também possui. Para Nogueira (2018):

Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) afirmam a necessidade de trabalhar com todos os tipos de textos, trata-se de uma ação afirmativa, que, entretanto, deveria ser algo já natural, assim como é o trabalho com os textos já referenciados pelo cânone. (NOGUEIRA, 2018, p. 10).

Desse modo, pensando em formas de “ações afirmativas”, o trabalho com o cordel no ambiente escolar é fundamental para efetivar tais ações, visto que a escola é um espaço de discussão, transmissão e produção de saberes diversos (ou pelo menos deveria ser), que acabam por envolver toda a vida social do aluno. Por isso, acreditamos que o cordel na escola vai além de uma política/ação “afirmativa”, por representar uma vasta oportunidade de o aluno participar das múltiplas inserções e trocas culturais.

Lembremos que o cordel pode levar o aluno a refletir sobre a realidade que o cerca, desencadeando processos de interlocuções culturais e interpessoais, confirmando espaços de

experiências coletivas (seja na escola ou fora dela), capazes de contribuir efetivamente para o letramento literário (que são práticas sociais). Além disso, o poeta ao produzir um cordel aciona experiências culturais e formas poéticas que tendem ao encantar, ao expressar, ao narrar, ao interagir, etc.

Aludimos, pois, a um ensino de literatura que potencialize o respeito à diferença cultural, tão presentes em nosso país, tornando essas variantes como objetos de estudo e crítica a fim de proporcionar momentos de diálogos em relação aos textos/enunciados/discursos referentes não só à cultura elitizada, mas também à sua cultura local, levando assim este aluno a se tornar um cidadão conhecedor e protagonista de sua própria realidade. E assim, a partir de suas próprias vivências utilizar o cordel como objeto literário capaz de abranger estética, cultura e criticidade social elementos por nós considerados importantes a serem observados no processo de formação do aluno-leitor.

O poeta nordestino, em especial, mesmo diante de suas dificuldades, sabe como ninguém, reinventar-se usando a literatura para mostrar sua capacidade de reproduzir poeticamente sua vida sofrida, mas de modo entusiasmado, expressando uma alegria de viver, e coloca tudo isso nas rimas de um cordel tornando-o tão singular, uma vez que, o poeta parte, comumente, de um saber popular para construir outros saberes, sem perder a beleza literária presente no seu fazer poético. (ARAÚJO, 2007).

Como já mencionamos nos parágrafos anteriores, os folhetos de cordel transmitem valores que convidam o leitor a refletir os múltiplos aspectos sociais, então quando ele se faz presente em sala de aula pode contribuir para despertar o senso crítico de nossos alunos, a partir de uma ideia que o mundo é diverso. Esta valorização da cultura é explicitamente defendida pela BNCC (2018) que afirma em sua sexta competência geral, que é preciso:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se desses conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 9)

Como vemos cabe à escola ou ao professor essa “valoração” da diversidade de saberes imbricadas de vivências culturais. Assim, escola/professor pode propor diversas pontes de aproximação das manifestações populares, já que o nosso patrimônio cultural (popular ou não) não pode ser negado ao aluno, pois ele é a expressão de um povo.

No cordel esse modo “popular” de criar vem muito da criatividade/habilidade do poeta, da vivência de seus processos culturais que implicam ainda em um modo de

brasilidade. Como defende Rildo Cosson (2018, p. 17), “[n]a leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”. Por isso, enquanto professores, precisamos ajudar a construir “comunidades de leitores”, capazes de vivenciar as diversas formas de ser/estar no mundo.

Então, diante da vasta produção literária dos folhetos de cordel, que além de nos permitir conhecer (ou recordar) histórias “silenciadas” pelo tempo, acaba por nos proporcionar viajar nas aventuras fictícias sejam de fatos antigos, sejam de atuais; constatamos inúmeras temáticas presentes nos folhetos, às vezes, implicadas de temas polêmicos como o *bullying*, a corrupção, a discriminação, o racismo, etc. Desse modo, o cordel apresenta sua pluralidade temática registrada por um vocabulário de plurissignificação, para levar a diferentes sentidos.

Toda a gama de temáticas permite (e revela) que o gênero cordel ultrapasse o âmbito das aulas de Língua Portuguesa, o que o configura como produção interdisciplinar, por exemplo, pode ser trabalhado na área de História, de Artes, de Ciências, entre outras. Uma estratégia de ampliar o conhecimento do aluno é propor um diálogo com outras áreas/disciplinas comungando conteúdos diversos.

Sabemos que existem conhecimentos que nos são inatos e que estes pertencem ao universo individual de cada um, contudo existem outros conhecimentos que precisam de mediação para que eles possam ser integrados ao nosso acervo intelectual. Partindo desse pressuposto, o professor atua como mediador diante de seu aluno, levando-o a conhecer aspectos culturais e outros conhecimentos, fazendo esta ligação entre homem e conhecimento. E nessa mediação, o professor deve estar aberto a perceber seu aluno como um ser ativo que também possui conhecimentos podendo haver aí também uma “troca de experiências” entre professor e aluno, pois aquele não pode imperar o sentido do texto, é preciso ouvir o sentido que o aluno dá ao texto, para que de tal forma possa se fazer a construção de um saber crítico e autêntico.

O Projeto Político Pedagógico (2018) da escola em que ocorreu a pesquisa apresenta essa necessidade de interação entre aluno e sociedade. Vejamos a seguinte orientação:

A escola precisa ter como foco um ensino e uma aprendizagem que levem o aluno a aprender, aprender a pensar, a saber, construir sua própria linguagem e a se comunicar, a usar a informação e o conhecimento para ser capaz de viver e conviver num mundo em transformação. A escola deve em sua rotina ser um ambiente de aprendizagem para toda a comunidade educativa. Tendo assim esta concepção,

objetivamos formar pessoas capazes de conviver, comunicar-se e dialogar num mundo interativo. (PPP, 2018, p. 14).

Do ponto de vista deste PPP (2018), os folhetos de cordel podem ajudar os alunos a essa interação que é também uma retroalimentação de convivências e de intercomunicações. Ademais, acreditamos que aspectos importantes presentes no cordel, como a musicalidade, a métrica e as rimas podem facilitar a memorização daqueles que entram em contato com ele. Vimos em nossas pesquisas que existem muitos relatos de leitores de cordéis (fora das escolas) que comentam sobre o fato de prevalecer uma via de memorização dos folhetos, por isso dizem que o cordel é uma literatura de fácil memorização.

Esse fato também possibilita ao aluno outras relações com o texto literário, talvez, um contato muito diferente daquele que o aluno está acostumado por meio do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP), principalmente, quando o LDP não contempla em seus conteúdos literários o gênero cordel, e nós sabemos que nem todos os manuais didáticos contemplam o cordel em suas edições.

Lembremos que o cordel no início do século XX funcionava também como uma mídia de notícias e de acontecimentos da época, além de ele ser o responsável pela alfabetização de muitas famílias, que por meio dos folhetos puderam sair do analfabetismo e efetivar/dominar o mundo letrado da escrita. Muitos intelectuais nordestinos testemunharam a importância dos folhetos de cordel para a formação cultural do Brasil e do processo de alfabetização. A seguir, de acordo com Ana Maria de Oliveira Galvão (2002):

[...] o fato de os folhetos serem lidos predominantemente de maneira coletiva e estarem, direta ou indiretamente, inseridos em uma rede de tradição oral – representada pelos contos populares e pelas cantorias – tornava-os mais próximos daqueles que apresentavam pouca intimidade com o mundo da escrita. Esses leitores/ouvintes, mesmo quando eram analfabetos, pareciam se sentir mais à vontade em um mundo já marcado pela presença da escrita, pelo fato de poderem dela partilhar por intermédio de instâncias coletivas de sociabilidade. (GALVÃO, 2002, p. 123).

Neste contexto, práticas de letramento eram vivenciadas nesses momentos de sociabilidade de leituras, independentemente, se era na escola ou no meio de intelectuais, os folhetos ocupavam diferentes espaços sociais: estavam nas feiras, nas casas, nas reuniões familiares, nos encontros coletivos em que se podiam desfrutar e fruir as leituras. Por isso, a prática (o hábito) da leitura no processo de alfabetização também foi se naturalizando, sobretudo, no Nordeste. Mesmo hoje em dia, em um país como o nosso em que comprar

livros ainda é algo caro, o cordel concretiza mais opções de acessibilidade e de circulação, pois o custo do folheto (desde o seu início) não é alto.

Então, como não valer-se, na escola, de um gênero tão completo que nos oferece um leque de oportunidades a ser trabalhado em sala de aula, desde a leitura à produção textual. Ainda, o cordel quando produzido em sala de aula ajuda a despertar nos alunos uma valorização daquilo que eles podem fazer com o mundo da escrita e da literatura. Já em contextos de leitura, o cordel pode levar o estudante a apreciar a riqueza advinda da cultura nordestina, e o professor pode dar a conhecer aos alunos os cordelistas que, muitas vezes, podem ficar esquecidos no tempo ou serem discriminados por suas condições sociais.

Mais uma vez recorremos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que destaca:

[...] a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo, e pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2018, p. 137).

Diante desses aspectos, nós como professores temos que considerar essa “potência da arte e da literatura” como uma estratégia aliada no processo educativo e buscarmos meios de realizarmos exercícios de empatia (por meio da arte) que abram espaço para os múltiplos diálogos e para inserção daquilo que “pode” ser visto como diferente.

Por isso, é necessário propor trabalhos em sala de aula que possam despertar o senso crítico dos nossos alunos, especialmente, mediante a complexidade do mundo. Acreditamos que as contribuições do cordel possam ser expressivas para a formação humana, em especial, se considerarmos que estamos num país, em que a “maioria” é posta ou tida como “minorias” (são vozes, muitas vezes, excluídas politicamente), participando de uma sociedade em que marginaliza negros, mulheres, pobres, nordestinos, sertanejos, índios, homossexuais, entre outros tantos.

Neste processo histórico são inúmeras pessoas invisibilizadas, excluídas, marginalizadas até os dias de hoje. Assim, cabe à escola procurar modos de contribuir para a construção de um conceito de cidadania, com base no respeito e numa equidade maior, em que haja mais inclusão, independentemente, de cor, da raça, da religião, do sexo ou da região dos sujeitos.

Também ao tratarmos o texto literário pelo viés da sociocrítica, parece-nos que o mesmo ganha novos contornos. Carlos Magno Gomes (2011) aponta que:

Nesse processo, em que leitura e sociedade não podem ser desvinculadas, a literatura assume um papel fundamental, pois, a partir do contato com o texto, o gosto pela leitura pode ser despertado como uma prática de reflexão social. Assim, o convite à reflexão social pode ser uma das saídas para associar leitura, prazer e formação da consciência crítica do leitor. (GOMES, 2011, p. 28).

A partir destas relações, acreditamos que as leituras dos cordéis em sala se tornam instrumentos ampliadores de consciência, uma vez que, o aluno vive esse misto de prazer estético, de leitura crítica, de saber cultural, ao mesmo tempo em que aciona toda a parte estrutural e formal do cordel como as rimas, a métrica, etc.

Por isso, o cordel pode ser uma ferramenta importante para ajudar a efetivar o letramento literário, haja vista as práticas de oralidade e de escrita, frente a diferentes contextos históricos, sociais e culturais. Sendo assim, a literatura de cordel pode conseguir ampliar as interações entre leitor e texto. Todavia, para que isso ocorra é necessário que haja um planejamento prévio do professor de forma significativa. É preciso desmistificar a ideia de que todos os alunos dominam a leitura (ou a literatura). Segundo Rildo Cosson (2018):

[...] a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2018, p. 30).

Nossos alunos precisam melhorar na questão da “proficiência” da linguagem, especialmente porque o mundo requer importantes habilidades de leitura e domínio de linguagens. Desse modo, como afirma o autor a leitura literária nos ajuda a ler melhor, e ler melhor pode significar também viver com mais dignidade e ampliar capacidade de compreendermos melhor a vida.

3.3 Letramento literário

“A literatura humaniza”
Antonio Candido nos diz
Como então viver sem ela
Sem esta força motriz
Que mostra que na vida
Você é eterno aprendiz.
Lennicé Matias (2019)

A linguagem exerce um papel muito importante na sociedade, mas além de ocupar este espaço na sociedade, a linguagem encontra na expressão literária sua plenitude. Por isso, a

literatura é capaz de romper com muitas regras instituídas por discursos uniformizados, padrões e clichês que permeiam o nosso dia a dia, e por meio da literatura estamos sujeitos a entendermos a nós mesmos e aos outros pela linguagem que é construída de outra maneira.

A literatura, por fazer uso da linguagem (da palavra) há muito foi incorporada ao ambiente escolar, contudo nem sempre com intuídos de poder concretizar seu papel humanizador, às vezes, ela é tomada de modo superficial e longe daquilo que poderia efetivar o letramento literário. Por isso, torna-se fundamental a literatura fazer parte de um processo educativo consciente do seu potencial. Segundo Cosson (2018):

Na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2018, p. 30).

Se o mundo é feito de linguagem, nós também somos linguagem, e a literatura em sua função mais macro pode conferir instrumentos que nos faça aprofundar e articular melhor esta própria linguagem com maior competência. Por isso, hoje se defende tanto o letramento literário dentro das escolas, posto que este tem uma relação diferenciada com a escrita, dando à literatura um lugar único em que se efetiva o domínio da palavra a partir dela mesma. Assim, o texto literário pode ser explorado de modos amplos na escola. Ademais, o texto literário pode ser o centro de uma experiência de leitura em sala de aula. É preciso compreender o que são estas práticas de letramentos literários. Assim, a literatura no ambiente escolar tem que ultrapassar uma visão historicista, baseada em teorias e críticas, o texto (como objeto) tem que ser o foco nas aulas para fazer com que o aluno possa fruir, ter uma experiência mais viva com o mundo das palavras literárias que vão além das páginas (ou outros suportes).

Por este viés, o texto literário tem que ter seu lugar de destaque na sala de aula, visando a construção de uma comunidade leitora. Assim, cabe ao professor oferecer vários textos literários aos seus alunos, desde os mais simples até os mais complexos. Além disso, o texto literário não pode ser apenas decodificado ou visto somente como instrumento de alfabetização, antes disso, ele deve representar uma experiência única a cada leitor.

Neste contexto, se a nossa visão pode se ampliar com as leituras literárias é porque estas obras contêm muitas forças que potencializam nossas percepções. Antonio Candido defende em seu texto “O direito à literatura” ([1988] 2017), que a leitura literária é um direito de todos, pois a experiência com o texto literário revela-nos sentimentos múltiplos e outros

modos de vivências. Assim, a literatura pode ser um instrumento capaz de transformar nossos olhares, além de proporcionar diferentes reflexões sobre a existência. Por isso, o acesso a ela é imprescindível aos indivíduos, (seja na escola ou fora deste espaço); lembrando, ainda, que as várias experiências de leitura ajudam a construir visões críticas diante do mundo. Nesse sentido, a literatura pode ajudar a desencadear uma maior capacidade de compreendermos melhor o mundo que nos cerca, a nós mesmos e aos outros. Como defende Todorov (2009), a seguir:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76).

Então, diante da importância da literatura, não só na sala de aula, mas na vida como um todo, é preciso que reflitamos e nos perguntemos: Que valor estamos dando ao texto literário em nossas aulas? Que lugar o texto literário tem ocupado na escola? Essas reflexões podem partir das nossas próprias experiências docentes. Nós, professores, somos leitores de obras literárias no dia a dia? É quase impossível conseguir que nossos alunos se dediquem à leitura de textos literários se ele não sentir uma motivação vinda do próprio professor, se esse não falar sobre as obras com conhecimento de causa, se não tiver propriedade para falar destas leituras, como ele poderá demonstrar uma “paixão” pelos livros/literatura? Assim, responder aos questionamentos postos acima parte também de um engajamento do professor com a literatura, pois o texto literário depende muito do modo como o professor o vê em suas práticas docentes.

Diante do “apagamento” que vem sofrendo a leitura de textos de literatura na escola, embora na maioria das vezes a escola é o único lugar em que o aluno tem contato com esses textos, vemos a significância e a importância dele em sala de aula. Por isso, torna-se urgente revermos nossas práticas pedagógicas e nosso amor (ou desamor?) ao texto literário.

Como afirma Leomar Alves de Sousa (2019):

O ensino da literatura na perspectiva do letramento literário está intimamente relacionada à práxis do professor, sendo este o principal mediador nas atividades de letramento em que o aluno deve ser levado a descobrir no texto literário múltiplas possibilidades de descobertas de mundos diversos e compreensão de sua própria realidade dentro da sociedade em que está inserido. (SOUSA, 2019, p. 22).

Diante dessa perspectiva, o professor precisa estar consciente do seu papel no ensino de literatura e por mais que o sistema educacional coloque como prioridade o uso do texto

como base do ensino de Língua Portuguesa, em que se tem condicionado o seu uso, somente ou prioritariamente, ao ensino de língua (ou de normas gramaticais), é necessário que o professor reflita sobre essa prática, a nosso ver, equivocada, porque deixa-se de priorizar o encontro entre leitor e texto, para priorizar outros modos de “usar” a literatura sem maiores preocupações com a fruição e próprio texto.

Para Regina Zilbermam (2008), a falta de leitura literária nas escolas desencadeia um dos motivos para a crise do ensino de literatura. Para a autora, a formação do leitor “[...] depende de se conceber a leitura não como um resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário”. (ZILBERMAN, 2008, p. 22-23). Infelizmente, é visível a resistência à leitura literária por parte dos alunos (e até de alguns professores). Contudo, julgamos essa experiência fundamental para obtenção de uma formação mais ampla do aluno, e o mais preocupante é ver professores aceitando uma situação condicionada em se trabalhar um modelo mais pragmático de ensino de literatura, o qual prioriza “saber sobre” literatura sem “ler” o texto literário. (BARBOSA, 2011, p. 146).

Para Begma Tavares Barbosa (2011):

Num mundo e numa escola cada vez mais pragmáticos, reconhecer o direito à literatura implica que aqueles que se dedicarão à forma desse tipo de leitor tenham antes compreendido que a literatura é indispensável, porque transgride o senso comum, porque nos desloca, permitindo um olhar diferente para o mundo, porque nos faz descobrir o que não pensávamos existir, inclusive em nós. O potencial formador da literatura é garantia de autonomia e liberdade. (BARBOSA, 2011, p. 153).

Portanto, “autonomia e liberdade” precisam ser o cerne do papel da escola, e a literatura pode ser um caminho. Por isso, o professor precisa assumir o seu papel como mediador nesse processo de formação do leitor, pois em muitos casos esses alunos só leem textos literários no ambiente escolar, então cabe ao professor conceder aos alunos o “direito à literatura” (Candido, 2017), enquanto experiência da existência humana. Assim, todo ato de leitura literária em sala de aula precisa ser planejado, motivado, contextualizado para que possa ser proveitoso e prazeroso.

Não vemos meios de se pretender que uma leitura literária seja feita por acaso, sem que antes tenha sido realizado um planejamento pelo professor. Tudo isso, para que o contato do aluno com a literatura produza mais sentidos, também entra em jogo a leitura subjetiva. Cada texto literário, seja ele um texto de fragmento ou uma obra completa, pode ser explorada ao máximo, tanto pelo professor na sua leitura individual, como na leitura coletiva entre

professor e alunos, pois neste momento é preciso dar vazão às compreensões e o professor deve estar aberto a aceitar os múltiplos sentidos dado ao texto, desde que mantenham coerência com a leitura realizada. É preciso que o professor deixe de subestimar seus alunos, achando-os incapazes de compreender um texto literário, ou que somente a sua compreensão é válida, ou, então, aquela apresentada pelo livro didático (como sendo a correta). Para Cecilia Bajour (2012):

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquilize ou coincida com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo. [...] Escutar para reafirmar uma verdade que só olha para si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo, e não raro comporta intenções de poder e controle sobre os sentidos trazidos à tona. [...] A democracia da palavra compartilhada implica, ao contrário, o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela. Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual. (BAJOUR, 2012. p. 24-25).

Portanto, cabe ao professor ser um mediador que saiba promover diálogos produtivos em sala, em momentos de oralidade que permitam aos alunos a liberdade e o espaço para, após a experiência com a leitura literária, interpretá-la e dar sentido não somente ao texto objeto, mas trazer à tona seu conhecimento de mundo, de modo que façam, a partir do texto, inferências relacionadas a suas próprias experiências de vida contempladas pela leitura realizada.

De acordo com Cosson (2018): “cabe ao professor aceitar como válidas as impressões de leitura dos alunos, sem maiores questionamentos, porque elas são o único produto legítimo do sentimento inefável que une a obra e o leitor”. (COSSON, 2018, p. 113). E, algumas vezes aceitar as impressões (as leituras dos alunos) é um exercício de abertura ao outro, porque o professor pode querer podar este ato em sala de aula, como defende também Ezequiel Theodoro (2008, p. 61): “é necessário que o professor esteja aberto a aprender com as leituras, as múltiplas leituras de seus alunos.” Assim, percebemos que literatura é troca de pontos de vista, é união de vozes diversas em forma de diálogo e debates. É preciso que propiciemos, em sala de aula, práticas de leituras “protagonizadas” pelos alunos. Priorizar o ato de uma leitura subjetiva nos permite valorizar os vários conhecimentos de nossos alunos, motivando-os a produzirem sentido às suas leituras, já que o texto literário nos permite isso.

A leitura significativa de um texto literário oportuniza ao leitor um encontro com o texto, mas, sobretudo consigo mesmo, pois a obra oferece-nos inúmeras possibilidades para

que este encontro possa ser transformador e a cada leitura, o leitor, pode se deparar com uma nova experiência, que nos é dada pela amplitude que a arte da palavra alcança, concretizada pelo tecido literário. Só poderemos vencer a resistência à leitura literária, por parte dos alunos, se houver o contato com o texto literário, e esse contato não pode ser substituído por outras leituras consideradas mais “fáceis”, pois estas atendem a outras demandas, mas não comportam as preciosas experiências que a literatura nos proporciona.

Begma Tavares Barbosa (2011) justifica o uso do texto literário na escola de forma contundente e fundamental

A defesa da leitura de literatura na escola justifica-se pelo reconhecimento da necessidade da Arte e pela importância de uma dimensão da leitura – a da experiência estética – que especialmente a literatura nos pode oferecer. O poder transgressor da literatura pode favorecer o exercício da reflexão crítica, do autoconhecimento e da liberdade, exercício fundamental à construção do pensamento autônomo e responsável. (BARBOSA, 2011, p. 163-164).

E chegar a ter alunos que tenham autonomia em seus pensamentos e palavras, sendo capazes de refletir e opinar à cerca das impressões de um assunto proposto ou sobre um texto lido, é um dos objetivos desejados por todos os educadores, e esse poder inerente à literatura de transgredir, ir além do que seria uma simples leitura apresenta-se como uma oportunidade de concretização deste objetivo.

3.4 Práticas de oralidade do cordel: vozes que se cruzam

Da oralização à oralidade
 Todas, destaque merecem
 Pois a própria leitura
 A oportunidade oferece
 De ir além e apresentar
 A opinião que ali coubesse
 Lennicé Matias (2019)

A oralidade sempre regeu a vida do ser humano, desde os primórdios da comunicação humana os gestos e as expressões corporais já aconteciam até chegar a manifestação da fala. Tais elementos gestuais/corporais corroboram para que os falantes interajam de forma satisfatória utilizando a voz/a fala. “[...] a voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central”. (ZUMTHOR, 2018, p. 12).

Quantas vezes somos atraídos por um texto que “escutamos”, seja oral/escrito, já que há neles uma conjugação e não haveria, grosso modo, uma tal dicotomia como muitos teóricos assim defenderam, pois que o oral pode designar a base subjetiva do escrito

(Zumthor, 2018, p. 13), em que é a voz humana a natureza primeira, sendo essa particular e concreta.

Desde o surgimento do cordel, no Brasil, poucos eram aqueles que tinham habilidades de ler e de escrever. Por isso, os folhetos de cordéis ganharam tanto espaço na vida das pessoas, em especial, pela magia de suas performances orais/vocais, que cristalizam percepções, engajamentos sensoriais e dos corpos, aliás, corpos estes que se abriam em escutas experienciais, para uma “viva” voz de um corpo “vivo”. A voz é uma presença em conduta, é uma performance que é também “saber-ser”, como afirma, a seguir, Zumthor (2018):

Na performance, eu diria que ela é o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo. (ZUMTHOR, 2018, p. 30).

Assim, a performance sonora/vocal reconhece espaços e concretiza virtualidades à atualidades, englobando diferentes elementos de acontecimentos, culturais, situacionais e de comunicações poéticas. Por isso, o cordel traz em si a presença do corpo dotado de energias poéticas, que abrem espaço para audições performativas em que leitura é, ao mesmo tempo, de acordo com Zumthor (2018, p. 51): “[...] absorção e criação, processo de trocas dinâmicas que constituem a obra na consciência do leitor [...]”, ou seja, daquele preceptor sensorial que vai sofrer uma série de transformações pelo ato comunicativo que envolve grandemente as percepções sensoriais, em que o ouvido se abre sensivelmente.

O cordel sempre esteve ligado à oralidade, uma vez que quando expostos em praças públicas, mercados, feiras consegue fazer da voz um meio de romper o silêncio que distancia os indivíduos no seu território de memórias e lembranças, difundindo vozes, histórias e sonhos capazes de serem registrados pelo universo literário.

O cordel cumpre, por meio da oralidade, um papel de instrumento de inclusão social, em que letrados ou não conseguiam juntos interagir, uma vez que, aquele consegue despertar emoções coletivas, às quais a voz do poeta se faz eclodir por vias de mundos sonhados e de realidades vividas são compartilhadas, independentemente do nível de escolaridade, pois o poder da oralidade pode levar seu leitor/ouvinte/receptor a transpor barreiras em busca de um novo devir. Por isso, Zumthor (2018) ressalta que:

Tais são os valores exemplares produzidos pelo uso da voz humana e sua escuta. Elas só se manifestam, de maneira fortuita e marginal, na cotidianidade dos discursos ou na expressão informativa; a poesia opera aí a extensão da própria linguagem, assim exaltada, promovida ao universal. Pouco importa que ela seja ou

não entregue à escrita. A leitura torna-se escuta, apreensão cega dessa transfiguração, enquanto se forma o prazer sem igual. (ZUMTHOR, 2018, p. 80).

No cordel, todos esses valores produzidos pela voz humana afirmam-se, principalmente, no cotidiano das feiras ou no seio das casas, sendo que ambas representam, então, espaços fundamentais para a plenitude de múltiplas vozes se concretizarem com maior liberdade de expressão munido de diversos gestos, modos de vozes, pensamentos, realidades, culturas etc. Tudo isso, é o desejo de misturar o “real” e o imaginário, de entrecruzar e apresentar formas poéticas, em que é a *poesis* e a performance que se encarregam de transmitir realidades vívidas e “verdades” ficcionais; postas, especialmente, por meio da voz da/do poeta, ou, ainda, da mulher ou homem do campo, que tem nesse momento seu instante de protagonismo e de se configurar como sujeito social e partícipe do mundo.

Em grande medida é (ou foi?) no palco das feiras que vemos/sentimos transformações e reinvenções de “realidades” socioculturais, são vozes que se tornam difusoras de imaginários e cabe ao poeta cordelista acionar diferentes mundos. Quando o poema-cordel é performado, interpretado, ele é capaz de despertar emoções diversas em seus ouvintes, envolvendo-os a tal ponto, que este se torna um coautor daquele texto falado que desenha gestos e performances corporais. Por isso, o leitor preenche por completo o momento da leitura performática.

O cordel consegue fazer coexistir lado a lado, oralidade e escrita (sem que uma seja mais importante que a outra), mas elas se completam, pois há a escritura para se fazer voz, corpo e gesto. Assim, o cordel pede uma gestualidade do corpo atrelada a movimentos das mãos ao falar, do olhar que encontra o seu interlocutor, o poeta, na sua movimentação ocupa o espaço a fim de atrair a atenção dos ouvintes, não somente a história que conta, mas, também, a sua performance. (MATOS, 2007, p. 152).

Além disso, o cordel congrega (ou pelo menos congregava desde a sua origem) a família, os amigos, os vizinhos, ele (res) significa um momento em que os folhetos concretizam compartilhamentos. Assim, dada as reiteradas leituras/performances, os folhetos acabavam sendo memorizados pelos participantes, essa prática de leitura do poema em voz alta dava a oportunidade para os “não” leitores (ou àqueles que não fossem ainda alfabetizados) de se familiarizarem com a escrita, e, muitos, mesmo sem saberem ler, compravam folhetos para serem lidos durante essas rodas de leitura. Então, neste processo muitas pessoas foram alfabetizadas de modo autodidata, pelos folhetos.

Mas, sabemos que estas práticas de oralidade nas feiras já não é tão presente como há anos atrás, porém, o cordel se mantém vivo e se reinventa (com usos das novas mídias, da

internet etc.) Hoje, o palco principal é outro, pois o poeta não se intimida, nem cala sua voz, mas se adequa às novas oportunidades e mídias que lhe são apresentadas. Assim, as experiências coletivas consolidam-se mais nos meios de comunicação (como na TV, a exemplo do cordelista Bráulio Bessa, que participa de um programa numa emissora pública de Televisão) e na internet, onde o poeta-cordelista tenta propagar sua poesia interagindo com múltiplos usuários, conquistando “novos” leitores, especialmente, a fim de garantir que sua voz ecoe nesta grande “ciberfeira”, socializando, desse modo, inúmeras trocas com seus usuários/receptores.

Toda essa expansão para a existência do cordel, possibilitou a ele chegar em diferentes espaços, e o fato de ser uma poesia popular não retira o prestígio que lhe possa ser atribuído, pelo contrário, faz com que ele esteja mais próximo da realidade dos alunos, tanto na sua linguagem mais coloquial, quanto na oportunidade de reflexão-crítica. Ainda as histórias (ou fatos narrados), muitas vezes, trazem temas do cotidiano (daquilo que pode ser bem próximo do aluno), além disso, o cordel, como diz Vilma Aparecida Gomes e Claudia Goulart (2019):

O cordel é um gênero mais próximo da oralidade e, por isso, ocupa um lugar fronteiro importante nas práticas orais dos estudantes, porque possui rimas, repetições, linguagem informal, descontraída e lúdica. Essas características facilitam a inserção dos estudantes no trabalho com o gênero, nas manifestações da cultura popular brasileira e, em consequência, torna-se mais atraente a tarefa de escrever. (GOMES: GOULART, 2019, p. 102).

Como dizem as autoras, o cordel pode engendrar outros textos, pode tornar-se uma estratégia metodológica da “tarefa [de o aluno] escrever”. Ainda a oralidade pode ser uma barreira para os discentes convidados a expressarem oralmente e nem sempre eles conseguem (ou se dispõem) a fazê-lo. Assim, nas nossas práticas em sala de aula percebemos o quanto é necessário um trabalho sério com a oralidade, pois já vimos muitos alunos tremerem de nervosismo ou de vergonha, seja na leitura de um único parágrafo de um texto, seja na exposição de um seminário ou num debate, parece-nos que é sempre um desafio conseguir que os jovens estudantes se sintam à vontade para falar/oralizar um texto (por menor que seja), mas, é claro, que alguns poucos já oralizam de forma mais espontânea. Por isso, como afirmam Gomes e Goulart (2019): “Essa prática contribui também para a desinibição do aluno [...]”. Desse modo, o trabalho com o cordel na sala de aula é muito relevante.

Também como orienta o Documento Curricular de Língua Portuguesa do Tocantins (2018), “o letramento também compreende o desenvolvimento das capacidades dos sujeitos de expor, argumentar, explicar, narrar, além de escutar atentamente e opinar respeitando a vez e o momento de falar”. (DCT, 2018, p.11). O documento destaca a importância do uso da

oralidade em sala de aula, visando desenvolver várias habilidades que se concretizam através da capacidade de usar a fala/oralidade de forma eficiente.

Numa sociedade em que se vivencia o “empoderamento” da palavra, em que é preciso se ter voz para se ter vez, nos é imposto a necessidade de sabermos nos posicionar, de termos criticidade e capacidade de argumentação. Ao sujeito cabe a tomada de decisões, as reivindicações, a defesa das ideias, a interação com os outros. Enfim, o sujeito precisa se autoafirmar por meio da oralidade. Cabe à escola, então, aproveitar o espaço de interação a ela pressuposta, para por meio de um trabalho conjunto entre escrita e oralidade, tentar construir cidadãos mais críticos, capazes de se posicionar diante das diversas situações que lhes são apresentadas pela sociedade.

Uma mediação à oralidade é propícia em sala, podendo ela contribuir de forma mais eficiente para o desenvolvimento amplo dos alunos, pois os levando a participarem efetivamente das aulas, trazendo suas opiniões e questionamentos pode fazer com que as aulas se tornem mais dinâmicas e voltadas a uma formação mais cidadã. Sendo assim, estas práticas em sala de aula acabam por abrir um espaço para uma pluralidade de discursos.

Quando, por exemplo, lemos um texto em sala e o levamos à discussão, percebe-se que a subjetividade do leitor durante o processo de recepção daquele texto, faz-se de forma única, já que cada leitor agrega ao texto seus conhecimentos prévios e ao socializarmos coletivamente essas opiniões, durante práticas de oralidade, nota-se, então, a riqueza que a linguagem traz consigo em poder produzir tantos discursos diferentes acerca de uma mesma leitura. No caso do cordel, como trazem Gomes e Goulart (2019):

[...] configura-o como uma possibilidade exemplar de trabalho ao se tematizar, por exemplo, a leitura de cordéis com o objetivo de oportunizar ao aluno conhecer, valorizar e respeitar a **multiculturalidade e a diversidade linguística** inerentes ao nosso país, ou pensar sobre temas socialmente relevantes para a sociedade, mas que é, ao mesmo tempo, carregado de simplicidade e de sabedoria, típicas do povo nordestino. Um trabalho assim pode favorecer a compreensão da beleza estética da poesia de cordel e a possibilidade de um rico debate sócio-cultural que os textos nos oferecem, contribuindo para a ampliação da oralidade e do letramento dos estudantes, práticas sociais importantes para o desenvolvimento do protagonismo cidadão. (GOMES; GOULART, 2019, p. 102) [grifo nosso].

Nesse sentido, a literatura de cordel registra “leituras” da sociedade, registra processos históricos, momentos, idealizações de uma época etc. É a cultura representada, é cultura, a sociedade sendo (re)visitada. Deste contexto, o cordel trama à oralidades diferentes marcas de “multiculturalidade e [de] diversidade linguística”. Sendo assim, esta literatura/poesia popular surge como um processo de interlocução dos jovens estudantes com a sociedade, em que

temáticas diversas ou de cunho social, podem oportunizar estes jovens adolescentes a construir um discurso mais crítico ou até mesmo mais politizado.

Por isso, o cordel, ao nosso ver, passa a ser uma leitura importante a ser explorada em sala de aula, podendo esse até mesmo despertar maior confiança dos alunos para a prática da oralidade, pois a linguagem parece apresentar situações mais naturais e/ou cotidianas. Sendo assim, o ato de expressar-se oralmente pode vir de forma mais leve e interativa, conseqüentemente, abrirá o espaço à múltiplas (e significativas) vivências. Ademais, o cordel traz dinâmicas performativas e ajuda na exploração da musicalidade, do ritmo, das rimas etc. Conforme afirma Claudia Zilmar da Silva Conceição e Carlos Magno Gomes, num artigo intitulado “A oralidade do cordel no ensino de literatura” (2016, p. 97): “Ao explorar a performance do cordel, nos distanciamos do artificialismo, pois esse gênero é híbrido de uma escrita que projeta um canto, por isso precisa de uma leitura auditiva [...]”. Mesmo que estejamos lendo o cordel sozinhos, acabamos por performá-lo mentalmente/corporalmente.

Deste modo, a voz do cordel faz-se eclodir no corpo, e quando a poesia de cordel chega à escola, os momentos de oralização requerem proporcionar um encantamento, como explicita, a seguir, Edilene Matos, em “Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética” (2007):

O poeta de cordel, poeta a meio caminho entre a oralidade e a escritura, exerce efeito encantatório sobre seus leitores/ouvintes, um encantamento transmitido pela palavra viva, grafada no papel e inscrita na voz. (MATOS, 2007, p. 151).

Nesse sentido, o professor enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem tem que considerar especialmente a musicalidade e as rimas dos versos, bem como os “efeitos” que os fortes traços orais possam ter sobre os “leitores/ouvintes”. Assim, ao se trabalhar a leitura de cordel em sala, deve-se evidenciar estas características aos alunos e ler para eles com toda a entonação necessária, ou, então, passar vídeos com a declamação feita pelos próprios cordelistas. Tudo isto, ajuda despertar nos jovens estudantes realizar uma leitura em voz alta, e, quiçá, os mais tímidos possam ser encorajados pelas leituras e performances poéticas.

Ademais, estes momentos podem representar um divisor de águas àqueles adolescentes que tenham dificuldade em se expressar oralmente. E Zumthor (2018, p. 79) afirma que: “A voz é uma forma arquetípica, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade”. Como evidencia o autor, a “sociabilidade”, pode vir da voz humana. Por isso, se faz

necessário despertar alunas e alunos para este sentimento profundo, que é a poesia em voz alta.

Além disso, a voz poética pode passar a ser uma interação na comunidade, um sentimento que pode revelar muitas emoções daqueles que convivem num mesmo espaço. Sendo assim, as práticas de oralidade devem ser realizadas, em sala de aula, para que o nosso aluno alcance maior potencialidade de interagir em sua comunidade de modo muito mais ativo pelo uso da voz. Para Conceição e Gomes (2016):

Ao dar visibilidade ao cordel, abrimos caminho para o reconhecimento da tradição popular como um local de resistência artística. Essa resistência à cultura oral é própria de sociedades cujas origens são insistentemente apagadas pela primazia do escrito. (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016, p. 95).

Conforme falam os autores, temos que investir na cultura oral e valorizar a oralidade, na escola, temos visto muito mais uma primazia ao texto escrito. Contudo, além de o cordel poder representar um meio de “resistência”, ele implica toda uma gama cultural, além do seu poder performático. E o processo de recepção do cordel vai pelas vias subjetivas dos seus efeitos, algo que é capaz de envolver o seu ouvinte. Ainda para Conceição e Gomes (2016):

A performance dramatizada do cordel nos convida a repensar sobre o que está sendo declamado e compartilhado em grupo. Portanto, explorar essa performance, a partir da oralidade e das representações culturais, constitui-se em um processo de recepção subjetiva e criativa que desperta o interesse do jovem em compartilhar suas experiências de leitura de mundo. (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016, p. 96).

Desse modo, analisando o que dizem os autores, essa capacidade performática do cordel, que se dá a partir da oralidade, ajuda a promover a integração e a participação dos adolescentes, pois a recepção do cordel possibilita não só reações estéticas e criativas, mas, também, oportuniza aos ouvintes/receptores criar reflexões diante dos conteúdos retratados pelos poemas.

4. RELAÇÕES DE GÊNERO NO CORDEL NA PERSPECTIVA DA MULHER

A sociedade patriarcal
Normal em outros tempos
Impediu nossas mulheres
De mostrar o seu talento
Que hora é reconhecido
Com todo merecimento.
Lennicé Matias (2019)

Desde o início da história da humanidade a mulher tem buscado o seu lugar de direito em diversas esferas da sociedade, e não há como ignorar toda discriminação que a mulher tem sofrido durante todos estes séculos, mas ela resiste, insiste “persiste”, não desiste da luta, e, aos poucos, vem conseguindo seu espaço, mesmo dentro uma sociedade machista e seletiva, como é a nossa.

E no espaço da literatura não seria diferente, houve durante muito tempo uma lacuna de produções literárias de mulheres, não que as mulheres não tivessem realizado produções artísticas literárias, mas é que durante muito tempo elas não tiveram espaço no mundo literário altamente dominado por homens. Assim, as mulheres foram duplamente excluídas tanto dos cânones como da literatura popular.

Em uma pesquisa realizada por Miguel Pereira Barros, em seu livro “Relações de gênero na literatura de cordel” (2015), o autor chega à conclusão de que: “De um modo geral, a literatura analisada enuncia um viés de opressão à mulher associado ao cordel. Destaca-se a reduzida presença de mulheres entre produtores, autores e editores de cordel” (BARROS, 2015, p.106). Diante deste dado, trazido pelo autor, acreditamos que o nosso trabalho vai ao encontro de dar visibilidade e voz à mulher, seja nas produções dos cordéis (dos alunos da escola da pesquisa), seja na vida.

Ao observarmos o papel que a mulher representa nos cordéis, principalmente, aquele das décadas passadas, inevitavelmente, temos que nos remeter ao tema família, em que uma visão patriarcalista impera. Por isso, verificamos em alguns cordéis uma posição de submissão da mulher. Nas relações de gênero existente nos cordéis parece-nos que à mulher é destinado ocupar uma posição inferior a do homem, cabendo a ela, ser “vista/tida” como sexo frágil, pois, ela sempre é defendida pelo herói da narrativa.

Então, a mulher sobressai-se no papel de esposa, de dona de casa e de mãe. Mas, por que isso ocorria (ou ocorre ainda?). Podemos falar que a mulher era, desde cedo, criada para atender a estes papéis sociais (esposa, de dona de casa e de mãe), e ela acabava, comumente, se conformando com as “normas” estabelecidas pela sociedade patriarcal e machista, uma vez

que, esses modelos sociais “concretizavam/estabeleciam” uma falta de expectativa em relação à sua autonomia sócio-psíquica e econômica, fato esse aliás, que poderia obrigar a mulher, muitas vezes, a aceitar tais circunstâncias, talvez por medo, talvez por comodismo, mas, muitas vezes, por pressão social.

Em seu livro “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire (1987, p. 34) destaca que:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, ‘imersos’ na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. (FREIRE, 1987, p. 34).

Diante do que fala o autor, raríssimas mulheres ousaram no passado lutar pela sua liberdade, a maioria “preferia” o silêncio sob o julgo da “engrenagem da estrutura dominadora” a buscar ou correr riscos para obter uma autêntica liberdade. E, mesmo mediante do crescimento industrial do país, quando as mulheres eram contratadas como operárias nas fábricas mantinham-se submissas aos homens, detentores de cargos administrativos de maior reconhecimento social e econômico. E, até hoje em dia, vemos que quando as mulheres ocupam os mesmos cargos que os homens podem receber menos que eles, o que representa um trabalho desconsiderado (ou um machismo arraigado do patriarcalismo com seus privilégios contínuos e geracionais), o que acaba perpetuando um lugar de total desmerecimento e de desigualdades de gênero.

A mulher mesmo participando deste universo da performance do cordel, não tinha muito espaço para produzir seus próprios cordéis, pois estava praticamente dentro deste ambiente patriarcal a que pertencia e, às vezes, até o legitimava, principalmente, no nordeste onde o cordel se disseminou com maior força, desde sempre, e onde o patriarcalismo sempre esteve fortemente presente na vida das famílias.

Desta maneira, por muitos anos coube à mulher somente se dedicar aos afazeres da casa, ser uma boa esposa e mãe. Já, em meados do ano de 1938, a cordelista paraibana Maria das Neves Pimentel, filha do poeta e editor de cordel, Francisco das Chagas Batista, escreveu e publicou um cordel, sob o título “O violino do diabo ou o valor da honestidade”, mas, para realizar tal feito, teve que assumir o pseudônimo masculino de nome “Altino Alagoano”. Mesmo sob tais “procedimentos” de produção, este fato confirma que as mulheres também produziam seus cordéis, porém, elas não tinham espaço para serem reconhecidas como escritoras e/ou publicá-los. O apagamento das vozes femininas na produção de cordéis impediu que muitos talentos fossem apreciados no contexto cultural brasileiro, de modo que

estas mulheres (muitas anônimas) não vinham a público ou eram reconhecidas na cena literária (ou no processo histórico) como escritoras e/ou cordelistas.

Barros (2015) aponta que o reconhecimento de mulheres como autores de cordéis é algo recente, ocorrendo principalmente a partir de meados dos anos 80. Contudo, ainda em minoria, pois o cordel conta com setenta cordelistas atuantes em nosso país, sendo encontradas, em especial, na região do nordeste.

Dentre as novas autoras da literatura de cordel destacamos a cearense Sebastiana Gomes de Almeida⁷, conhecida como “Bastinha” e a cordelista/poeta Jarid Arraes⁸, que tem mais de setenta títulos publicados em Literatura de Cordel. A respeito desta última, a nossa produção realizada em sala de aula teve como inspiração seu livro *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (2017) em que a autora retrata a biografia de vida de mulheres negras que marcaram seu tempo lutando em prol do seu povo, que reivindicaram seus direitos diante das injustiças praticadas contra o negro e contra a mulher, dando visibilidade às estas histórias que, em sua grande maioria, permaneceram apagadas pelo contexto histórico de discriminação e desvalorização ao povo negro, e neste caso à mulher negra. A autora tem, comumente, explorado este viés temático em seus cordéis que tratam da garra e da coragem das mulheres negras, que lutaram (e lutam ainda) contra todas as atrocidades (as de ontem e as de hoje) contra a mulher negra, e assim vai reivindicando a busca pelos seus direitos.

No ambiente que permeia as produções de cordéis de mulheres, algo se diferencia das dos homens, principalmente, se observarmos os primeiros cordelistas: a maioria das mulheres possui nível superior. Dentre elas algumas muito citadas em trabalhos acadêmicos como: Hélvia Callou⁹, Maria de Fátima Coutinho¹⁰, Maria Goldelivie¹¹, Salette Maria da Silva¹². (BARROS, 2015).

⁷ Pernambucana, professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Popular da Universidade Regional do Cariri – URCA. (BARROS, 2015, p.107).

⁸Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de Fevereiro de 1991, Jarid Arraes é escritora, cordelista, poeta e autora dos livros “Redemoinho em dia quente”; “Um buraco com meu nome”; “As Lendas de Dandara” e “Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis”. É Curadora do selo literário “Ferina”, atualmente vive em São Paulo (SP) e tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel. (<http://jaridarraes.com/sobre/>)

⁹ Paraibana, professora, jornalista e cordelista, tematiza em seus cordéis poemas à crítica e a denúncia dos problemas sociais, da economia, do ambiente e da política. (BARROS, 2015, p. 108).

¹⁰ Paraibana, professora de Literatura Brasileira, aborda em seus cordéis a mulher contemporânea e sua relação com o sexo masculino. (BARROS, 2015, p. 109).

¹¹ Paraibana, poeta, professora e contadora de histórias, geralmente em seus cordéis utiliza o humor para aplicar lições de moral, também busca trabalhar uma figura forte da mulher. (BARROS, 2015, p. 109).

¹² Cearense, professora, advogada e poeta, em seus cordéis assume a defesa das minorias e também identifica-se como uma militante feminista. (BARROS, 2015, p. 109).

Mesmo assim, não há como se comparar o pequeno espaço do qual a mulher teve, durante muitos anos, para a produção do cordel, se olharmos o espaço e a quantidade de folhetos de cordel escrito por homens, veremos que esse universo sempre protagonizou os cordelistas homens em detrimento das produções das mulheres, principalmente, em tempos passados, em que a mulher escritora/cordelista, na verdade, só tinha um pequeno espaço por sua insistência em conquistar seu lugar no mundo literário ou não.

Como já comentamos nos parágrafos acima, à mulher de épocas passadas cabia ficar em casa, cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos e não lhes era permitido estar nas feiras a recitar cordéis; esse era um lugar de domínio do homem. Hoje, a resistência não é tanta à voz feminina, mas, ainda assim, não vemos tantas cordelistas mulheres, especialmente, se fizermos uma comparação com o número de cordelistas homens. Como aponta, a seguir, Francisca Pereira dos Santos (2006):

O silêncio (im)posto às mulheres enquanto artistas nessa área é hoje gradativamente, e cada vez mais, questionado pelas próprias mulheres que agora, em romaria de versos, presentificam uma prática poética que nos incita a repensar a historiografia desta literatura cujos parâmetros oficiais interditaram a mulher. (SANTOS, 2006, p. 185).

Algo é certo que, tanto o cordel como a mulher possuem em comum um lema: a resistência e luta. O cordel, considerado como literatura popular, tem sofrido ao longo dos anos uma desvalorização, principalmente, por parte de alguns que insistem em valorizar, apenas, a literatura erudita. Entretanto, mesmo diante de tal situação, a literatura de cordel tem resistido e persistido ao longo dos anos, e cada vez mais, tem se adaptado aos novos meios (ou mídias) de uma sociedade contemporânea, que, talvez, insista em desmerecer a sua própria cultura.

Neste contexto, parece-nos que com a mulher (de um modo geral) não é muito diferente, pois ela tem sofrido, ao longo dos anos, diferentes formas de repressão e/ou exclusão, especialmente, em algumas situações que abundam de machismo dentro da sociedade. Contudo, temos avanços, resistências e forças oriundas da luta das mulheres, que aos poucos tem conquistado seus direitos de igualdade de gênero.

Nas histórias da literatura de cordel, a presença da mulher é constante, só que em muitos folhetos, normalmente, ela é retratada como um ser frágil e sofredor, dominada pelo homem ou colocada à mercê do universo masculino, porém, algumas vezes, a mulher é caracterizada como forte.

No folheto de cordel “Os sofrimentos de Alzira”, por exemplo, de Leandro Gomes de Barros, a personagem Alzira aparece como aquela que aceita tudo o que lhe é imposto de maneira submissa. Primeiro, por aceitar o marido a quem seu pai lhe prometeu mesmo contra sua vontade, depois, por mais tarde ser vítima de uma trama em que seu cunhado faz com que seu pai e seu marido acreditem que ela havia sido uma esposa infiel, e, estes, por fim, lhe definem a morte como castigo, aliás, decisão à qual, num gesto de submissão, ela simplesmente aceita. Vejamos, a seguir, um trecho do cordel, de Barros:

O maldito do irmão
 Soube quando o duque vinha
 Foi encontrar-lhe e depor-lhe
 Toda maldade que tinha
 Alzira, tão inocente
 Como qualquer criancinha.

Quando ele chegou em casa,
 Alzira o foi receber.
 Quando ele avistou Alzira,
 Ficou quase a se morder.
 Disse: - Faça-me o favor
 De a mim não aparecer.

Alzira entrou em soluços
 E foi fazer oração.
 Um anjo veio por sonho
 E lhe fez revelação
 O Duque aí escreveu
 Para o conde de Aragão.

Era meia noite em ponto,
 O Duque a ela chamou
 E ali perante o pai
 O fato se propalou.
 Alzira ainda quis falar,
 Mas o Duque não deixou.

- Maldita! Disse o Conde.
 Você para a morte vai,
 Porque é o que merece
 Toda que ao marido trai!
 Alzira olhou e disse:
 - Muito obrigada, meu pai!
 (BARROS, s/d., p. 16-17)¹³

Atualmente, povoam os cordéis uma figura de mulher mais forte, com um perfil de maior autonomia e liberdade, comumente, as mulheres aparecem em meio às temáticas que as valorizam e dão uma voz bem mais ativa, corajosa e independente a elas. No plano das produções, hoje, são muitas as cordelistas em nosso país que buscam manter vivas as

¹³ BARROS, Leandro Gomes de. Os sofrimentos de Alzira. Editora Cunha Ltda. São Paulo, s/d.

tradições dos folhetos de cordel e o fazem com as produções/publicações primorosas e tematizam questões mais “urgentes”, como as de raça e de gênero, como tem feito a autora Jarid Arraes, em seu livro “Heroínas negras: em 15 cordéis” (2017), que é uma obra poética versada em rimas, em que o destaque é para a história de vida de algumas mulheres negras, (muitas delas, aliás, invisibilizadas pela história), que lutaram pela liberdade e pelo respeito que lhes eram de direito, a exemplo do cordel sobre Maria Firmina dos Reis, vejamos, algumas estrofes:

Maria Firmina dos Reis
De mulata foi chamada
Mas renego esse termo
Pra gente miscigenada
Reconheço-a como negra
Sendo assim bem nomeada

[...]

Só que Maria Firmina
Tinha livre o coração
Defendendo com clareza
Que acabasse a escravidão
Para ela o ideal
Era a certa abolição

Uma forma que encontrou
Pra política exercer
Foi na arte literária
Que ela veio a escrever
Contos, livro e poesia
Tudo pronto pra se ler.

[...]

A primeira romancista
Que foi negra e nordestina
Soube usar com esperteza
O fulgor de sua sina
Trabalhou suas palavras
Mesmo sendo clandestina.

[...]

Ela foi tão importante
Para outras instigar
E a mim muito emociona
Quase ao ponto de chorar
Quando penso em sua vida
Quero assim compartilhar.

[...]

Como pode algo assim?
Se a história ela marcou
Porque não falamos dela

Nem do que ela conquistou?
É terrível a injustiça
Que a escola maculou.

É por isso que eu faço
No cordel a correção
Que conheça a Firmina
Um orgulho pra nação
E que espalhem sua obra
Que desperta o coração.
(ARRAES, 2017, p. 107-112)

A autora, em seu cordel sobre Maria Firmina dos Reis, inicia o poema valorizando o negro (que já passou, e, infelizmente, ainda passa por situações de racismo e de desvalorização), e retrata também a luta da personagem pela liberdade do seu povo; luta essa, aliás, que se concretizou a partir da arte literária, e, como escritora pôde mostrar o seu talento e a sua voz (mesmo tendo vindo à luz muitos anos depois), que representa as vozes de tantas outras mulheres silenciadas pela sociedade.

Assim, Arraes conclui seu poema levando-nos a refletir sobre como pode uma mulher que fez a diferença em seu tempo, sendo a primeira romancista negra da história deste país, não ser conhecida por todos? A história deste país cuidou de registrar e divulgar, em sua maioria, somente os feitos dos homens, deixando, muitas vezes, à margem muitas mulheres, como essa (Maria Firmina dos Reis), que soube ir além do que “podia” em seu tempo. Por isso, essa mulher negra e escritora é um exemplo de superação que cabe a todos nós (mulheres e homens, negros e brancos) conhecer.

4.1 Mulheres e suas relações com o campo

A mulher sempre esteve
Num lugar de submissão
Em que se acostumara
A não ter opinião
Mas isso ficou no passado
Pois hoje tem voz e ação.
Lennicé Matias (2019)

Numa sociedade patriarcal restava à mulher, apenas, um lugar de submissão e obediência, desde o convívio com o pai, quando ainda criança e moça, até o convívio com marido, quando mulher-jovem-adulta. A mulher era subordinada ao homem da casa e acabava por atender todos os desejos e as vontades destes. Por isso, na sociedade patriarcal a mulher tinha que preservar uma boa imagem, a de mulher virtuosa, religiosa, dedicada aos afazeres de casa, exemplo de esposa, de mãe (sucessiva a muitas maternidades) e, no caso das mulheres

da zona rural, ainda, tinha que trabalhar em serviços braçais juntamente com os homens, sem o direito de reclamar ou se eximir de determinados trabalhos.

Ainda, hoje, nossa sociedade brasileira convive com vestígios ou resquícios de um sistema/sociedade patriarcalista. Nesse sistema as mulheres são tidas como “sexo frágil”, em especial, pela ótica de um discurso no qual o homem é o sexo forte, por ser o homem tido como protetor, o chefe da família etc., desse modo, a mulher, que vive sob essa égide assume uma posição secundária ao homem, ela se faz um apêndice (uma sombra e fica atrás do homem), assim, a mulher reproduz um caráter passivo e obediente, pois tudo lhe é imposto pelo homem.

Aos poucos, a mulher tem à custa de muita luta conquistado um espaço maior na sociedade, embora, ainda bem menos do que o merecido (do nosso ponto de vista). Porém, algumas destas posturas mais tradicionais em relação de gênero estão sendo amenizadas na sociedade atual.

Estas conquistas aos poucos também estão refletindo no ambiente rural, no qual a mulher passou a ter mais voz. Todavia, a mulher ainda é muito invisibilizada, principalmente, no tocante aos serviços praticados neste ambiente do campo, uma vez que, os serviços por ela praticados não são reconhecidos formalmente como conceito de trabalho pela sociedade, mesmo que estas ultrapassem o ambiente doméstico, a mulher do campo tem um trabalho menos valorizado, porque ela atua, muitas vezes, invisivelmente, nas lavouras, nos plantios, nas colheitas, na ordenha de vacas, na fabricação de queijos ou outras atividades rurais voltadas para subsistência da família.

A mulher, geralmente, é tida como ajudante do homem e na maioria dos casos a mulher da zona rural não é considerada como agricultora, mas, sim, como a filha ou a mulher do agricultor, uma vez que, seu trabalho é tido como “leve” e o do homem como “pesado”, logicamente que esta classificação depende da perspectiva em que é analisado o trabalho, pois em muitos casos, as mulheres, realizam muitos trabalhos tidos como “pesados” como, por exemplo, o plantio e a colheita de produtos agrícolas, o carregamento de água em casos que é preciso buscar água muito longe e fora das proximidades, para o abastecimento da casa e da família.

Na soma dessas horas de trabalho, em que a mulher se coloca como ajudante do marido ou do pai, ela acaba trabalhando mais do que o homem, uma vez que, ao término deste serviço conjunto ela ainda terá que, ao chegar em casa, se dedicar aos trabalhos domésticos, comprometendo, então, seu momento de descanso ou de lazer. Trabalho este, que é mais

invisível ainda, visto que nossa sociedade capitalista nos condicionou a considerar como trabalho, apenas, aquilo que pode ser remunerado (produção e consumo, numa lógica capitalista).

Podemos acrescentar ainda os trabalhos em torno do quintal, como o plantio de verduras, vegetais, hortaliças, plantas medicinais, pequenos roçados para plantio de consumo, que geralmente são realizados e mantidos pela mulher, seja para subsistência da família, seja para a venda e complemento da renda familiar. Trabalho este que, na maioria das vezes, a própria mulher considera como uma extensão do seu trabalho doméstico, pois elas veem todo o entorno da casa como uma continuação do lar e tudo o que realiza nestes locais é tido, para ela, como um prolongamento do trabalho realizado em casa, e não percebem o quanto contribuem para o desenvolvimento rural, até porque, em muitos casos, a mulher deixou-se condicionar a uma situação inferior em vários setores de sua vida, sustentando, assim, uma situação de apenas complementaridade de seus afazeres permitindo a invisibilidade do seu trabalho.

Se olharmos, por exemplo, o cuidado com os animais em uma propriedade rural, normalmente, são os homens que cuidam dos animais de maior porte, como o gado, e as mulheres são responsáveis de animais de pequeno porte, como os porcos, as galinhas, cabras, e fazem isso como se fosse uma extensão das tarefas da casa, não se dão conta de que há acúmulo de trabalho envolvido e muito, mas muito, esforço, e, na maioria das vezes, todo este trabalho da mulher não é valorizado.

Ao homem cabe as decisões da propriedade rural, já que ele é tido como o “chefe” da casa e da propriedade, então ele comumente define os investimentos a ser feitos na terra, o que comercializar, como a compra e venda de animais e outras questões que marcam ainda mais a relação de poder que detém sobre a família e a mulher, inclusive, na maioria das vezes, a mulher acata as decisões do marido.

Joice Berth, em seu livro “Empoderamento” (2019, p. 22) destaca que “Muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido”. No caso das mulheres do campo, esse fator é fortemente presente, pois a maioria delas aceitam passivamente a situação secundária em que vivem. Contudo, acreditamos que é preciso que haja por parte destas mulheres a capacidade de refletir e reconhecer a situação de opressão vivenciada por elas, para que haja o enfrentamento destas práticas que as colocam em segundo plano. É interessante ressaltar que ao buscar o enfrentamento de tais práticas não haja a inversão dos papéis, em que o oprimido passe a ser opressor, mas, antes que possa

haver: “[...] uma postura de enfrentamento de opressão para eliminação da situação e equalização de existências em sociedade”. (BERTH, 2019, p. 23).

Na busca de transformação deste cenário foi criado O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), juntamente com a Secretária de políticas para as Mulheres (SPM), que não têm medido esforços para colocar em pauta a necessidade de se discutir e de se valorizar a importância do trabalho da mulher na zona rural, embora ainda haja um longo caminho a percorrer para que seu trabalho possa ser reconhecido. (FARIA, 2009, s/p.). Karolyna Marin Herrera, em um trabalho intitulado de “Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola (2017)”, comenta que:

Nessa mesma direção, destaca-se a iniciativa do Governo Federal para o processo de empoderamento das mulheres rurais. Em 2001, o Ministério Desenvolvimento Agrário (MDA), determinou que 30% dos recursos relativos à linha de crédito do Programa de Agricultura Familiar (PRONAF) fossem destinados às mulheres, reforçando a importância da ampliação de instrumentos de acesso em relação às políticas públicas que se orientam para a agricultura familiar. (HERRERA, 2017, p. 5).

Graças a alguns programas de políticas públicas destinados à mulher da zona rural, as mulheres têm conseguido um espaço maior para que possam, de fato, serem vistas como trabalhadoras rurais, embora, esse bloqueio ainda precise ser desenraizado da cultura do nosso país, que insiste tão somente em valorizar e privilegiar o homem, principalmente, como aquele que controla o ambiente familiar e os trabalhos rurais, já que ainda se tem, muitas vezes, a ideia da mulher ser considerada frágil, dependente e incapaz. Assim, estas mulheres do campo/rurais carregam em sua história o marco de serem discriminadas duplamente: primeiro, por serem mulheres; segundo, por serem da zona rural.

Contudo, muitas mulheres insistem em resistir a este contexto e se destacam na luta por seus direitos e por sua dignidade. Entre elas podemos destacar Margarida Maria Alves que dedicou sua vida à luta pelos direitos dos trabalhadores rurais explorados por latifundiários, em prol desta e de outras causas tornou-se presidente do sindicato dos trabalhadores rurais em Lagoa Grande, na Paraíba atuando em favor de campanhas trabalhistas a fim de fazer justiça social a homens e mulheres do campo.

Destacamos que Margarida Maria Alves tinha como lema: “É melhor morrer na luta que morrer de fome”. Alves perdeu sua vida por sua coragem em desafiar a tudo e a todos em busca dos direitos dos ruralistas, e deixou um legado de muitas conquistas (antes e depois de sua morte). Margarida Maria Alves ainda hoje é homenageada por trabalhadoras rurais com a marcha das Margaridas, realizada todos os anos em Brasília, no dia 12 de agosto, data de sua

morte. A marcha relembra os feitos dessa grande mulher camponesa e, assim como ela, continua a luta pelos direitos dos trabalhadores rurais.¹⁴ Para Beatriz Maria Alásia de Heredia e Rosângela Pezza Cintrão, em “Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro (2006)”:

As Marchas das Margaridas foram um marco porque permitiram colocar diretamente em negociação com o governo federal as antigas, e também as novas, reivindicações dos movimentos de mulheres rurais. Provavelmente as mobilizações permitiram também levar discussões sobre os problemas de gênero para um número mais amplo de mulheres rurais, dado que a preparação para a Marcha Nacional envolveu todo um processo de organização no qual sindicatos e associações realizam localmente reuniões e seminários para discutir problemas e as reivindicações das trabalhadoras rurais, bem como se incentiva atos públicos e manifestações voltadas para reivindicações específicas nos estados e municípios. (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 9)

A Marcha das Margaridas veio para consolidar a luta de Alves, especialmente, por meio de mulheres que aprenderam com seu exemplo a buscarem seus direitos, na esperança concreta de dias melhores.

Destacamos também a luta de Raimunda Gomes da Silva, conhecida como Dona Raimunda quebradeira de coco, uma das fundadoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), reunindo cerca de 300 mil mulheres dos estados de Tocantins, Pará, Maranhão e Piauí. Por causa de sua luta, Raimunda foi homenageada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Tocantins, além de prêmios como o Diploma Mulher-Cidadã Guilhermina Ribeiro da Silva, concedido pela Assembleia legislativa do Tocantins e o Diploma Berta Lutz concedido pelo Senado Federal em homenagem às mulheres que lutam pela igualdade de gênero no país.¹⁵

Outra mulher determinada e forte na defesa contra a exploração dos latifúndios/ruralistas foi a Irmã Dorothy Mae Stang, uma freira norte-americana, naturalizada brasileira, que destinou sua luta pela geração de empregos e rendas com projetos de reflorestamento em áreas devastadas, atuou em movimentos sociais, como a reforma agrária, além de manter-se sempre em diálogo com os ruralistas a fim de esclarecê-los sobre seus direitos. Recebeu a premiação da Ordem dos advogados do Brasil por sua luta em defesa dos direitos humanos. Foi assassinada, aos 73 anos de idade, no estado do Pará, mas sua causa

¹⁴ <https://paraibahoje.wordpress.com/2013/08/12/uma-historia-de-luta-pelos-trabalhadores/>

¹⁵ <https://www2.uft.edu.br>

ainda continua viva e é lembrada como uma mulher de coragem e fibra, mártir que perdeu a vida buscando melhores condições de vida para os moradores rurais.

Citamos somente algumas mulheres que não temeram a luta contra as injustiças que sofrem os menos favorecidos, mas, sabemos que existem muitas Raimundas, Margaridas e Dorothys nesse país, que, ainda, resistem e travam lutas árduas pelos direitos dos que estão (ou são postos) à margem do sistema. Muitos sindicatos e organizações formados em prol das trabalhadoras rurais vinculados a movimentos sociais, tais como: o Conselho Nacional das Mulheres Indígenas, o Movimento de Mulheres Pescadoras, a Secretaria da Mulher Trabalhadora Rural Extrativista, o Movimento das Mulheres Quilombolas, além do Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu – já citado, a Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais (ANMTR)¹⁶ e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)¹⁷, vivificaram e ainda vivificam essas lutas tornando ainda mais forte a união destas mulheres que buscam melhorias para a vida no campo. (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 10-11).

As organizações destas mulheres fazem chegar até o poder público as suas reivindicações que sujeita o Estado a tomar providências diante das necessidades apresentadas. E a partir de então, começaram a destacar componentes de gênero nas ações propostas. Segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD) (2005, p. 11):

Só muito recentemente, a partir dos anos 80, com a Nova Constituição Federal, o Estado brasileiro passou a reconhecer os direitos das mulheres e a implementar políticas públicas orientadas para a promoção da igualdade. Apesar de importantes transformações nas famílias, permanecem relações desiguais de poder que se expressam no campo afetivo, econômico e político. Os avanços registrados só foram possíveis pela mobilização e organização das mulheres trabalhadoras rurais. (MDA; NEAD, 2005, p.11)

Vemos que mesmo com a implementação de algumas políticas públicas em favor das mulheres da zona rural, conquistadas por meio da resistência de muitas mulheres do campesinato diante da situação de desvalorização em que vivem, como o Pronaf Mulher¹⁸,

¹⁶ A ANMTR foi uma iniciativa que reuniu mulheres de movimentos autônomos diversos como: Comissão Pastoral da Terra, MST, Pastoral da Juventude Rural, Movimentos dos Atingidos por Barragens e alguns sindicatos dos trabalhadores rurais. (HEREDIA; CINTRÃO, 2006 p. 10-11).

¹⁷ O MMC busca uma valorização das mulheres da zona rural na construção de inovações na agricultura, reforçando ideias como: agroecologia, biodiversidade, uso de plantas medicinais, diversificação alimentar entre outros. (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 11).

¹⁸ Por intermédio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), as mulheres assentadas passaram a ter acesso a um microcrédito rural destinado ao desenvolvimento de uma atividade produtiva. (MDA; NEAD, 2005, p. 15).

acesso à terra em seu nome no processo de Reforma Agrária¹⁹, o Programa Nacional de Documentação da Mulher Trabalhadora Rural²⁰, entre outros, ainda permanecem em muitas situações de desigualdades de gênero no tocante aos setores sociais e familiares, visto que, na maioria dos casos, os programas implementados não possuem acompanhamento ou orientação para garantir, de fato, a sua efetivação. Contudo, estes ainda parecem ser um caminho possível, uma conquista que precisa ser aprimorada cada vez mais, para atender de modo mais amplo e efetivo às necessidades das pessoas do campo/da área rural, em virtude de muitas “novas” demandas sociais e humanas.

¹⁹ O II Plano Nacional de Reforma Agrária, dentre outras ações incluiu a titularidade conjunta e obrigatória da terra, que apesar de constar na Constituição Federal de 1988, até então não era obrigatória. Com a Portaria nº 981/2003 do INCRA, passou a ser obrigatório a titulação conjunta por áreas constituídas por um casal. (MDA; NEAD, 2005, p. 15).

²⁰ O Programa Nacional de Documentação da Mulher Trabalhadora Rural é uma ação que integra o segundo Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), criado em 2004, responsável por emitir documentos civis e trabalhistas para mulheres da zona rural, o que favorece o acesso à políticas públicas como o Bolsa Família e benefícios previdenciários. (MDA; NEAD, 2005, p. 14).

5. ANÁLISE DOS DADOS GERADOS

Ao analisarmos o ensino de literatura em nosso país, hoje, nos deparamos com muitas lacunas diante de um ensino que atenda à importância que esta traz à formação leitora de nossos alunos. Neste contexto, o texto literário nem sempre se torna o objeto central da aula e é visto de forma superficial e pragmática. Como consequência, temos alunos que não gostam de ler textos literários, porque não puderam apreciá-los e muito menos foram levados a entenderem o quão importante eles se fazem em nossa vida. Como defende Silvia Castrillón (2011, p. 20): “[...] ler pode ser um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de ser, de estar e atuar no mundo”. Como aponta a autora, a leitura abre muitas possibilidades na vida dos sujeitos, só que ela é um exercício difícil, então, se torna necessária uma mediação da parte do professor no sentido de proporcionar aos jovens estudantes meios de efetivar a importância dela para as suas vidas. A leitura só é significativa quando faz sentido para os sujeitos.

A partir desta concepção transformadora de Castrillón (2011), de que a literatura pode nos propiciar uma melhora nas condições de vida, buscamos uni-la (ou integrá-la) às ideias de letramento literário (Cosson, 2018), de forma a atender às exigências de uma leitura que faça sentido aos nossos jovens alunos, explorando ao máximo o texto literário. Dentro da realidade escolar em que a pesquisa foi realizada, em que não possuímos uma biblioteca, se torna ainda mais difícil o contato dos alunos com as diversas obras literárias existentes e que poderiam fazer parte das suas leituras. Contudo, reafirmando Candido (2017) temos direito à literatura e por isso buscamos por meio do cordel mediar, com nosso trabalho, levando os estudantes a usufruir deste direito que é a literatura.

Sob a luz da sociocrítica, procuraremos, então, analisar os dados gerados em nossa pesquisa, destacando tanto o letramento literário quanto os aspectos culturais e sociais a que as produções se vinculam. Acreditamos que a literatura de cordel nos remete a estes aspectos culturais e sociais, pois pudemos constatar essa ligação entre literatura e sociedade/cultura, principalmente, a partir das leituras realizadas em sala de aula e no desenrolar das produções escritas, as quais remetem a diferentes contextos culturais dos alunos. Por isso, houve um resgate das histórias de vida de algumas mulheres pertencentes à esta localidade/região. E diante destes aspectos nos apoiaremos em Pierre Barbéris *et al.* (2006, p. 145) que nos lança um questionamento ao qual também nos fazemos diante desta análise “Literatura/Sociedade/História: qual é o lugar e o papel dos homens e de sua consciência em seu ambiente cultural?” Visto que buscaremos a partir das produções dos alunos analisar a

consciência de mulheres em relação ao seu papel dentro do ambiente rural, por meio da literatura de cordel.

5.1 Análise das atividades orais em sala de aula

As atividades realizadas em sala de aula, a partir do viés do letramento literário (Cosson, 2018), decorreram grandemente nos diversos momentos de oralidade, visto que essa é uma habilidade necessária a ser desenvolvida em nossos alunos e como trabalhamos com a literatura de cordel, em que a voz e a performance se fazem primordiais, a oralidade passa a ser uma estratégia metodológica integrante e necessária nas atividades.

A partir de vídeos com declamações dramatizadas de cordéis, os alunos já puderam perceber toda a entonação, a musicalidade, as rimas provenientes da literatura de cordel, pois os comentários dos alunos, de modo geral, apontaram similaridade de sonorizações entre os cordéis, os alunos citaram a questão da entonação diferenciada usada para a leitura e a presença das rimas.

No momento seguinte de prática da oralidade em que dividimos as estrofes do cordel “A história da donzela Teodora”, para serem declamadas pelos alunos, verificamos que mesmo sem uma leitura, neste primeiro momento, com a entonação e a musicalidade exigidas pelo poema, todos se disponibilizaram a realizar a leitura em voz alta. Essa disponibilidade nos surpreendeu, visto que ao aplicarmos os questionários para diagnóstico da turma vimos que (sobre a leitura oral), grande parte dos alunos disseram não gostar de ler em voz alta (9 discentes), enquanto, apenas (2 discentes) disseram gostar e (6 discentes) disseram gostar mais ou menos. Assim, consideramos uma conquista atingir estes jovens estudantes, a partir do cordel, no tocante à leitura em voz alta.

Então, a nosso ver, esse foi o primeiro passo para atingirmos o objetivo de uma fruição natural da oralidade em sala de aula, pois, segundo as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental da BNCC (2018), é preciso levar os alunos a,

[e]nvolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p. 85).

Acreditamos que a voz, a leitura oral ajuda a manifestar muitas “dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento”, como exposto na BNCC, (2018). Assim, a leitura e a literatura vão se tornando mais vivas e mais potentes pela leitura em voz alta, pela performance oral.

Já, as/os adolescentes ao serem questionados sobre o ato de ler ou sobre o “gostar de ler”, obtivemos os seguintes dados: a turma ficou dividida (sim = 7 discentes), (não = 4 discentes), (mais ou menos = 6 discentes), assim, a maioria demonstrou gostar de leitura. Contudo, foi importante constatar que grande parte dos estudantes não lê em casa (leem em casa = 5 discentes), (não leem em casa = 12 discentes), o que demonstra, sobretudo, numa comunidade rural, que o hábito de leitura não faz parte da cultura familiar de nossos alunos. Outro fato de destaque a esse respeito a ser mencionada é que mesmo dentro de um ambiente escolar sem uma biblioteca (o que a nosso ver é lamentável uma situação dessa natureza), a escola ainda é o local onde estes jovens estudantes mantêm o contato com a leitura literária.

Depois, os discentes quando questionados sobre a importância da leitura para os seus desenvolvimentos, praticamente todos concordaram que a leitura contribui (contribui = 16 discentes) e (não contribui = 1 discente). E as justificativas foram em sua grande maioria, a de que a literatura contribuía para o aprendizado deles, ou, para melhorar a leitura, contudo, nenhum discente considerou que aquela pudesse transformar suas vidas.

Como a prática da leitura oral faz parte da nossa pesquisa, e como já foi citado acima, os resultados apontaram que a maioria dos estudantes não gostavam de ler oralmente. Assim, constatamos como se apresenta a leitura oral para os nossos alunos, que essa passa a ser um desafio no nosso trabalho docente, pois engajar os alunos para a leitura “literária” oral, não é (ou tem sido, para nós) uma tarefa fácil, pois esta decisão tem que vir do próprio aluno, o professor não pode impor esta ação a seus(as) alunos/alunas.

Quando adentramos, especificamente, nos questionamentos sobre a leitura de poemas, apesar da sala se apresentar dividida, a maioria respondeu que gostava de ler poemas (gostam de ler poemas = 9 discentes), (não gostam de ler poemas = 8 discentes). No entanto, quanto à escrita a minoria disse gostar de escrever (gostam de escrever poemas = 6 discentes), (não gostam de escrever poemas = 8 discentes) e (gostam mais ou menos de escrever poemas = 3 discentes), o que constatamos a princípio é que, provavelmente, a escrita seria um ponto mais difícil do que a leitura (a oralização de poemas), a se desenvolver com esta turma.

Os estudantes ao serem questionados sobre o cordel, grande parte não conhecia (10 discentes), enquanto que apenas (6 discentes) disseram conhecer e (1 discente) disse conhecer um pouco. Mas, o que mais chamou a nossa atenção foi o fato de que por mais que estes seis

alunos já tivessem tido contato com o cordel, isto não havia lhes marcado a ponto de conhecerem o nome de algum título de cordel, pois somente (1 discente)) disse lembrar o título de um poema.

Partindo da necessidade de se apresentar o cordel aos alunos, expusemos vários títulos de cordel em um varal, na sala de aula, e pudemos perceber que eles ficaram interessados em observar as capas dos cordéis. Após esta ação, sugerimos que escolhessem um livreto e o levasse para casa para uma leitura extraclasse. Ao término do prazo dado para a leitura (7 dias), propusemos a socialização dos cordéis lidos. Logo após, cada discente expôs a história e abrimos espaço para as trocas e discussões, desse modo, os adolescentes puderam falar das suas impressões de leitura.

Destacamos que foi muito relevante, para nós, saber que duas alunas (duas irmãs que estudam na mesma sala), já haviam compartilhado suas histórias lidas em casa, o que nos reafirma a ligação existente entre o cordel e a oralidade, pois, embora, a leitura tenha sido feita de modo individualizado, estas alunas compartilharam e expuseram o que tinham compreendido uma à outra e, ainda, à família. Ao final do compartilhamento de leituras dos cordéis, alguns estudantes se interessaram em pegar o folheto de cordel que a/o colega tinha lido, por achar a história relatada/contada interessante. Contudo, quatro discentes não leram os folhetos que haviam escolhido para a atividade de leitura extraclasse.

Procuramos também disponibilizar momentos de prática oral, a fim de levar os jovens estudantes a se desinibirem, pois eles declararam ter dificuldade em se expressar oralmente. Estes momentos foram propiciados por meio de uma dinâmica em que os discentes, dispostos em grupos, completavam as rimas de um cordel. Todos participaram de forma descontraída e ao término disseram que queriam continuar a dinâmica.

Depois, outro momento em que também fizeram uso da voz, foi a atividade de interpretar as personagens femininas presentes no livro “Heroínas negras: em 15 cordéis”, de Jarid Arraes, cujas bibliografias foram transformadas em entrevistas e apresentadas de forma oral à sala. Em seguida, discutimos sobre pontos que chamaram a atenção nas bibliografias, tais como: a discriminação à mulher e ao negro. Para encerrar, as duplas leram oralmente os cordéis de Jarid Arraes referentes às bibliografias expostas.

Um dos momentos mais forte do trabalho com a oralidade realizado em sala de aula foram os questionamentos sobre o papel da mulher da zona rural, a sua importância na vida social e o papel que ela exerce em casa, na família. De início, houve uma divisão de opiniões entre meninos e meninas, pois esses principiaram a defender o seu sexo: os meninos saíram

em defesa da “supremacia” dos homens no ambiente familiar, colocando-os em lugar de destaque, pois segundo os meninos, o homem exercia um papel de maior relevância do que a mulher. Já as meninas defenderam a importância das mulheres no ambiente familiar, pelos trabalhos por elas realizados, e, pontuaram que mesmo sem as mulheres terem muita voz na sociedade, eram elas que induziam os maridos a tomarem as decisões de acordo com o que elas queriam ou decidiam. Ambos, meninos e meninas, concordaram que a mulher é fundamental na realização dos trabalhos da casa e do campo.

Também, os estudantes ficaram divididos, independentemente, do sexo, quando questionados sobre quem tinha mais oportunidades de “vencer” na vida, de conseguir emprego, de fazer faculdade, se era o homem ou a mulher do campo. Ao final da discussão acabaram chegando num consenso de que ambos: homem e mulher possuem voz em casa diante das decisões tomadas.

Então, pedimos aos discentes para que fizessem uma pesquisa extraclasse, para buscarem informações de como a mulher do campo é vista no cenário nacional. Depois, em discussão na sala de aula, os estudantes trouxeram os seguintes dados: a mulher é auxiliar do homem, geralmente, o homem sai em busca de trabalho e a mulher fica em casa, a sociedade enxerga mais o trabalho masculino e a mulher rural é vista/tida, normalmente, como guerreira. Esse momento de oralidade também trouxe muitas discussões sobre o assunto e sem nem perceberem praticamente todos participaram dando suas opiniões. Contudo, ressaltamos que alguns mais tímidos permaneceram calados.

Outro momento de prática de oralidade importante ocorreu durante a escolha das mulheres da comunidade a serem ouvidas para a produção dos poemas em forma de cordel. A princípio, como dissemos que participariam somente algumas mulheres, eles poderiam escolher pessoas de uma história de vida interessante, que estivesse na zona rural há bastante tempo e etc. Isso gerou momentos de muitas exposições argumentativas, especialmente, em prol das mulheres que eles citavam o nome, buscando convencer aos demais à importância em se registrar as histórias das mesmas.

E, após as etapas de produção dos cordéis, foram propostos ensaios para a leitura dos cordéis, buscando a entonação adequada, a perda da timidez, a performance exigida pelo poema. Para, somente então, os cordéis serem declamados em uma manhã literária realizada na escola com a participação de alunos, de professores e da comunidade rural.

No dia escolhido para as declamações (as performances) dos cordéis, manhã literária, alguns alunos se ausentaram, como não se justificaram, provavelmente faltaram para não

lerem seus cordéis, isto indica, para nós, ainda um nível de timidez dos estudantes, que mesmo diante de toda uma mediação feita para efetivar o letramento literário, ainda temos muitos desafios a vencer. Entretanto, outros colegas da mesma turma se dispuseram a declamar os cordéis dos alunos ausentes para o público presente.

5.2 Do uso do letramento literário

Aproveitando a afirmação de Regina Zilberman (2008, p. 16), que defende que a formação do leitor deve ser vista como “[...] uma atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário [...]”, procuramos privilegiar o texto literário, no caso, o cordel, na sala de aula, visando não só uma leitura individualizada, mas o compartilhamento destas leituras, principalmente, a fim de que os jovens estudantes pudessem vivenciar o texto lido, para depois refletir sobre os poemas de cordéis de modo coletivo. Assim, a apropriação desta experiência torna-se uma forma de expressão e de conhecimento capaz de contribuir para a construção do seu próprio eu, que vai se somando a muitas visões de mundo.

As etapas desenvolvidas para efetivar o letramento literário, buscaram explorar e propiciar aos discentes diferentes níveis didáticos de trabalho com o texto literário, numa busca de oportunizar o contato com a literatura popular e de como essa poderia desencadear sentidos nas práticas cotidianas de suas vidas. Por isso, buscamos sempre levar o poema de cordel em sua mídia original, principalmente, com intuito de eles lerem os poemas na íntegra, além de oportunizar o contato com os folhetos e suas especificidades, como, por exemplo, as xilogravuras e linogravuras.

O trabalho com o cordel nos oportunizou importantes possibilidades dentro do ambiente escolar. Primeiramente, destacamos o uso do texto literário em sua amplitude, não só nos referindo aqui à sua materialidade, mas como também à exploração de sentido, de compreensão, oportunizando ao aluno práticas de oralização e de oralidade, disponibilizando espaços de interação entre aluno e professor, entre aluna/o e aluna/o; numa rede de exposições de opiniões, de impressões, de materialização de nossas histórias de vida, de nossas experiências pessoais com os cordéis, além, é claro, da inserção da comunidade rural, local onde eles vivem e se constroem como cidadãos ou cidadãs.

Leyla Perrone-Moisés (2006), destaca a importância em ouvir o nosso aluno, respeitando não somente o seu posicionamento, como também a sua evolução na aquisição de conhecimento. Vejamos, a seguir o que a autora comenta:

Ouvir o aluno significa compreender o patamar de conhecimento em que ele se encontra, o repertório de que ele dispõe, não para respeitar e ‘confirmar’ sua ‘individualidade’ irredutível, mas para, a partir desses dados, estimulá-lo a ascender a um patamar superior, mais amplo, mais informado. O maior respeito pelo aluno consiste em considerá-lo apto, qualquer que seja sua extração social e suas carências culturais, a adquirir maiores conhecimentos e competências. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 23).

Compreendemos, assim, como a autora fala, que é preciso darmos voz a nossos jovens estudantes no espaço escolar, em especial, quando se trata de aulas de literatura, pois esse “espaço estético e social”, que é o texto, traz muitas possibilidades de aberturas, seja para os debates, explanações, leituras subjetivas, para expressão de sentidos, etc. Por isso, procuramos a cada leitura realizada criar modos de diferentes diálogos, mas, sem deixar evidente que o texto protagoniza as leituras possíveis.

Trabalhar o cordel, em sua amplitude e de forma gradativa, como uma leitura poética significativa, como nos propõe o letramento literário, abriu um enorme espaço de interação entre a turma, e a maioria dos discentes mostrou um grande interesse pelos poemas em forma de cordel, visto que alguns estudantes pesquisaram outros cordéis (afora o que levamos e trabalhamos em sala de aula), para depois os compartilharem conosco, aliás, escreveram, inclusive outros poemas de cordel sem que fossem solicitados. Como, por exemplo, as alunas Ana Caroliny Ribeiro e Aline Ribeiro, que são irmãs, e a aluna Ana Karoliny Gonçalves que ao serem separadas em uma atividade em grupo, mostraram sua insatisfação a partir de um cordel. Vejamos o cordel das alunas, na **figura 4** a seguir:

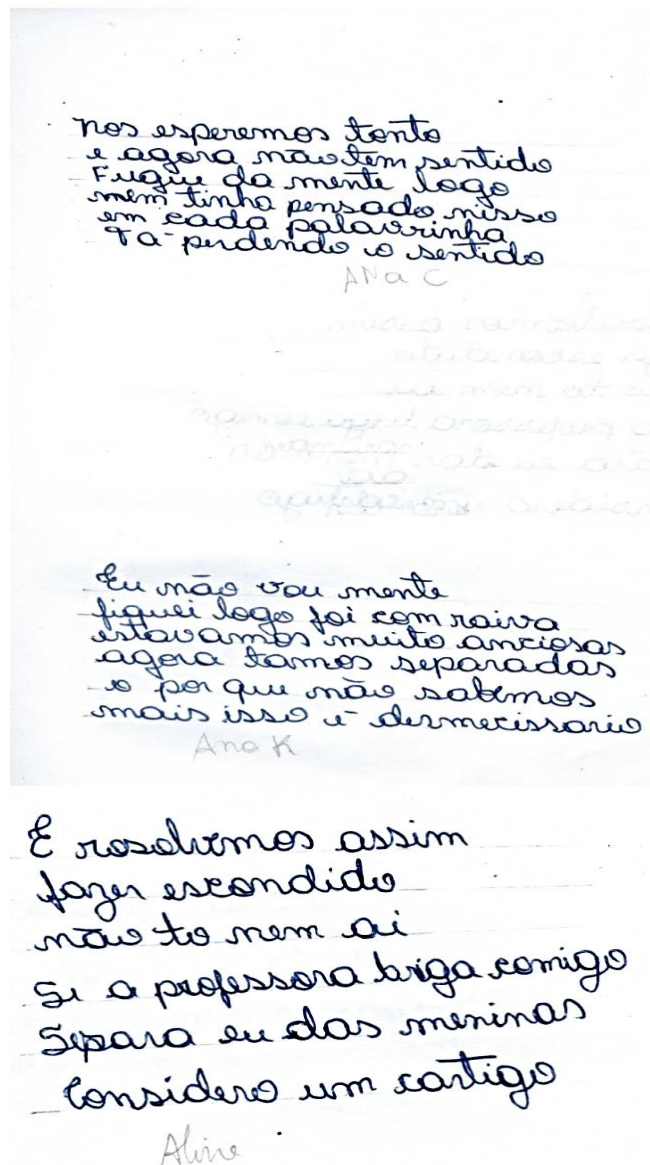
Figura 4 - Produção de cordel por alunas do 9º ano.



Tava lá na sala
esperando o cordel
mas foi diferente
uma tragédia aconteceu
a professora nos separou
e isso tudo me aborreceu
Am B C.

Tu não me vê assim
sem querer nada te fazendo
pensei em sair do grupo
sei lá ir lá pra fora
fui da escola sei lá
mas parei e te fazendo
Ana K.

Aline
Um cordel não sei
mas eu quero aprender
Eu a Ana e a Lara
na conseguimos aprender
e logo nos separadas
isso não vai proder



Fonte: alunas da turma em pesquisa – 9º ano²¹

Em outra ocasião, a aluna Ana Karoliny Gonçalves, que ao ser solicitada, na aula de artes, para fazer uma carta a um professor, em homenagem ao dia dos professores, escreveu a carta em forma de cordel. Vejamos a carta da aluna na **figura 5**:

²¹ O cordel produzido pelas alunas Ana Caroliny Ribeiro, Aline Ribeiro e Ana Karoliny Gonçalves foi realizado de forma espontânea e por isso não passou por correção, contendo, portanto, alguns desvios ortográficos.

Figura 5 – carta de aluna da turma pesquisada – 9º ano

FELIZ
DIA
DOS
PROFESSORES

A senhora sempre vai ser a minha professora, eu nunca vou esquecer a senhora, sempre vai estar no meu coração eu vou embora mas eu nunca vou parar de ser sua, Aluna, se algum dia eu voltar pra escola, e quando eu vir a senhora eu vou falar da querida professora eu gosto muito da senhora. Vou fazer uma rima!!!

Vou contar uma história que não sai do meu lado ela é tão inteligente que se terminel até o mestrado.

E agora eu vou falar se liga no meu talento ela é a professora do ano a professora do momento.

Maior jogador do mundo vou falar que é o zili, e dos professores o nome dela é lennici.

Mais eu vou falar que eu não aprendo inglês, mais só que eu aprendo mesmo a matéria de português.

E agora pra terminar não vai esquecer quando eu terminar quero ser professora igual ela.

Fonte: aluna da turma em pesquisa – 9º ano

Esses exemplos do trabalho e da influência do cordel nos mostram um avanço quanto ao processo de ensino-aprendizagem de poesia, visto que, no diagnóstico inicial feito com a turma a maioria dos alunos disse não gostar de escrever poemas. Ainda, outro ponto positivo foi constatado por somente dois alunos não se dispuseram a escrever o poema proposto, sobre as mulheres de sua comunidade, os demais discentes o fizeram de forma dedicada, apesar de terem considerado difícil o ofício de “cordelistas”, vibravam quando completavam uma rima.

Em suma, o texto literário, e no caso o cordel, não só nos encanta por sua magia, beleza das palavras ou rimas, mas nos envolve, mesmo que não percebamos, de forma a sermos tocados por eles, revelando o que está oculto, às vezes a nós mesmos, despertando o subjetivo que está em nosso ser consciente ou inconscientemente. Além disso, aproxima a comunidade, especialmente, quando trata de questões próximas a vida dos estudantes.

6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Em tempos de diversidades textuais, muitos colegas professores têm deixado de priorizar em suas aulas o uso do texto literário e quando o fazem, não o exploram, não dão vazão ao seus amplos sentidos e caminhos que o mesmo pode nos proporcionar ao entrarmos em contato com ele. Mas, porque trabalhar com o texto literário? Leyla Perrone-Moisés (2006) nos aponta alguns argumentos sobre a importância do ensino de literatura em nossas aulas. Vejamos a seguir o que defende a autora:

1) porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura não há cultura; 2) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; 3) porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece também nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; 4) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento; 5) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas; 6) porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de percepção da realidade que outros tipos de textos não alcança. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 27).

Então, diante de uma realidade à qual a autora nos aponta tantos caminhos a serem percorridos, a partir do uso do texto literário em sala de aula, é preciso que tenhamos, como professores, a noção do importante papel que assumimos em levar aos nossos discentes, aulas em que o ensino de literatura possa ser feito de forma consciente e que consigamos transmitir o papel relevante que o texto literário possui, para que tenhamos estudantes que saibam da importância que a leitura destes têm, não só no ambiente escolar, mas também fora dele.

Diante dessa necessidade em se priorizar o texto literário, podemos nos apoiar nas teorias apontadas pelo letramento literário (Cosson, 2018), que apresenta uma proposta didática, como forma de conhecer, percorrer e adentrar o texto literário, indo desde sua introdução, passando pela leitura e discussão do mesmo. Precisamos nos colocar como professora-mediadora deste processo todo e buscar dar liberdade aos adolescentes de viverem o texto literário, mas, também partir dele para construir leituras possíveis, de forma conjunta ou individual, pois, são muitos os sentidos surgidos a partir do texto lido.

Gostaríamos de ressaltar que priorizamos os textos canônicos tanto como os da literatura popular, pois ambos podem se completar, e esta mescla é necessária em sala de aula. Além disso, os textos canônicos e não canônicos são formas de tentar abranger as várias vertentes que a amplitude da literatura abarca. Em nosso trabalho, escolhemos o texto de

literatura popular, principalmente, pelas questões que se aproximam dos alunos a cultura oral das comunidades rurais. Este ponto de falar da mulher do campo, geraria um interesse maior pelas leituras dos cordéis feitas em sala de aula, a ponto de eles produzirem não somente os poemas propostos, como também outros poemas de forma espontânea.

Sendo assim, é chegada a hora de fazermos a diferença e não deixar que o uso do texto literário, em nossas aulas, sejam pretextos para outros objetivos, que senão, a sua leitura e exploração como forma de compreensão do ser humano. Como explicita Candido (2017, p. 177):

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Como educadores, não podemos deixar que essa questão que aponta o autor nos passe despercebido. Como educadores temos a missão de transmitir não apenas conteúdos, mas, também, de buscar formar cidadãos capacitados para viverem em sociedade, podendo ser o primeiro passo, para tal feito, o conhecer-se a si e ao outro, e a partir daí ampliar seus horizontes. Só que para isso se efetivar temos que percorrer caminhos difíceis, e o mundo da arte literária pode ser como uma ponte e nos auxiliar neste processo que é a educação ou educar os jovens para o mundo, tentar prepara-los (da melhor forma) para a vida em sociedade.

6.1 Análise dos cordéis da turma do 9º ano

As produções escritas dos cordéis foram realizadas em duas etapas. A primeira etapa deu-se a partir do estudo da biografia de algumas mulheres que se destacam no cenário rural a nível nacional. Nesta primeira etapa, as atividades foram em grupos, aliás, separar alguns grupos habituais rendeu até um cordel de protesto, já visto anteriormente, o que não prejudicou a realização da atividade proposta, porque os alunos contaram com a nossa colaboração na criação das rimas, nesse momento não foi exigido um padrão métrico, porém, pudemos constatar que os alunos compunham versos muito extensos o que comprometia a cadência das rimas durante a leitura, então, fomos levando-os a compreender que mesmo sem a exigência da métrica para compor melhor os poemas era necessário que eles tivessem versos curtos e que contemplassem a musicalidade exigida na leitura de um cordel.

A segunda etapa desenvolveu-se a partir da coleta de relatos das vivências de algumas mulheres dessa região rural. Assim, as memórias destas mulheres do campo, que foram escritos em sala de aula e após correção ortográfica e sugestões pontuais sobre a estrutura do poema, como alterações de rimas, tamanho dos versos entre outras, os mesmos foram reescritos pelos alunos.

Um dos pontos que observamos nos poemas é a proximidade das histórias de vida destas mulheres da zona rural, o que confirma a difícil realidade a que a mulher brasileira é submetida, principalmente a mulher que vive e trabalha no campo, especialmente em condições mais precárias, sendo que a maioria delas não consegue estudar ou se tornar independente financeiramente, por isso, grande parte destas mulheres da zona rural vai ficar na dependência dos pais ou do marido, pelo menos, foi o que observamos nos relatos trazidos pelos estudantes.

Por exemplo, o cordel das alunas e irmãs Ana Caroliny Ribeiro e Aline Ribeiro sobre sua avó “Maria de Jesus” traz uma história de vida sofrida, que demonstra a condição de submissão feminina que a levou a perder seus filhos, ainda pequenos, para seu ex-marido de forma arbitrária e sem seu consentimento, voltando a encontrá-los somente depois de adultos. Vejamos a seguir a produção das alunas na **figura 6**:

Figura 6 - produção textual de cordel pelas alunas Ana Caroliny Ribeiro e Aline Ribeiro- 9º ano



2

Depois de ter toda
uma mulher já viúva
Sete filhos de três
os nojeões de sua vida
Como amor e carinho
Sem pensar em despedida

O tempo foi passando
e seu amor aumentando
Tava tudo tão perfeito
Ela seus filhos criando
enfaticamente adoeceu
e isso foi atroalhando

3

Após 30 anos de idade
Seu velho pai faleceu
ficou só com sua mãe
mas muito coisa aprendeu
diante de tanta coisa
isso pequena remeiu

Sofreu a perda de seu pai
começou a trabalhar
para ajudar sua mãe
para que não passasse
e com o passar do tempo
pensou de ir para longe

4

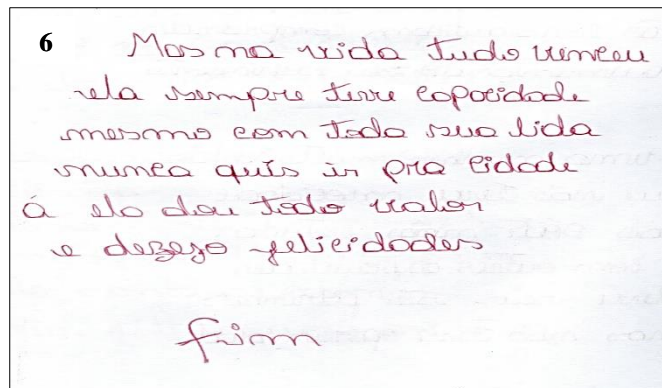
Seus filhos não compreendem
com a acuriosidade
fizeram bridas sem mãe
foi um grande frustramento
Não conseguiram compreender
aumentando seu sofrimento

uma mulher muito rápida
que não teve paciência
não vê nem estudar
e com outras dificuldades
teve seus sete filhinhos
mas não teve oportunidade

5

Dos anos tinha o mais velho
quando o quarda ela perdeu
só porque estava doente
que isso lhe aconteceu
O pai tomou todos os bens
e ela muito mais sofreu

Depois de uma cirurgia
curada ela ficou
tinha encontrado seus filhos
mas ela não encontrou
vinte anos se passaram
seus filhos que já encontrou




Fonte: dados gerados pela pesquisa

A história desta senhora, Maria de Jesus, mostra-nos a dura realidade de uma mulher que teve arrancado do seio materno sete filhos pelo próprio pai das crianças. Percebemos pelo cordel o quanto ela foi injustiçada pelo marido, apesar de todo o sofrimento relatado às netas, Maria de Jesus teve que aceitar “calada” o seu sofrimento, mas, com certeza ela nunca perdeu as esperanças de encontrar os filhos, e os filhos a encontraram depois de adultos, para alegria desta mulher que teve sua juventude dilacerada. Porém, quantas mulheres espalhadas por este Brasil rural não têm um final, digamos “feliz”, como o da dona Maria de Jesus.

Vemos que o resgate da história de vida da dona Maria de Jesus traz à tona uma memória familiar das irmãs Ribeiro, o que pode dar maior sentido à produção textual delas, uma vez que, há neste texto uma carga afetiva mais contundente, passando a ser uma história mais viva e “real” para elas e para os possíveis leitores, como afirma Cosson (2018, p.17) “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”. Nesse sentido, as alunas (e os possíveis leitores) são capazes de (re)viver a história, sendo isto uma oportunidade de expressar a memória de uma mulher. A seguir, na **figura 7**, mais um cordel produzido pelas alunas:

Figura 7 - produção textual de cordel pelas alunas Lara Pires e Emily Carvalho - 9º ano

<p>Uma mulher sozinha, porém vencedora</p>  <p>Lara Pires e Emily</p>	<p>De Maria Dejanira 1 Uma história vou contar Uma linda tragédia Que vai se emocionar. Uma mulher guerreira dedicada ao seu lugar. São José dos Rios Onde ela nasceu Dentro de uma casa Sua infância viveu Com muita dificuldade Pois seu pai não conheceu</p>
<p>2 Com três teve dez filhos Mais só nove tem agora Pois três filhos morreram Uma trágica história Todos são pequeninos Mas estão em sua memória</p>	<p>3 Em sua opinião A mulher da zona rural Não é muito valorizada Faz trabalho sem igual Por muitos não é visto Sendo considerado normal</p>
<p>4 Sua vida no campo É muito cansativa Trabalhar sem parar Essa é sua vida Mulher Trabalhadora Nunca se dá por vencida</p>	<p>5 Seu plano futurista Agora vou contar Trabalhar até morrer E viver no mesmo lugar Não vai sair daqui Pois tem orgulho do seu lar.</p>

Fonte: dados gerados pela pesquisa

O cordel sobre a dona Maria Dejanira, elaborado pelas alunas, Émyle Carvalho e Lara Pires, evidencia a valorização desta senhora dada ao local que reside, isto é, à zona rural. Assim, a entrevista revela a memória passada de dona Dejanira e sua relação atual com o campo. Destacamos que o cordel produzido pelas referidas alunas implica uma das metodologias adotadas, a entrevista, sendo essa um modo de os estudantes aferirem o valor dado ao trabalho no campo e às mulheres da zona rural. Por isso, ressaltamos a importância das entrevistas, no passo a passo da realização dos poemas, pois estas também muniram os discentes de dados sobre o tema (a mulher da zona rural) a ser explorado, tanto na produção escrita como nas discussões orais (os debates realizados em sala de aula).

Maria Dejanira enquanto campesina parece reconhecer que mesmo diante do cansaço (e talvez não tendo seu trabalho valorizado, como gostaria), afirma querer fazer parte do ambiente rural até a sua morte, pois é nele que consegue reconhecer sua identidade de vida e de mulher. A seguir, na **figura 8**, um cordel produzido pelas alunas:

Figura 8- Produção textual de cordel pelas alunas Luciele Alves e Beatriz Rocha - 9º ano

<p>Maria Neuzinha Moreira</p>  <p>aluno (s) Luciele, Beatriz</p>	<p>1 Vou contar a história de Maria Neuzinha nasceu e viveu na Bahia quando criança Com pais e irmãos sem brincar só trabalhar sem aproveitar a infância trabalhava assim todos os dias Com toda sua garra e confiança.</p> <p>Desde ainda menina Maria Neuzinha Moreira teve uma vida sozinha trabalhando a vida inteira Maria carregava água em jumentos mas era mulher verdadeira</p>
---	---

2

O pai de maria neuza morreu
quando tava doendo a vida
da mãe que morava com seu tio
tinha que puxar água em carroça
foi uma vida muito dura
a morte do pai foi para ela dura.

Com a vida teve que aprender
logo cedo a se virar
depois que tudo aconteceu
no rogado teve que trabalhar
com seus primos ela não
tinha tempo para brincar.

3 97

seus tios tinha dez filhos
E ela mais um lugar preencheu
mesmo com dificuldade ia a escola
mas só o seu nome aprendeu
porque muito pouco pôde estudar
Desde cedo a dificuldade conheceu.

Tão pouco maria neuza foi a escola
mais na vida ela nunca dependeu
apesar de muitos problemas
em tudo o que viveu aprendeu
pela mãe que largou a escola
pois com a distância conheceu.

quando ela resolveu se casar 4
no mesmo dia então se mudou
saindo da casa do seu tio
com ela quatro primos levou
e com o passar do tempo
três filhos ele ganhou

quando casou pensou na vida íntima
mas uma tragédia de repente aconteceu
casada com o homem que ela amava
mas uma separação a surpreendeu
com três filhos para ela cuidar
assim de um homem ela não dependeu

5

maria neuza moreira
com seus filhos cotovia
arroz e feijão e milho
mas também tirava
lute de 40 varas todo dia
Pense uma mulher de garra

no fim dessa história
vamos definir essa guerreira
com força e garra ela é
maria neuza moreira
representante maior
das mulheres brasileiras.

Fonte: dados gerados pela pesquisa

Na história de Maria Neuza, relatada pelas alunas Luciele Alves e Beatriz Rocha, vem à tona várias dificuldades enfrentadas por uma mulher de zona rural. Para iniciar o cordel, as alunas retratam a perda do pai de Maria Neuza o que a fez enfrentar desde cedo a ausência e

os cuidados do amor paterno e materno, uma vez que fora morar com seu tio, ela não vai ter infância.

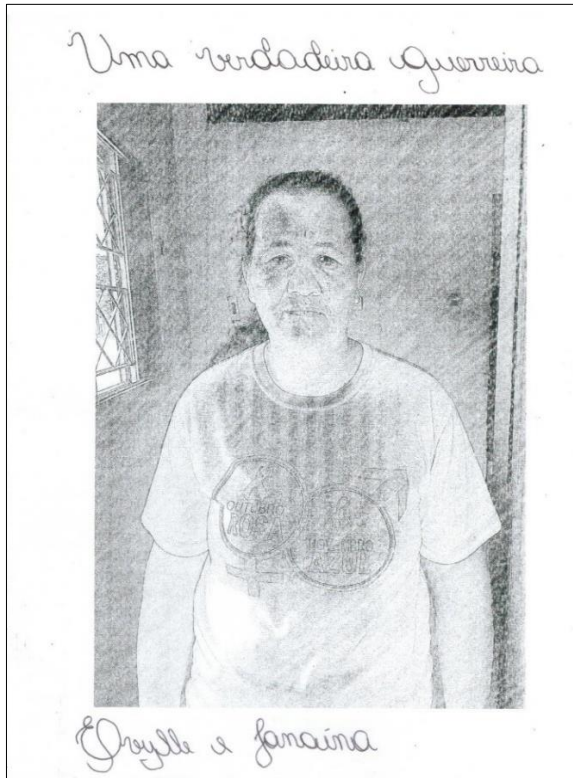
Vemos que Maria Neuza teve que trabalhar desde novinha e pela distância também não teve oportunidade de estudar. Então, logo casou tentando alcançar uma vida melhor. Todavia, o destino a surpreendeu e sua união se desfez. Assim, a mulher teve assim que criar seus três filhos sozinha, enfrentando serviços rurais pesados, para o sustento dos filhos. Mas, na foto (colocada na capa do cordel), seu semblante traz um ar de felicidade, de leveza. Talvez, uma felicidade ou leveza que somente as mulheres fortes conseguem manter num rosto calejado pelas dificuldades vividas.

As alunas materializaram poeticamente (em forma de cordel) uma história que demonstra a luta das mulheres (as mulheres de ontem e as de hoje também). Além disso, a produção aponta para as discussões realizadas em sala de aula. Os temas trazidos em aula contemplaram as jornadas de trabalho das mulheres da zona rural, essa temática envolveu bastante os estudantes da turma. Nesse momento, vemos a importância de ouvirmos as alunas e os alunos acerca das temáticas propostas. Além disso, é importante favorecer a troca de ideias, o que pode ajudar bastante no embasamento para a realização das atividades de produção de poesia.

Ainda ao discutirmos o resultado do trabalho de reescrita dos cordéis, a turma pode verificar como esta parte da atividade realizada durante as aulas foi de suma importância, e se vivificaram com as histórias dessas mulheres. A seguir, na **figura 9**, um cordel produzido pelas alunas:

Figura 9 – produção de cordel pelas alunas Évyllé Lourrany Alves e Janaína dos Reis Moraes

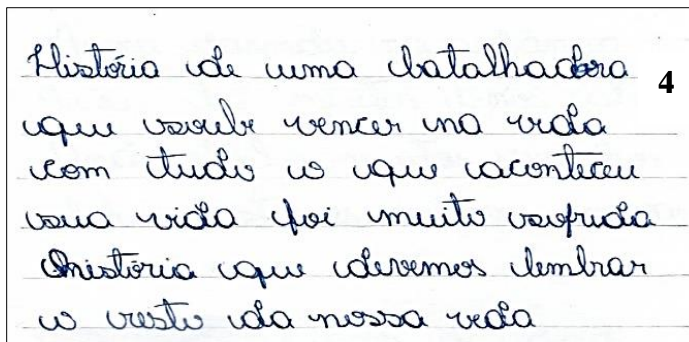
- 9º ano



Dona Eulene das Beas ¹
 nasceu em luas boas
 numa fazenda, na infância
 viveu lá muitos anos atrás
 onde tinha muitos vizinhos
 pelas histórias contavam um paz
 Aos seus 12 anos de idade
 sua mãe foi embora
 ela sentiu muita falta
 todos os dias ela chorava
 sentindo muitas saudades
 mas sabe fazer nessa hora

² Uma sempre pediu a Deus
 que um dia encontraria
 sua mãe e seu irmão
 e fez tudo que podia
 uma vontade muito grande
 que um dia ela os veria
 Aos seus 13 anos de idade
 cedo começou a trabalhar
 morava na cidade grande
 da família teve que se afastar
 tinha muita disposição
 para seu destino transformar

teve quatro filhos homens ³
 depois de tanto sofrimento
 enfim viu de sua mãe
 após seu falecimento
 que deixou mais 3 irmãos
 viu só 2, por isso tem bastante
 ela sempre gostou da vida
 sempre foi muito trabalhadora
 para manter todos seus filhos
 toda vida foi guerreira
 na vida ela planta de tudo
 e é uma grande colhedora



Fonte: dados gerados pela pesquisa

As alunas Évyllle Lourrany Alves e Janaína do Reis Moraes, trouxeram em seu cordel a história da senhora Sirlene Vilas Boas, uma mulher que desde muito cedo, ainda na adolescência, teve que exercer o papel de uma mulher adulta, com a ausência de sua mãe ela teve que cuidar dos irmãos menores (todos homens), e assumir o papel de uma dona de casa. Sirlene Vilas Boas também teve que lidar com a dor do abandono de sua mãe, finalmente, quando adulta (mãe e avó) soube o paradeiro de sua mãe, mas, essa já havia morrido. Hoje, Vilas Boas moradora da zona rural, ainda continua se mostrando uma mulher forte, que busca sua própria autonomia realizando serviços de plantio e fazendo farinha, marcando um cenário rural, que comumente é composto por tantas mulheres que ultrapassam os limites das tragédias humanas ou destinos impostos pela vida.

As alunas Évyllle Lourrany Alves e Janaína dos Reis Moraes evidenciaram a forte característica desta mulher, enquanto trabalhadora rural, pois ela realiza trabalhos braçais pesados no plantio de roças, cortando lenha, lidando com animais de grande porte, reafirmando o que já havíamos apresentado em nossas discussões, que é o fato de as mulheres realizarem trabalhos pesados no ambiente rural e na maioria das vezes nem serem vistas ou valorizadas.

A última estrofe do cordel “História de uma batalhadora/ que soube vencer na vida/ com tudo o que aconteceu/ sua vida foi muito sofrida/ história que devemos lembrar/ o resto da nossa vida”, remete ao posicionamento da luta da mulher nos poemas de Jarid Arraes. Percebemos que as leituras dos poemas da autora marcaram a turma, o que reforça o valor de uma leitura que valorize o texto literário em que, como afirma Conceição e Gomes (2016):

A leitura subjetiva também requer um leitor crítico que interage com o imaginário representado para reproduzir uma interpretação particularizada. Esse leitor deve ir além do ato de decifrar ou declamar um texto, ele assume um lugar de interprete mobilizando conhecimentos que vão dando coerência à sua performance. (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016, p. 99)

Mesmo que não percebamos ao fazermos do texto literário uma presença constante em nossas aulas, dando aos estudantes a oportunidade dessa experiência todos seremos afetados

por ele, seja concordando ou não, contudo, nos posicionaremos criticamente perante o texto e até mesmo diante de situações de nossa vida. Na **figura 10**, um cordel produzido por um aluno:

Figura 10 – produção textual de cordel pelo aluno Edicley Ribeiro dos Santos - 9º ano

	<p>1 ha decada de 1980 Keila de Oliveira nasceu na cidade de Terantim paulista Sua mãe não se casou aos 16 anos casou com seu marido Com quem até chegou a se casar</p>
<p>3 hoje vive a vida no meio Fazendo farinha, Pãozinho que enfrentar dificuldades Junto com Paulo e seus filhos Resuscitar para a vida Pois aqui tem raízes amargas</p> <p>"Minha vida no meio é como não tenho do que reclamar Senão em ser comarente com fé em Deus eu chego lá Numas duras de pais sem pai. Pedimos as senhoras adiantar"</p>	<p>2 Omsa mulher muito luteu Para conquistar seu lar e depois de muito luto Barrou seu atual lugar Casada com seu senhor Paulo Não tem do que reclamar</p> <p>4 Um tragédia em sua vida no seu tempo e viveu em um acidente de moto o perno quase perdeu sessenta dias no hospital muito agerudo da sobreu</p> <p>vamos finalizar esse cordel Falando desse maneira a mulher que está me falando é muito forte e guerreira sempre foi e sempre será Keila minha de Oliveira</p>

Fonte: dados gerados pela pesquisa

O cordel sobre a dona Keila de Oliveira, produzido individualmente pelo aluno Edicley Ribeiro dos Santos (pois seu colega de dupla não colaborou com a produção do poema) traz um detalhe que nos outros cordéis não vemos, que é o fato dela sempre citar (ou talvez o aluno em sua produção o tenha feito) seu marido (Paulo), aparentemente ele exerce

um papel importante em sua história, lembremos que a mesma se casou aos dezesseis anos. Keila de Oliveira é uma mulher agricultora, ela planta mandioca, faz farinha (maior fonte de economia de subsistência desta região), faz polvilho etc. Outro ponto interessante a ser destacado no cordel foi o fato de o aluno trazer o próprio discurso da entrevistada, que relata seus sonhos e alguns planos para o futuro. Na **figura 11**, cordel produzido por alunos:

Figura 11 – produção textual de cordel pelos alunos José Renato Mendes da Silva e Ricardo Rocha - 9º ano

<p>Uma Grande Guerreira</p>  <p>José Renato e Ricardo</p>	<p>1 Francisca Sueli dos Reis</p> <p>Francisca Sueli dos Reis morava em Pernambuco há 20 anos atrás Onde cedo deixou tudo Para criar seus filhos deixou até seus estudos</p> <p>Perdeu seu marido cedo E no vida teve que lutar Pois estava agora sozinho seus filhos teve que criar mesmo com dificuldade teve que trabalhar</p>
<p>2 morava no assentamento Barreiro Onde veio decidida para ficar trouxo os seus filhos pequenos Para na Zona Rural morar muitos foram embora mas ele não sai do seu lugar</p> <p>Dona Sueli dos Reis morou há 20 anos na Zona Rural ele é uma mulher guerreira criou seus 12 filhos sem igual mesmo sem ter emprego conseguiu seu ideal</p>	<p>3 mulher gostou do lugar Pois diz que é sensacional apesar da mulher não ter nada mesmo trabalhando sem igual não quer sair desse lugar Pois ama a Zona Rural</p> <p>apesar de seu sofrimento hoje aos 48 anos de idade trabalha sem parar não quer ir pro cidade gosta muito do Zona Rural Pois leio uma vida de liberdade</p>

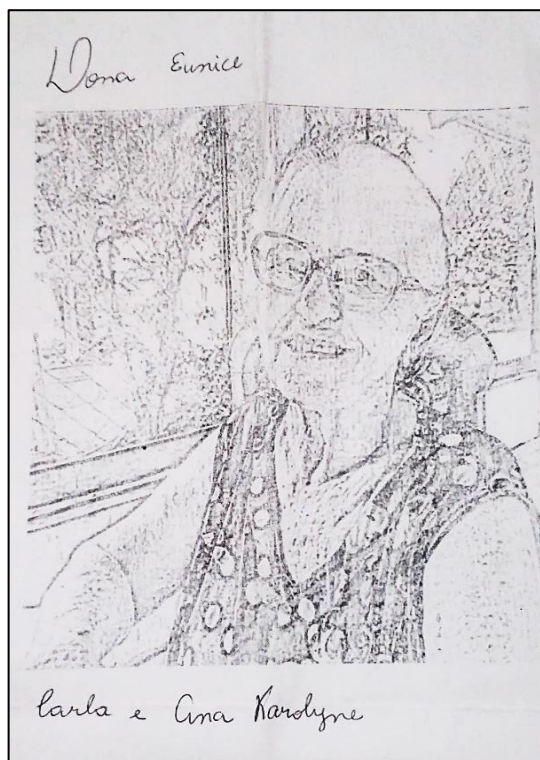
Fonte: dados gerados pela pesquisa

Os alunos José Renato Mendes da Silva e Ricardo Rocha, em seu cordel sobre a senhora Francisca Sueli dos Reis, evidenciaram em muitos momentos o valor dado pela moradora ao assentamento da zona rural. Ao lermos o poema percebemos que a entrevistada, embora não tenha tido um emprego formal, tenha passado por dificuldades para poder criar os 12 filhos sozinha. Francisca Sueli dos Reis ficou viúva cedo, mas, reconhece que no campo, apesar das dificuldades que a vida lhe apresentou, tem conseguido viver uma vida de superações, contudo feliz.

Em nossas estratégias didáticas aplicadas em sala de aula, ativando os passos iniciais do letramento literário, que é a introdução e a motivação, os alunos citaram um fato que consideravam (e consideram) importante sobre viver (morar) na zona rural: a liberdade. Essa característica também é ressaltada por Francisca Sueli dos Reis. Além disso, a entrevistada destaca o fato de a mulher do campo, da zona rural não ser valorizada, outro ponto surgido nas discussões (ou nas trocas de ideias) em sala de aula.

Destacamos que nos presentes cordéis as histórias das mulheres do campo são bem fortes e que muitas delas mantêm uma semelhança. Comumente estas mulheres tiveram uma trajetória repleta de muitas barreiras, mas elas também deixaram transparecer toda a sua garra e persistência, principalmente, diante das dificuldades das relações de gênero, mesmo assim, estas mulheres foram capazes de se manterem firmes para continuarem a registrar sua história, com maior esperança e em busca de “um final feliz”, e como cenário escolheram (ou não desistiram do campo) para lutarem por dias melhores e para sobreviverem. Cordel, na **figura 12**, produzido por alunas:

Figura 12 – produção de cordel pelas alunas Carla Francielle Nunes e Ana Karoliny Gonçalves - 9º ano



1 Vou contar no meu Cordel
uma história aconteceu
que até eu admiro
Dona Eunice surpreendeu
Com toda sua garra
De mulher que muito viveu!!!

Quando ainda era jovem
Por muitas coisas ela lutou
Sua adolescência tinha parado
Lá mais pra frente ela continuou
Mesmo vivendo sempre em casa
a sua história registrou

2 Dona Eunice nasceu
E pequena foi criada
No interior de São Paulo
Como uma mulher valorizada
Mas a sua infância
Foi um pouco atrapalhada!!!

Eunice Isabel Maciel
Sua história começou
Trabalhou aos 23 anos
Até hoje nunca descansou
Com sua idade avançada
Dono Eunice nunca parou!!!

3 Dona Eunice é uma guerreira
Ela nunca dispensava
E todo o seu trabalho
Dono Eunice adorava
Trabalhou por toda vida
Como ela sempre gostava

Como uma mulher brasileira
Ela dá orgulho a nação
Ela é chamada de mulher
E se orgulha desta nomeação
A sua imagem é bonita
Cuidando sempre com dedicação

4
 Aos setenta e oito anos
 Do seu trabalho se separou
 Já não pode estudar
 E ela assim enfrentou
 Todos os caminhos que a vida
 Sempre lhe apresentou!!!

Ainda era tão cedo
 Para ela ser trabalhadeira
 Desde pequena na luta
 Como uma mulher guerreira
 Aprendia que na vida
 Precisava ser a primeira!!!

5
 Dona Eunice teve câncer de pele
 Isso tudo ela viveu
 Mas ela ficou melhor
 Que até ela suprimiu
 Tive muita garra e força
 Diante de tudo que aconteceu!!!

Como uma mulher brasileira
 Ela sempre registrou
 Com toda sua garra
 A sua história conquistou
 Sempre uma mulher religiosa
 A Deus nunca abandonou!!!

Fonte: dados gerados pela pesquisa

As alunas Carla Francielle Nunes e Ana Karolyne Gonçalves trouxeram das nossas discussões realizadas em sala de aula a questão da luta que a mulher trava desde cedo para conquistar o seu espaço “Ainda era tão cedo/ para ser trabalhadeira/ desde pequena na luta/ como uma mulher guerreira/ aprendia que na vida/ precisava ser a primeira”.

Assim, as alunas procuram priorizar o fato de que sendo uma mulher que não teve muitas oportunidades, a senhora Eunice Isabel Maciel teve que superar os empecilhos e resistir, como muitas mulheres brasileiras espalhadas pelo nosso país. As mulheres da zona rural, as camponesas, como já explanamos anteriormente no item 4.1 têm conseguido resistir a uma sociedade machista e excludente. Por isso, a luta das mulheres é muitíssimo válida, são inúmeras as lutas travadas para assegurar nossos direitos, a realidade ainda “impõe” avanços e os cordéis de Jarid Arraes nos ajuda a ter uma visão do processo histórico, principalmente, quando se fala da vida das mulheres negras, no Brasil. Assim, a literatura pode estimular diferentes práticas sociais, pode desempenhar uma faceta educativa e sensibilizadora. Vejamos, a seguir, o que afirma Zilberman (2009)

Em certa medida a leitura sugere outra faceta educativa da literatura: o texto artístico talvez não ensine nada, nem queira fazê-lo; mas seu consumo induz a práticas socializantes, que estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias. (ZILBERMAN, 2009, p.18).

Diante da nossa experiência docente quanto à busca de efetivarmos o letramento literário, ressaltamos que este é um processo contínuo e que ajudamos os estudantes a atingir de modo considerável à compreensão da literatura popular, reforçando práticas sociais, sendo que o cordel pode instrumentalizar tanto a produção escrita como as práticas de oralidade. Contudo, só conseguimos alcançar nossos objetivos por concretizarmos os caminhos didáticos propostos pelo letramento literário, por darem destaque ao texto literário, pois todo o resultado obtido nesta pesquisa-ação (ou neste trabalho de intervenção) se deu graças a priorizar o próprio texto. Texto e contexto envolvidos, forma e conteúdo se completaram, para levar os adolescentes alunas e alunos a vivenciarem a literatura, a refletirem sobre diferentes temáticas, a aprenderem que o mundo é diverso, e até mesmo a desencadear sonhos de uma vida melhor a partir de tantos exemplos de vida (histórias de vida) resgatados e re(vividas) no mundo “real” e da literatura.

Sendo assim, percebemos que o que está faltando para que nossos jovens estudantes se interessem pelo ato da leitura de textos literários é dar ao texto o seu lugar de destaque, pois os textos literários não podem servir somente para análises linguísticas (ou ensino de língua), mas, ele tem que ser principalmente um fio condutor de sentidos, um meio de buscar transformar e sensibilizar os discentes para a vida. Pois, “só através de um ensino guiado pelo letramento literário, no qual o texto e o leitor são figuras vivas que se movem no ato de ler, é que as obras vão ter a necessária importância na formação dos alunos, humanizando-os”. (FRANCO; TESTA, 2017, p. 207).

Nas nossas aulas o texto literário de cordel foi visto de forma mais significativa, a leitura foi compassada, os textos foram lidos na íntegra, sem cortes ou recortes, as análises deram voz à leitura oral (a performance oral) e as impressões de interpretação dos estudantes adolescentes foram consideradas, com isso, os jovens alunos ao exporem suas ideias acerca do texto lido passaram a se interessar mais pelos poemas e sempre que viam algo sobre a literatura de cordel, eles acabavam compartilhando em sala de aula. Essa postura nos reafirma a importância que o letramento literário possui ao adentrarmos a literatura, pois o destaque ao texto deve ser uma constante em nossas aulas.

Deste modo, do encontro da turma de 9º ano com o cordel, percebermos que durante todo o nosso trabalho pedagógico, um saboroso desafio se fez, sobretudo, por estarmos ultrapassando muitas barreiras implicadas numa escola de zona rural, que como já ressaltamos anteriormente a ausência de uma biblioteca desencadeia uma série de complicações pedagógicas, pois sem acesso à obras de literatura tudo fica mais difícil para o docente, muitas

vezes, acabamos por tirar dinheiro do próprio bolso para darmos acesso aos textos fotocopiados. Contudo, propiciar aos estudantes esse encontro com a literatura trouxe contribuições de valor cultural e humano (a memória das mulheres se presentificaram e ganharam um *status* de educação mais “viva”, para os jovens estudantes da zona rural).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que o cordel em nossas aulas abriu espaço para um aprofundamento da vivência com a literatura. Vivemos (nós professores e alunas e alunos) as palavras poeticamente, e isso pode ser traduzido em possibilidades e caminhos que só a literatura consegue, pelo seu “poder”. A literatura popular abrange ideologias, subjetivismos individuais e coletivos, diferentes culturas, retrata épocas etc. Assim, não podemos subestimá-la ao ponto de negar seu trabalho em sala de aula (como alguns podem fazer por considerá-la uma literatura “menor”, em só priorizar o canônico). Precisamos valorizar as várias possibilidades que o cordel nos dá em explorá-lo, pois ele já se mostra importante desde a ficção, com suas histórias capazes de reproduzir realidades tão distintas, mas tão próximas, às vezes, de nós.

Sabemos que a literatura traz em si uma capacidade de emancipar o ser humano, pois ela age de muitos modos sobre ele, tornando-o mais autônomo e crítico. Precisamos fazer um trabalho com a literatura com vistas nestas questões, e que isso esteja a nosso favor em sala de aula. Uma vez que, fala e escrita tornam-se complementares para o desenvolvimento do aluno, não somente em sala de aula, mas em diversos contextos sociais, ambas devem ser valorizadas no ambiente escolar, sem que uma se sobressaia à outra, mas que interajam a fim de completarem o processo de comunicação e possam abranger a leitura literária de forma mais ampla possível. Para que, assim, o trabalho com a literatura também possa ajudar na construção e na formação de jovens/adolescentes aptas à criticidade, capazes de atuar ativamente na sociedade e entender que os benefícios do texto literário vão além da sala de aula, que a literatura é um saber necessário para a vida de adulto deles.

Ressaltamos que os caminhos propostos pelo letramento literário são meios de mediar o uso do texto literário em sala de aula, de forma a atender a todas as contribuições diretas que este espaço abre. Por isso, somente por meio de um trabalho bem planejado é que conseguimos oportunizar aos nossos discentes o deixar-se encantar pela literatura ou pela leitura literária. Assim, a partir do momento em que damos destaque ao texto literário em nossas aulas, trabalhando desde a leitura (oralização) e disponibilizando aos alunos momentos de debates, reflexões e outras formas de oralidade, além de um exercício de produção escrita baseado em propostas coerentes, teremos, por meio de uma boa mediação, alunas e alunos mais solícitos às leituras do texto literário. Precisamos lançar a semente, e estimular de muitas formas os estudantes para que eles se engajem no mundo da literatura e possibilitem-se serem tocados por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGOMINAS (TO). Cartório de Registro de Imóveis e Anexos. Certidão de Registro. Registro em: 26/05/2011.

ARAGOMINAS (TO). Cartório de Registro de Imóveis e Anexos. Estatuto da associação. Registro em: 15/12/2017.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de tessituras de Saberes**. 2007. 259 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação. João Pessoa, 2007.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. 3ª ed. São Paulo: Pólen, 2017. 176 p.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: editora Pulo do Gato, 2012. 116 p.

BARBÉRIS, Pierre. A sociocrítica. IN: **Métodos críticos para a análise literária**/ Daniel Bergez... [et al.]; Tradução Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão da tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006- (coleção leitura e crítica). p. 143-181. Tradução de: Introduction aux méthodes critiques pour l'analyse littéraire.

BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educ. Foco**. Juiz de Fora. v. 16, n. 1, p. 145-167, mar.–ago. 2011.

BARROS, Miguel Pereira. **Relações de gênero na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2015. 254 p.

BARROS, Leandro de Gomes. **A seca do Ceará. Guanabara**. Pedro Batista. 1920, p. 41-42
_____. **Vacina pra não ter sogra**. Recife, s.d., p. 9-10

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, IPHAN. Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 28 Mai. 2019

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. **Cirandas do Pronaf para Mulheres**. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2005. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.gov.br>>. Acesso em: 18 jul. 2019

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Ouro Azul: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2017.
CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e escreve. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011. 100 p. Tradução de: El derecho a ler y a escribir.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007. 207 p. Tradução de: andar entre libros: la lectura literária en la escuela.

CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva. **O local do cordel na escola**. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado em Crítica e Cultura). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Alagoinhas, 2016.

CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva; GOMES, Carlos Magno. A oralidade do cordel no ensino de literatura. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Vol. 31. p. 94-106. dez. 2016. Disponível em: <<https://www.uel.br.net>>. Acesso em: 18 jul. 2019

_____. A performance do cordel como prática de leitura literária. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro. Revista 18, vol. 1. p. 44-57. Jan-/jun. 2016. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br>>. Acesso em: 06 Jul. 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. In: BUTTO, A. (org) **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009. Disponível em: <<http://www.sof.org.br>>. Acesso em: 18 Jul. 2019.

FRANCO, Isaquia dos Santos Barros; TESTA, Eliane Cristina. Escolarização da poesia no ensino médio. **Revista Estação Literária**. Londrina. Vol. 20. p. 204-215, março. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 184p

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso cordel. **Edu. Soc. Campinas**, vol. 23, n. 81, p. 115-142, dezembro, 2002. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br>>. Acesso em: 29 Jan. 2019.

GOMES, Carlos Magno. Estudos culturais e crítica literária. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 30, p. 53-68, 2011. Disponível em: <<http://www.anpoll.emnuvens.com.br>>. Acesso em 29 Jan. 2019.

GOMES, Vilma aparecida e GOULART, Claudia. A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita. In: **Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita**. Eliane Cristina Testa e João de Deus Leite (Orgs.). Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2019.

HAURÉLIO, Marco; SÁ, João Gomes de. **O cordel: sua história, seus valores**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, Presidente Prudente- SP, ano 9, n. 8, p. 1-28, Jan-jun 2006 Disponível em: <<https://www.mstemandados.org>>. Acesso em: 18 Jul. 2019

HERRERA, Karolyna Marin. Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. *In* Seminário Internacional Fazendo gênero 10 – Desafios atuais dos feminismos. Florianópolis, SC. 16 a 20 de setembro de 2013.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. **Revista Habitus**, Goiânia, v.5, n.1, p.149-167. jan–jun, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.pucgoias.edu.br>>. Acesso em: 19 Fev. 2019.

MENDES, Sandileuza Pereira da Silva. **A mulher na poesia de cordel de Leandro Gomes de Barros**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória - ES, 2009.

NOGUEIRA, Ariadine Maria Lima. Cordel, mulher e negritude: para uma experiência emancipatória em sala de aula. **Revista Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 13 – Ano VII – 05/2018** Disponível em: <www.ufvjm.edu.br/vozes>. Acesso em: 18 fev. 2019.

OLIVEIRA, Amurabi. Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação. **Educação Unisinos**. v. 17, n. 3, p. 271-280, set-dez, 2013.

PERRONE-MOISÉ, Leyla. Literatura para todos. **Revista do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada**. 2006. p. 16-29.

PINHEIRO, HÉLDER. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PPP. Projeto Político Pedagógico Do Colégio Estadual Getúlio Vargas. Secretaria de Estado da Educação, Juventude e Esporte. Aragominas, 2018.

Referencial Curricular do Tocantins. Secretária de Educação e Cultura. Palmas, 2019.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual da teoria literária**. Petrópolis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 158 p.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem... cordéis. **Grafos**, João Pessoa, v.8, n.1, jan-jul 2006, ISSN 1516-1536.

SANTOS, J.S; APINAJÉ, M. D. B. S; LEITE, J. D. **Livro didático de Língua Portuguesa: análise discursiva do eixo oralidade**, 2018, 18 p (mimeo)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Descomplicando o Ensino de Literatura. *In* ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ABL – Associação de Leitura do Brasil, 2008. p. 55-61.

SILVA, JR, Augusto Rodrigues. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. **Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB)** v. 22, n. 35, 2013. p. 7-10 Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SILVA, Sívio Profirio da; *et al.* Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

SOUSA, Leomar Alves de. **Projeto poetas na escola**: uma investigação acerca das práticas de leitura e de escrita de poesias. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína-TO, 2019.

SOUSA, Maria das Dores de; LIMA, Célia M^a Barbosa de Moraes; PENHA, Gisela M^a de Lima Braga. A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino na sala de aula. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, vol. 6, n. 2, p. 1-16, dezembro de 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.96 p. Tradução de: La Littérature en péril.

ZEICHNER, Kenneth M.; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de pesquisa**. v. 35, n. 125, p. 63-80, maio-agosto, 2005.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a Literatura Educa. *In* ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: ponto & contraponto. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ABL – Associação de Leitura do Brasil, 2008.p.17-32.

_____. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**. n. 14. Dezembro de 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu editora, 2018. 112 p. Tradução de: Performance, réception, lecture.

**APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DIRECIONADO AOS ALUNOS
COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS**

TURMA: 92.05 TURNO: MATUTINO

- 1- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NO ASSENTAMENTO?
- 2- VOCÊ MORA NA VILA DO ASSENTAMENTO EM QUE ESTUDA? SE NÃO, QUAL É A DISTÂNCIA DA ESCOLA ATÉ SUA CASA?
- 3- A QUE HORAS VOCÊ ACORDA PARA VIR À ESCOLA?
- 4- GOSTA DE MORAR NA ZONA RURAL? PORQUÊ?
- 5- VOCÊ ACHA QUE A MULHER EXERCE ALGUM PAPEL DE IMPORTÂNCIA NA ZONA RURAL? POR QUÊ?
- 6- VOCÊ MORA COM SEUS PAIS? SE NÃO, MORA COM QUEM?
- 7- SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS POSSUEM EMPREGO FIXO?
- 8- VOCÊ CONSIDERA QUE SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS COLABORAM NO SEU PROCESSO EDUCATIVO ESCOLAR? SE SIM, COMO? SE NÃO, POR QUE NÃO COLABORAM?
- 9- SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS TÊM HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA?
- 10- VOCÊ COSTUMA LER EM CASA? SE SIM, O QUÊ LÊ?
- 11- VOCÊ GOSTA DE LER?
- 12- PARA VOCÊ, A LEITURA CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS? SE SIM, COMO?
- 13- VOCÊ GOSTA DE LER ORALMENTE?
- 14- TEM FACILIDADE PARA FALAR EM PÚBLICO EM SEMINÁRIOS, DEBATES ETC? POR QUÊ?
- 15- OS PROFESSORES DE SUA ESCOLA COSTUMAM TRABALHAR A ORALIDADE EM SALA DE AULA? SE SIM, COMO?
- 16- VOCÊ GOSTA DE LER POEMAS? PORQUÊ?

17- VOCÊ GOSTA DE ESCREVER POEMAS?

18- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE O POEMA DE CORDEL?

19- SE SIM, O QUE SABE SOBRE ESSE TIPO DE POEMA?

20- VOCÊ JÁ LEU UM POEMA DE CORDEL?

21- SE SIM, ONDE?

22- JÁ ESTUDOU SOBRE O POEMA DE CORDEL EM SALA DE AULA?

23- SE SIM, LEMBRA-SE QUAL TEMÁTICA FOI TRATADA NO POEMA
ESTUDADO?

24- VOCÊ CONHECE ALGUM TÍTULO DE CORDEL? SE SIM, QUAL?

25- VOCÊ SABE O PORQUÊ DESTE GÊNERO SER CHAMADO DE CORDEL?

26- O QUE VOCÊ SABE SOBRE AS RIMAS E A METRIFICAÇÃO DE UM POEMA?

APÊNDICE 2- FOTOS DA MANHÃ LITERÁRIA

Imagens das ações realizadas com os alunos



Mural com exposição dos cordéis produzidos pelos alunos do 9º ano



Foto com as alunas do 9º ano que participaram da manhã literária



Foto aluna do 9º ano (Émily) declamando seu cordel

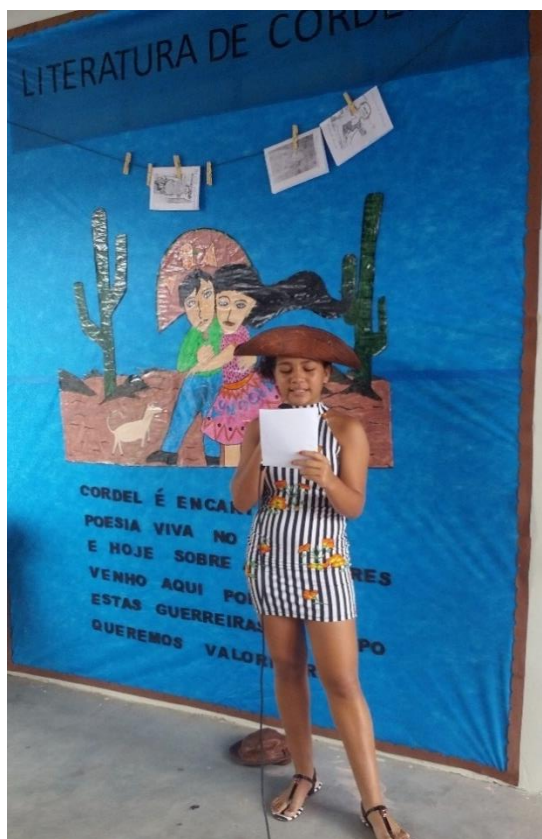


Foto aluna do 9º ano (Évyllé Lourrany) declamando seu cordel

APÊNDICE 3- PLANOS DE AULA



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 2 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(3) Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

HABILIDADES

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos

literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Questionário diagnóstico

Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos.

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Folhas impressas, computador, Datashow

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Aplicação de questionário diagnóstico de modo individual

Vídeos com animações de poemas de cordel: “A árvore do dinheiro” e “O cavalo que defecava dinheiro”

Discussão em sala sobre as temáticas dos poemas de cordel e as características dos poemas de cordel percebidas através dos vídeos.

AValiação:

Será realizada a partir da análise do questionário diagnóstico e das discussões orais sobre o vídeo acerca das características e temáticas desenvolvidas nos poemas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.

<https://www.youtube.com>



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 3 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(9) Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artísticas-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

HABILIDADES

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais

capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas como usem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.) dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música) playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Prática de leitura oral

Estratégias de leitura

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Folhetos de cordel

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Leitura coletiva do folheto de cordel “A história da donzela Teodora” de Leandro Gomes de Barros.

Análise do folheto lido quanto à temática.

Exposição de folhetos de cordel em sala para leitura extraclasse.

Compartilhamento oral em sala sobre o enredo, a temática, a posição assumida pelo autor dos folhetos de cordel.

Dinâmica para trabalhar com a produção de rimas.

AVALIAÇÃO:

O momento de oralização será analisado a partir da leitura e a oralidade de acordo com as discussões sobre as temáticas dos folhetos lidos, bem como o posicionamento dos alunos em relação aos temas discutidos.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 4 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(5) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos

olhares sobre as identidades, sociedades e culturas considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Folhas impressas, livro “Heroínas negras: em 15 cordéis”

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Leitura de biografias de mulheres negras presente no livro “Heroínas negras: em 15 cordéis”

Produção de entrevistas a partir das biografias das mulheres negras

Apresentação oral das entrevistas em duplas, sendo que os(as) alunos(as) interpretarão: entrevistador e mulher entrevistada

Após a encenação para apresentação da entrevista, a dupla lerá o cordel referente à personagem (mulher negra) representada.

AValiação:

Serão analisados desde a produção da entrevista, até a sua apresentação oral e a declamação dos poemas de forma a atender tanto o uso da escrita como da fala oral.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.

ARRAES, Jarid. **Heróinas negras brasileiras: em 15 cordéis**. 3ª ed. São Paulo: Pólen, 2017. 176 p.



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 3 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(1) Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(6) Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

HABILIDADES:

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre o tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos, etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.

(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados

Argumentação: movimentos argumentativos, tipos de argumento e força argumentativa

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Celular/computador

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Discussão em forma de debate sobre o papel exercido pela mulher da zona rural com perguntas do tipo: vocês acham que a mulher da zona rural é valorizada? Seu trabalho é reconhecido? Ela possui as mesmas oportunidades que o homem? Quem possui mais autonomia nas decisões da casa: o homem ou a mulher?

Pesquisa extraclasse sobre como a mulher da zona rural é vista no cenário nacional.

Discussão em sala sobre a pesquisa realizada sobre a mulher da zona rural na visão da sociedade.

AValiação:

Como a oralidade será o ponto forte das aulas em questão, priorizaremos observar a participação dos alunos, bem como sua argumentação, respeito ao outro na divergência de opiniões e capacidade de escuta.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 4 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(3) Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico cultural.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(2) Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

HABILIDADES:

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas

dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais

Estratégias de leitura (oralização)

Reescrita de produções textuais

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Folhas impressas das biografias, chamex para folhetos

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Análise de biografias de mulheres que se destacaram no cenário nacional na luta por causas rurais: Dorothy Mae Stang, Maria Margarida Alves e Raimunda Gomes da Silva

Produção de poemas de cordel a partir das biografias das mulheres

Correção e reescrita dos poemas de cordel sobre as mulheres em folhetos

Declamação dos poemas de cordel produzidos e discussão sobre os folhetos

AVALIAÇÃO:

A análise do desenvolvimento da atividade proposta envolverá desde o processo de escrita, reescrita até a apresentação oral dos poemas em sala.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.

<https://paraibahoje.wordpress.com/2013/08/12/uma-historia-de-luta-pelos-trabalhadores/>

<https://www2.uft.edu.br>



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Governo do Estado do Tocantins

PLANO DE AULA

COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

TURMA: 92.05

DURAÇÃO: 4 aulas

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

COMPETÊNCIA GERAIS:

(3) Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico cultural.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(2) Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

HABILIDADES:

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas

dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, - contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto a tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que coenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais

Reescrita de produção textual

Estratégias de Leitura (Oralização)

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS:

Chamex para folhetos, caixa de som, microfone

METODOLOGIAS/ PROCEDIMENTOS:

Discussão em sala para escolha das mulheres da comunidade a serem entrevistadas sobre como elas se reconhecem ou se veem como mulheres do campo, e que papel estariam (ou não) exercendo neste cenário.

Entrevistas extraclasse com as mulheres escolhidas para o resgate de sua história.

Produção de poemas de cordel a partir da história resgatada à cerca das mulheres locais.

Análise e reescrita dos poemas de cordel sobre as mulheres locais.

Produção de folhetos de cordel com os poemas produzidos sobre as mulheres da comunidade.

Ensaio de declamação dos poemas em sala de aula a fim de alcançarem a entonação e a performance necessárias

Declamação dos cordéis em manhã literária para toda a escola e comunidade.

AValiação:

Todo o processo de produção escrita, reescrita dos cordéis serão analisados, assim como o momento oral a partir da declamação dos poemas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.